REVISTA

— DA —

ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

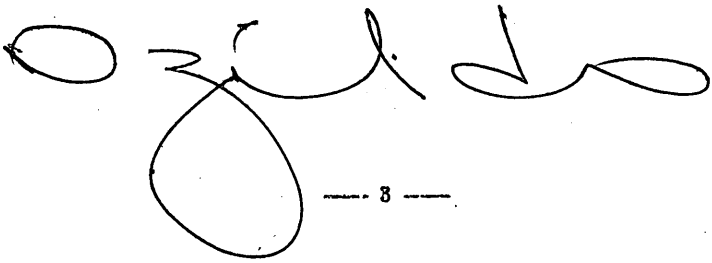
Vol. I — ANO de 1951

Diretor (responsavel)

NESTOR LIMA

Natal—Rio G. do Norte

TIP. DO CENTRO DE IMPRENSA S. A.



Academia Norte - Rio Grandense de Letras

DIRETORIA E COMISSÕES EM 1951 :

Presidente	— Paulo Pinheiro de Viveiros
Secretario Geral	— Vago
1.º Secretario	— Manoel Rodrigues de Mélo
2.º Secretario	— Edgar Barbosa
Tesoureiro	— Clementino Câmara
Bibliotecario	— Virgilio Trindade
Diretor da Revista	— Nestor Lima
Comissão de Revista	— Carolina Wanderley, Aderbal França e Américo de Oliveira
Comissão de Contas	— Bezerra Junior, Francisco Ivo e Palmira Wanderley.
Comissão de Sindicancia	— Antonio Fagundes, Esmeraldo Siqueira e Floriano Cavalcanti
Comissão de Regimento	— Antonio Soares, Helio Galvão e Mons. José Adelino.

EDITORIAL

Cumprimento de um voto

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (A. N. R. G. L.) apresenta hoje ao povo do Estado o primeiro numero da sua "Revista", que é o orgão de imprensa destinado a afirmar a sua existencia nos dominios das letras potiguares.

Muito tardou ela a comparecer perante o publico, desde a sua organisação, por causas e razões que não vem a pêlo esmiuçar; mas, a verdade é que, hoje, é lançada aos azares da publicidade, para cumprir o voto e o compromisso, desde a fundação da Academia, assumidos pelos seus componentes fundadores, em face dos contemporaneos.

Não será um órgão de combate ou de lutas, por uma ou outra ideologia; não pretende reformar o mundo das letras, nem modificar-lhe a trajetoria na época que passa.

"A Revista" se destina a registrar cautelosamente os passos da vida do grêmio que a mantem, registrar os fastos majores da associação, colaborar no engrandecimento das letras e das artes coetâneas, para leva-las, si possivel, a um nivel elevado e conveniente.

Nada de greis, nem "igrejinhas", nada de escolas nem de credos serão tratados nas páginas do novo *magazzine* literário, que enfrenta a opinião pública, no simples desejo de servir as manifestações mentaes dos conterrâneos, que, associados na Academia, pelejam o bom combate, em prol da lingua nacional e da literatura regional, especialmente.

Desejamos contribuir na medida das forças pelo bom nome das letras e das artes potiguares, quaesquer que sejam as suas possibilidades, suas fontes, ou suas modalidades.

Ela se apresenta, no primeiro numero, com as suas varias seções, mais ou menos escolhidas, sendo que a primeira encerra os discursos de recepção na Academia e as saudações ao recemvindo, na ordem em que foram proferidos, a contar de 22 de abril de 1939, durante os varios anos de existencia da Academia e na proporção dos que se apressaram em assumir as suas cadeiras e fazer o elogio dos seus patronos; a segunda seção compreende colaborações avulsas sobre poesia, oratoria, biografia, teatro, romance e conto, além de notas sobre artes ou conhecimentos geraes; a terceira corresponde ao *Expediente* da Academia, para publicar os seus Novos Estatutos e o Novo Regimento Interno, atualmente em vigor, as deliberações, noticias, empreendimentos e publicações de utilidade administrativa, inclusive topicos de interesse para a vida da agremiação e dos seus associados.

Outras seções poderão ser incluidas, de futuro, no plano da "Revista", si assim entenderem os seus dirigentes.

Haverá, porém, uma deficiencia no trabalho da "Revista", de que não nos podemos exculpar: é a ausencia das atas dos dez (10) primeiros anos da Academia, que se não puderam restaurar, ou restabelecer, em razão de não terem sido lavradas umas e outras terem-se extraviado, em notas á parte, em mãos dos que ocuparam a secretaría, nesse periodo.

Mesmo porque a Academia viveu precariamen-

te esses primeiros dez (10) anos de sua existencia, sem séde própria, nem certa, ao léo da sorte, óra se reunindo em casa do seu fundador, o academico Luis da Camara Cascudo, á avenida Junqueira Aires, óra nos salões de aula do Instituto de Música, de Waldemar de Almeida, á Rua Vigario Bartolomeu, óra em outros pontos da cidade.

Quando, porém, a convite do nosso companheiro Nestor Lima, presidente do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Norte, teve a Academia provisoriamente por séde o prédio n.º 622 á Rua da Conceição, nesta cidade, abriu-se-lhe, na existencia, uma nova fase, que se vem desenvolvendo vantajosamente, até que seja possivel instala-la definitivamente no prédio a ser construido á praça Tomás de Araujo, bairro alto desta cidade, em terreno foreiro municipal, já devidamente cedido e transferido pela Municipalidade de Natal á Academia de Letras, por iniciativa do nosso ilustre presidente, Paulo Pinheiro de Viveiros.

Deste modo, excusâmo-nos de apresentar um fiél transunto das atividades academicas, na primeira decáda de sua vida e esperamos conseguir fazê-lo nas fases ulteriores, para que fique registrada permanentemente toda a contribuição dela derivada em pról das nossas letras.

Ao publicar este primeiro numero da "Revista" sem a precisão das obras fundamente programadas e delineadas com a visão dos mestres do periodismo cultural e sem as possibilidades de uma organização segura e bem norteada, confia a comissão de redação da "A Revista" que ela satisfará a curiosidade e o interesse dos nossos companheiros e dos bons leitores de dentro e fóra do Estado, alistando-se no rol das Revistas das Academias congeneres de outros Estados, que já conquistaram o apoio e o aplauso da imprensa diaria e são modêlos de organisação e de periodismo e que muito bem depõem em favor do êxito das Academias de Letras, unificadas no Rio, através da Federação das Academias de Letras do Brasil,

(FALB), que tão alto exprime e abrilhanta o movimento literario em nossa pátria.

São os propósitos da "A Revista", ao lançar-se aos ares da publicidade, na esperança de contribuir para o maior brilho das letras nacionaes e particularmente, do Rio Grande do Norte.

Cadeiras e Patronos

Moreira Brandão em confronto com a nossa época

(Discurso de recepção a 22 abril 1939)

EDGAR FERREIRA BARBOSA

Os primeiros passos da vida pública fazemo-los entre galerias, colhendo impressões que se não apagam e que só a emoção consegue transmudar em misterioso enternecimento. Em meio do caminho, ainda nos guiamos por aquele desenho da criança, esquecida pelo homem, e que pareceu a Nabuco o traço todo da vida. E o nosso enlevo se volve, na escola, à primeira porta do mundo, para aqueles semblantes que nos espreitam sob os vidros de suas velhas molduras, uns sorrindo complacentemente ao entusiasmo dos moços, outros de olhar fixo e austéro, como que formulando á atualidade leviana uma única e solêne interrogação.

x x x

Chego a vossa presença titubeando, pois sou um egresso dessas galerias, onde aprendí a amar apaixonadamente o passado, sem nunca, entretanto, compreênde-lo ou desvenda-lo, porque a sua influência em minha formação eu a aceitei mussulmanamente, com todos os véus da fé que não discute nem indaga. Lisongeia-me essa condição espiritual de haver nascido sob o signo de uma geração que não tentou um desses rompimentos definitivos e súbitos com o passado, e que, segundo Macaulay, tornam duas gerações consecutivas tão diferentes uma da outra como se pertencessem a povos estranhos.

Não relegámos o passado nem retrocedemos até onde os garimpeiros da história costumam venera-lo. Ele veio até nós como se adivinhasse os anseios da nossa época, e nos trouxe precisamente o que mais falta a nossa época, a poesia sem as ruinas e o musgo do romantismo, a estética

sem gregos nem romanos, a filosofia libperta das crueldades do dogma e a própria vida dos homens sem a frieza das datas nem o deslumbramento das suas glórias. O passado nos deu tudo isso e mais a coragem de enfrenta-lo sem a timidez dos que marcham sob a penumbra.

Em uma das frases de cuja concisão só ele tem o segredo, Abel Bonnard definiu a glória como sendo a insonia dos mortos. Não deveriamos fazer essa injustiça aos mortos, atribuindo-lhes uma ambição pela qual muitos vivos não dormem. Mas, se a glória porventura perturba o grande sôno, é porque o presente insiste em exumar o passado e na verdade caminhamos entre catacumbas, na peregrinação das nossas incertezas.

x x x

Não há como confessar que aquí estou em nome de uma geração que conseguiu vencer a apatia que domina os Canaques. Para esses selvagens australianos, que não têem passado nos verbos da sua algarávia, o ontem é uma abstração mais vaga do que uma estrêla perdida entre milhões de estrêlas. E devem viver bem os Canaques, tão certo é serem felizes os povos que não têem história.

E qual é, entre nós, o mais sutil liâme que nos prende ao majestoso silencio daquelas galerias a que aludí, e aonde alguns retratos lançam sôbre as paredes brancas o apêlo de uma vitalidade que se não compadece com o jazigo dourado da gloria? E' que nos achamos em uma idade vulcanica, irremissivelmente condenados a presenciar uma transição e a tomar parte nela. A cratéra se acendeu, como um obuz imenso, e a lava e a cinza se desfazem no ar, em meio ao clamor profetico dos que advertem sem esperança.

Essa é a angustia da minha geração, a herança do milenio, o distico faraônico que se gravou no muro de 1930.

x x x

Insensivelmente nos homisiámos na literatura. A crise do Direito, a inquietação do Direito, a predominancia do conceito soreliano da vida, que tentou vencer o século XIX, atraiu-nos ao passado, porque pediamos uma solução, um

rumo e um destino na infinita babel sem rumo e sem destino. A literatura nos valeu, ao menos, como uma esperança. E já que a época nos indusia a esperar, a esperar sempre, já que nos fôra dada uma sorte quiliástica, o exilio dentro do pensamento redimia a nossa angustia e essa penitenciária era uma libertação.

Nela a sombra é amiga e não ameaçadora. Convivemos com os quadros familiares, com as cousas que nascemos amando e que sorriem para nós uma saudação intima e transbordante de ternura. É a terra, é a gente, é tudo que é nosso e que nos dá alento para não morrer e não renunciar. Basta-nos trazer para aquí, por exemplo, a paisagem do Baldo, adormecido e abraçado com uns restos da Natal antiga. Há gente que vem e volta e dentro da noite que se entremostra, o riozinho acorda, exalando um timido suspiro de saudade. O bonde que passa, aquela população cansada e indiferente, a claridade forte das lâmpadas, são profanações nos últimos redutos da Natal que recordamos. Mas, na amargura da tarde que morre, o Baldo de outróra ressuscita e o seu pequeno rio sonóro traz até nós as vozes dos poetas que passaram. As arvores clamam pelos que, há quarenta anos, cantaram sob as suas folhagens, e a paisagem toda se oferece, nos seus recessos de nostalgia e doçura, aos fantasmas dos trovadores mortos.

É bem certo que quase ninguem mais atende a êsse apêlo silencioso e é em vão que as sombras de Lourival Assucena, Itajubá e Gotardo gemem as suas cantigas nas cordas dos violões maviósos, tentando despertar os companheiros. Sim, tudo morreu no Baldo, a velha Natal e os seus velhos poetas líricos. A lua sorrí, no alto, com uma ingenua melancolia de namorada esquecida. E o pequeno rio sussurrante vai levando para bem longe, para uma distancia que a gente só advinha no coração, as paixões e os sonhos que não morreram e que toda a noite ressurgem no estuário evocativo do Baldo, á espera dos seresteiros que nunca mais voltaram.

x x x

José Moreira Brandão Castelo Branco, tal como nos aparece na austeridade da moldura em que a sua existência

o colocou, era, á semelhança de nós outros, um refugiado. O mundo que se formou em torno dele agitava questões que não mais pertencem a este mundo. A política o arrastou para o seu torvelinho com todas as seduções do regimen adolescente, proporcionando-lhe o estímulo de heroicas amizades e a emulação de grandes adversários da estatura de Pedro Velho. Dez vezes deputado provincial, três vezes deputado geral, secretario de Presidencia, diretor da Instrução Pública, Moreira Brandão deu causa á fundação do partido liberal na Provincia. Sua conduta, sua técnica política, sua maneira de enfrentar os dissabores das lutas partidarias, são exemplos do passado e não podemos acusar o presente de os não haver seguido. A própria Inglaterra de Disraeli e Gladstone não foi capaz de preservar esse passado na longa e rumorosa história da sua evolução democrática. A lembrança de Moreira Brandão nos sugere, melancolicamente, esse confronto com os dois grandes chefes da éra vitoriana. Ele era uma alma de instintos puros, como argutamente o retratou Luís da Câmara Cascudo em um perfil biografico que é, com o de Tavares de Lira, o mais claro depoimento sobre a vida do chefe liberal conterrâneo.

Não podemos asseverar que Moreira Brandão tenha sido um sacrificado pela politica, mesmo na época em que os postos políticos exigiam sacrificio. Mas êle foi, sem dúvida, um disciplinador dos metodos partidarios, um capitão que só sabia combater com as armas da tolerância e da lealdade. Vendo-o nos estertores do antigo regimen, quando a evidencia do triunfo republicano se sobrepunha á marcha valetudinária da monarquia, é que compreendemos o seu desinteresse e a energia espiritual de sua autoridade.

Compreendemos igualmente porque agóra, Moreira Brandão se acha conosco, em sintonia com os outros patronos desta Casa, que representaram, com ele, ou antes dele, um momento da vida do Rio Grande do Norte. A semelhança do homem, cuja memória me traz a esta Academia, outras vidas passaram indiferentes aos acenos da literatura, mas não puderam fugir ao jornalismo. Durante certo tempo, que não vai longe, o jornalismo vivia em função da política e o jornal se editava porque o artigo de fundo era um estimulante necessário ao prazer de doutrinar,

mesmo quando não havia doutrina e sim apenas eleições. Sentimos, ainda hoje, nas salas de redação, esse desejo de fazer o antigo jornalismo do artigo de fundo, porque esse é sempre uma fuga para a literatura e em todos nós a literatura continúa a ser um devaneio inconfessado.

Jornalista, Moreira Brandão foi, ainda, um homem fóra do seu tempo, um precursor que se diferenciou de sua época pela concisão do estílo, sério, substancial, disciplinado, mesmo no ardor das refrégas eleitorais. Essa atitude não comportava o odio, que exalta, nem as prolongadas incompatibilidades que põem em perigo as democracias pelo afastamento pessoal dos seus homens representativos. Sob esse aspécto, Moreira Brandão preferiu ser coerente consigo mesmo, com a sua educação e a sua indole, a mutilar-se para brilhar mais alto, como satelite dos queridos da fortuna.

Eis o drama de todos os incompreendidos e a Ilíada interior daqueles que abafaram seu desejo sofrego de Poesia. Sómente a atualidade poderia situar o velho Moreira Brandão em seu justo relevo no cenário histórico norte riograndense, projetando-o diante de nós livre dos arrebatamentos da platéia e com a nitidez recortada em sua própria figura. É que o seu espírito de forte irradiação não se esbateu nas frinchas do muro que ainda hoje limita os dois campos do pensamento nacional, cuja diversidade de idéas avulta no jornalismo e na literatura.

Devemos ser mais claros: — de um lado uma confusa coórte de racionalistas e de misticos, em promiscuidade com positivistas "snobs" e céticos profissionais. Prestidigitadores da cultura, alheios às condições do mundo e pensando que o mundo se encerrou nos catálogos das livrarias. Pensadores o são só pela atitude cinematografica de pensar e que apenas percebem as letras espetaculares do cartaz desportivo ou a última sensação dos "studios" da California. Rebeldes por pedantismo intelectual, nem são capazes de dizer porque se rebelam e a sua crença é um fetichismo vagamente construido de simbolos esotericos e guirlandas de cordões carnavalescos. Do outro lado, eis o salão conventual onde estudaram e refletiram Tavares Bastos, Alberto Torres, Euclides, Jackson de Figueiredo e mais alguns outros que im-

primiram itinerário seguro ás aspirações da mocidade, senão também ao próprio Brasil. Os rebeldes os detestam, porque para eles a gloriosa rebeldia é a dos heróis que ficam de castigo na escola, para quem a Nação é um caso perdido, uma senzala exposta ao sól e ás veleidades do primeiro imperialismo que nos mostre os dentes.

José Moreira Brandão Castelo Branco existe conosco justamente por essa crença na terra, por essa confiança em que não haveremos de perecer. Em redor da sua memória não se armou a camara ardente dos julgamentos definitivos, nem a Academia se convocou para absolver ou condenar seus patrocinadores. O que vemos em Moreira Brandão é sobretudo um norte riograndense estreitamente ligado ao seu pôvo, um homem do interior que se prendeu á terra com aquêle amor de camponez, de que nos fala René Bazin. A metropole, a Côrte, o murmurio dos debates parlamentares só existam para êle no sentido do bem que poderiam trazer ao seu Rio Grande do Norte.

x x x

Minhas Senhoras e Meus Senhores: —

Conta Oscar Wilde que um homem era muito estimado em sua aldeia porque narrava histórias. Todas as manhãs êle saía e, quando voltava, á tarde, reuniam-se em torno dele as pessoas do lugar e diziam: — "Vamos, conta. Que viste hoje?" E o homem tinha sempre uma história maravilhosa para contar. Certa vez, era um músico encantado que êle vira na floresta, tocando para fazer dansar uma roda de pequenos selvagens. De outra vez, tinha visto na praia três sereias deslisando á superficie das ondas e penteando as cabeleiras verdes com seus pentes de ouro e esmeraldas.

Certa manhã, como nas anteriores, êle saiu da aldeia e viu, realmente, na floresta, o músico encantado a tocar para uma farandula de selvagens bailarinos. E quando se aproximou da praia surpreendeu também três sereias, nadando á flôr das vagas e penteando os cabelos verdes com seus pentes de ouro.

Naquela tarde, de volta á sua aldeia, quando lhe pediram para contar o que tinha visto, no seu dia de trabalhos e canseiras, o homem que sempre contava histórias

maravilhosas respondeu: — Hoje não ví cousa nenhuma.

Vossa generosidade, meus ilustres companheiros, fez de mim o homem que sabia histórias. Mas, no dia em que me chamais a uma demonstração pública da qualidade que me ensejou a honra da vossa companhia, eu apareço como o lenhador estarrecido ante as maravilhas que surpreendeu, e, incapaz de conta-las, apenas sei dizer: — Hoje não vi cousa nenhuma. Valho-me da complacencia da Academia e de todos vós, minhas senhoras e meus senhores.

Amaro Cavalcanti

Homem de pensamento e de ação

(Discurso de recepção a 15 de agosto de 1939)

JUVENAL LAMARTINE

Escolhendo Amaro Cavalcanti para meu patrono na Academia Norte-Riograndense de Letras, quís não só prestar a homenagem de minha admiração à maior figura intelectual do Rio Grande do Norte, em todos os tempos, como expressar o meu reconhecimento pela amizade com que, em vida, me honrou esse homem superior e inconfundivel.

Nos estreitos limites de um discurso não me será, certamente, possível acompanhar e estudar devidamente a trajetoria da carreira pública de Amaro Cavalcanti. Sua vida, sua atividade política e os notáveis trabalhos que publicou sôbre os mais variados assuntos oferecem material abundante e precioso para um grande livro, que se me sobrasse tempo e não me faltasse talento, ainda tentaria escrever.

Para um empreendimento de tamanha envergadura torna-se, porém, necessário um exâme minucioso de seu arquivo, do meio político, econômico e social em que viveu e formou o seu espírito, e uma grande capacidade de observação e de crítica, que só um escritor de raça possuirá em quantidade suficiente para um estudo que tal.

Sei quanto é formidável a responsabilidade que assumí, abalançando-me a fazer o elogio de Amaro Cavalcanti sem apoucar o seu extraordinário valor intelectual e sem cair na vulgaridade dos elogios incolores e inespressivos. Raros são os brasileiros que podem suportar o confronto com o grande seridoense e nenhum foi, mais do que êle, o produto do seu próprio esforço.

Amaro Cavalcanti nasceu a 15 de agôsto de 1849, na fazenda Logradouro, próxima a Jardim de Piranhas, no

municipio do Caicó. Seus pais foram Amaro Soares Cavalcanti de Brito e Ana de Barros Cavalcanti, sertanejos honrados, mas tão pobres, que para manter sua numerosa familia, o velho Amaro ensinava primeiras letras às crianças dos poucos fazendeiros, que naquela época podiam enviar os filhos à escola. Mestre Amaro, como era conhecido em virtude de sua profissão, ganhava apenas para viver com grande modestia, sem poder dar outra educação aos filhos além dos conhecimentos das letras primárias, que êle próprio possuia e ia transmitindo aos seus alunos, a 2$000 por cabeça e por mês.

O meio era áspero, a casa em que Amaro nasceu e passou a sua primeira infancia era de aspecto pobre, cercada de taboleiros desnudos e pedregosos. Durante os tristes e longos meses de estiagem, não se sentia a alegria de um riacho, sussurrando por entre os seixos do seu leito, nem as aves vinham cantar e noivar sob a copa de arvoredos frondosos, amenizando a rudeza de uma natureza hostil, a desafiar as energias dos que a tentavam dominar e corrigir.

A maioria da população vivia em grande penuria econômica, quase vizinha da miseria. O ano de 1845 ficara tristemente assinalado por uma das maiores sêcas das que flagelaram o nordeste sofredor, no século passado, reduzindo os rebanhos, que constituiam a única fonte de riqueza da época, a menos de 10%. Muitas fazendas de criar desapareceram, a escassa população sertaneja emigrára em massa para o litoral, deixando os caminhos assinalados pelas cruzes a lembrarem tristemente os que tombaram de fome e de sêde.

Amaro e João Maria, seu único irmão varão, cresceram nesse ambiente. Desde crianças, porém, revelaram hábitos e tendencias diferentes, embora sempre unidos por uma amizade que só a morte extinguiria. João Maria, o mais velho, saíra à mãe, piedoso, dócil, compadecendo-se até ás lagrimas, qual outro São Francisco de Assis, da dôr alheia, fosse um homem ou um animal o que padecesse, seria mais tarde o sacerdote exemplar, benfeitor incomparável dos humildes e dos que sofriam moral e fisicamente, o santo canonizado já pelo assentimento unânime de toda uma po-

pulação, que soube apreciar o tesouro inesgotável de suas virtudes e recebeu, a mãos cheias, os beneficios de sua bondade inexcedível, de sua alma caridosa e de seu espírito de renúncia. Amaro, porém, herdara a energia, a tenacidade e a coragem do pai e dos Cavalcantis, que pontilharam a história do Brasil, desde as lutas contra os holandeses, de feitos admiraveis de energia e de bravura. Vivo, irrequieto, impetuoso, vibrando, desde criança, deante dos lances arriscados, que os vaqueiros ágeis e robustos praticavam nos dias de vaqueijada, Amaro se imporia, mais tarde, como homem de ação: professor, advogado, jornalista, político, estadista, magistrado, orador e publicista, tudo com marcado relêvo e brilho invulgar.

Mestre Amaro decidira fazer dos dois filhos varões um padre e um doutor. Não era homem para esmorecer deante das dificuldades que se lhe antepunham. Logo que eles concluiram o curso primário, se transportou para Caicó, onde funcionava uma aula de latim, dirigida pelo professor Pinheiro, grande sabedor da lingua de Virgilio.

Amaro salientou-se desde os primeiros meses de estudo entre todos os alunos do professor Pinheiro, e como lhe faltassem recursos para comprar os clássicos latinos, os colegas emprestavam-lhe os livros, contentes em auxiliar um companheiro tão brilhante que, vezes por outra, discutia com o mestre sobre a verdadeira tradução e interpretação de um verso de Horacio ou de um trecho de Virgilio.

As cadeiras de ensino do latim, que funcionaram, por esse tempo, em varias cidades do interior, exerceram acentuada e salutar influência na formação social do nosso sertanejo. O **interland** do Rio Grande do Norte foi povoado por gente vinda de Pernambuco e da Baía, ramos da velha nobreza portuguesa, que transportada para este lado do Atlântico, criou, nessas provincias, a famosa aristocracia rural, que tanto prestigio gozou na política brasileira do segundo reinado. O Seridó sempre teve, mesmo antes do Senador Guerra, professores de latim, que deram aos filhos das familias mais destacadas o conhecimento das letras clássicas e o gôsto das boas leituras.

Alguns dos rapazes, que frequentavam as aulas de latim, iam aperfeiçoar seus estudos e alargar seus conheci-

mentos no famoso colégio do padre Rolim, de Cajazeiras, ou se dirigiam para Olinda, afim de seguir a carreira eclesiástica. Explica-se assim a razão do grande prestigio, que desfrutaram no Seridó, os dirigentes políticos dos varios municipios em que hoje se acha dividida essa região. Ciosos dos fóros de nobreza de seus antepassados, relativamente cultos para a época e para o meio, imbuidos de noções de honra e de cavalheirismo, conseguiram plasmar uma sociedade, que ainda hoje resiste aos elementos de desagregação, que a tentam enfraquecer.

Foi nesse ambiente de um feudalismo atenuado que Amaro, em cujas veias corria o sangue ardente dos intrépidos Cavalcantis, viu passar a sua adolescencia. Deu-se, porém, com êle o inevitável: apaixonou-se por uma moça de familia abastada, que criou forte oposição ao casamento, por ser Amaro pobre. Como Goëthe, fugindo de Strasburgo para esquecer uma paixão, Amaro abandonou o Caicó e, depois de trabalhar como empregado no comércio, profissão que se não coadunava com o seu temperamento e aspirações, veio, em 1871, ensinar num colégio desta capital.

Data dessa época a segunda fase de sua vida o que iria influir em sua carreira pública, sempre em ascensão para a glória.

Ensinando nesta capital para viver, ia aplicando todas as horas disponíveis ao estudo. Sem relações de familia e com raros conhecimentos em Natal, sobrava-lhe tempo para se entregar com energia à sua paixão, que era o conhecimento das linguas e das ciencias sociais.

Sua permanencia aquí, foi, porém, curta. Chegando-lhe a notícia de que estavam abertas as inscrições para um concurso de retórica no Maranhão, embarcou para São Luís onde chegando, sem proteção de pessôa alguma, confiando apenas nos seus própros conhecimentos, inscreveu-se para o concurso. Fez uma prova brilhante, que forçou a mesa examinadora a lhe conceder o primeiro logar.

A nomeação, porém, dependia do Presidente da Provincia, que escolheu o segundo classificado, protegido e amparado pela política dominante.

A injustiça que sofreu e os sacrifícios feitos, em pura perda, não lhe abateram o ânimo; atuaram, ao contrário, no

seu espírito combativo e impávido com um incentivo, a mais, para conquistar, pelo próprio esfôrço, um logar que lhe servisse de ponto de apóio à ação de homem público, que era o seu ideal. A classificação de Amaro, em primeiro logar, num concurso de retórica, no Maranhão, valeu-lhe muito mais do que o cargo que disputou, pois aquela provincia gozava a fama, na época, de ser a mais culta do Brasil, e era por isso denominada a Atenas brasileira.

Regressando do Maranhão desembarcou no Ceará, especialmente para assistir à ordenação de seu irmão João Maria. Os fados o protejeram. Estavam abertas as inscrições para provimento da cadeira de latim da cidade de Baturité. Amaro inscreveu-se para o concurso e com surpresa geral obteve o primeiro logar nas provas de exame, sendo nomeado para a cadeira pleiteada, cujo ordenado era de 60$000 mensais. Nessa cidade cearense, residiu quatro anos, praticando a advocacia, como rábula, cujos honorarios, acrescidos de 10$000 mensais, economizados de seus parcos ordenados de professor de latim, ia pondo de lado para a viajem, que havia muito projetava fazer ao estrangeiro.

Foi em Baturité que escreveu seu primeiro livro, **Religião**.

Com as pequenas economias pacientemente feitas, empreendeu, em 1877, uma viagem à Europa, afim de se pôr em contacto com sua admirável civilização, e de lá atravessou o Atlântico norte, para os Estados Unidos, matriculando-se na Union University, de Albany, capital do Estado de New York, onde se formou em direito, defendendo tese e obtendo o primeiro logar entre os 58 colegas da turma que, em 1881, com ele terminaram o curso na famosa Universidade, sendo-lhe, por isso, conferido o honroso qualificativo de **Prophet**, criado para o aluno mais distinto e instruido da classe.

O diretor da Universidade de Albany apresentou-o à Côrte Suprema dos Estados Unidos, que por sua vez lhe conferiu o título de **Counsellor at Law**. Regressando ao Brasil Amaro revalidou seu título de doutor na Faculdade de Direito do Recife. Voltou depois ao Ceará, onde exerceu o logar de Diretor do Liceu de Fortaleza e em seguida o de Inspetor de Instrução Pública, nas administrações dos presi-

dentes da provincia, Leão Veloso, Sancho de Barros Pimentel e Domingos Rayol, que encontraram em Amaro um colaborador insubstituível, pelos seus conhecimentos do problema do ensino público, e rigorosa exação no cumprimento dos deveres de seu cargo.

Leão Veloso, quando ministro do Império, em 1886, convidou-o a ir à Côrte, afim de tomar parte, como representante da provincia do Ceará, no Congresso de Instrução, que se reuniu no Rio de Janeiro, sob a presidencia do Conde d'Eu, sendo-lhe distribuida a tese **Ensino moral e religioso nas escolas públicas.** O seu relatório, que constitue um trabalho completo e substancioso, foi aprovado e louvado unânimemente pelo Congresso.

No ano seguinte, em 1884, entrou em concurso de latim, no Colegio Pedro II, presidido pelo proprio imperador. Conseguiu ser classificado em primeiro logar e nomeado lente desse importante estabelecimento de ensino, tendo revelado conhecimentos profundos da lingua latina.

Amaro Cavalcanti encerrou, nesse ano, a fase de suas atividades pedagógicas, tendo publicado diversos e notáveis trabalhos sobre o problema do ensino, focando e agitando varios de seus aspectos.

Data de 1884 uma nova fase da vida de Amaro Cavalcanti, e esta, incontestavelmente, a mais interessante, a mais agitada, a mais compatível com seu temperamento de combatente destemeroso e infatigável. Foi a fase política, e nisso ainda lembra Goëthe.

Nesse ano de 1884, Amaro Cavalcanti ingressou na política, sendo eleito deputado à Assembléia Geral Legislativa pelo 2.º Distrito do Ceará. Tendo sido considerado líquido o seu diploma, tomou parte nas reuniões preparatorias da Assembléia, funcionando numa das comissões de reconhecimento de poderes. Na ocasião, porém, da votação do parecer que o reconhecia, um deputado apresentou uma emenda, que foi aprovada, mandando substituir seu nome pelo de outro candidato. Esse processo de depuração foi mais tarde adotado no regime republicano, em reconhecimento de poderes.

.. ..

Rio de Janeiro, advogando e fazendo pela imprensa a propaganda da República. O longo contacto que teve com a democracia americana, exerceu profunda influência em seu espírito, ávido de liberdade e de independencia.

Inteligencia privilegiada, servida por uma grande cultura, esse batalhador incansável não podia se abrigar a outra sombra que não fôsse a da democracia liberal.

A democracia norte-americana, que alimentou o espírito de Amaro Cavalcanti, numa idade em que as boas idéas encontram terreno permeável para expandir suas raizes, é filha legitima da Inglaterra, onde ainda hoje, no momento crepitante que atravessamos, os seus estadistas centralizam o problema político nas relações entre os cidadãos e o Estado, cuja importancia essencial e razão de ser de sua ação, todos reconhecem como necessarias, quer se viva sob um regime democrático, ou sob um regime autoritario.

O regime autoritario, onde a ação do Estado é livre de todo o controle, é tão perigoso como o capitalismo não controlado.

O excesso de governo mata, neste regime, toda iniciativa individual e impossibilita as nações de passarem pelas mudanças e adaptações a que estão permanentemente sujeitas e que constituem sua propria razão de ser.

"O laborioso esforço, que construiu a civilização moderna, o resultado benéfico das recentes conquistas das fontes de produção da natureza, o sentido mais profundo que adquirimos de nossas mútuas responsabilidades, tudo seria inutil, diz um escritor inglês contemporâneo, se o resultado fosse aniquilar o individuo e fazer dos cidadãos um rebanho de **homens carneiros**, impotentes e paralizados deante da onipotencia do Estado".

As instituições democráticas britânicas, transplantadas diretamente para o Brasil do dominio monárquico, e através dos Estados Unidos, depois da proclamação da República, bebem sua seiva no espírito de empreendimento e de iniciativa dos cidadãos. Segundo essa tradição, todas as classes da sociedade vivem em contacto, entre si, por meio dos órgãos do governo local e central e seus numerosos centros de serviço social, estabelecendo-se, desse modo,

mútua compreensão dos problemas de cada um e o hábito de agir em conjunto. A opinião pública, ou como se diz hoje na Inglaterra, o **homem da rua**, é uma fôrça com a qual é preciso contar, pois os êrros e as malversações no dominio político e social abalam profundamente o sentimento do pôvo, contra o qual, mesmo agora, nenhum govêrno póde se manter, nos países de democracia e livre crítica.

Quem tivesse olhos para ver o panorama político do Brasil, nos últimos anos da monarquia, não podia se enganar no prognostico sobre a sorte do govêrno, instituído aquí pelos Braganças.

O imperador doente e precocemente envelhecido, era uma sombra; a simpatia que inspirava sua veneranda pessoa não bastava para sustentar o trono. Os fatores que conduzem a política são egoistas e interesseiros. O estômago predomina sôbre o coração e a deslealdade encontra sempre uma justificativa no suposto interesse pelo bem político. A abolição da escravidão, prejudicando economicamente os proprietários, retirou o apoio que a monarquia encontrava na lavoura, que era a única fôrça, na época, com aparencia de organização no Brasil.

A propaganda republicana se fazia abertamente pela imprensa e nas escolas. Amaro não estava, porém, filiado à corrente positivista chefiada por Benjamim Constant. Sua orientação filosófica obedecia a um ecletismo criticista, que se não coadunava com o dogmatismo comtista, estreito demais para um espírito da envergadura do seu educado na luta áspera pela vida e no contacto da grande democracia americana, cujo direito público assimilou e serviu de base à sua formação política e jurídica.

No parlamento e na suprema magistratura do país, onde viria ocupar mais tarde logares de grande destaque, Amaro orientar-se-ia sempre pelos principios democráticos e liberais, auridos nos julgados da mais alta Côrte de Justiça dos Estados Unidos e que formam hoje o maior monumento jurídico da humanidade.

Proclamada a República, Amaro Cavalçanti foi eleito Senador pelo Rio Grande do Norte, ao primeiro Congresso constituinte.

Sua atuação na Câmara alta do parlamento foi notavel. Escolhido para a comissão de estudo e elaboração do projeto da constituição de 1891, tomou parte saliente na discusão das emendas apresentadas em plenário, figurando entre os principais arquitetos daquele admirável código político.

Sua eleição para o Senado Federal marca uma nova fase de sua vida, talvez a mais brilhante de sua notável carreira de homem público, revelando qualidades invulgares de talento, capacidade, de realizações, de energia e de cultura, que o sagrariam não só o parlamentar brilhante, como o estadista em dia com os altos problemas políticos e administrativos da Nação.

Nos anais da extinta casa do Parlamento brasileiro, tão rica de tradições brilhantes e onde tiveram assento homens de grande projeção política, Amaro conseguiu marcar a sua passagem, discutindo, com rara competencia, assuntos econômicos, financeiros, e dè direito público constitucional, que o notabilizaram como um dos mais operosos Senadores da República. Combateu, com vigor, a política financeira do Marechal Deodoro e de seu ministro Barão de Lucena.

A nossa educação política havia sido feita em torno de um parlamentarismo de imitação inglêsa, com os defeitos naturais de um povo em formação e de uma nação inculta, como era a nossa. A implantação do regime federativo, com descentralização e autonomia dos Estados, subverteu toda a ordem jurídica existente na época. O grupo de positivistas, discípulos de Benjamin Constant, eleitos para o Congresso Constituinte, era composto de jóvens políticos de talento, mas inexperientes, que se esforçavam para introduzir os principios da política de Augusto Comte na nova carta constitucional. Deu-se a reação salutar dos parlamentares e juristas, Rui Barbosa à frente de todos êles, para preservar o novo regime do sectarismo positivista.

Amaro, formado nos Estados Unidos, conhecedor profundo do seu direito público, com mais alguns colegas, de provada competencia, foi elemento precioso para impedir que se deformasse o projéto da Constituição, elaborado

pelo genio de Rui Barbosa, e para que tivéssemos uma carta política que, embora revogada, há de ser sempre citada e há de sobreviver como um atestado de nossa cultura jurídica.

Seus discursos e pareceres, no Senado, sôbre política, finanças, meio circulante, tributação, intervenção nos Estados e muitos outros assuntos de interesse público, o consagraram um dos mais cultos membros daquela casa do Parlamento brasileiro.

Em 1934, o marechal Floriano Peixoto, então presidente da República, confiou-lhe uma missão difícil e delicada, a que Amaro Cavalcanti deu pleno desempenho. Por essa ocasião revelou mais um lado de sua inteligencia polimorfa: extraordinario tato e habilidade. A situação interna do Brasil era grave e as relações com os países platinos, lindeiros com o nosso, podiam de um momento para outro se complicar, agravando as dificuldades, com que o governo brasileiro já lutava. Amaro não era, porém, homem para se deter deante de um obstáculo,, por mais serio que êle fôsse, sobretudo quando a pátria estava em perigo. Hábil, tenaz e enérgico, conseguiu afastar todas as dificuldades, dando cumprimento integral à sua importante missão diplomática. Floriano, que era grande conhecedor dos homens, mais uma vez não se enganou na escolha que fez. Quando Amaro regressou do Paraguai, o marechal ofereceu-lhe as legações de Buenos Aires e de Viena, que êle não aceitou. Seu temperamento combativo não se adaptava à vida um tanto fútil e artificial da diplomacia.

Em 1896, voltou ao Parlamento como deputado federal por nosso Estado, mas não tomou posse de sua cadeira por ter sido nomeado Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo Dr. Manuel Vitorino, e conservado na pasta pelo presidente Prudente de Morais.

Amaro ocupou o cargo de ministro em época de grande agitação, tendo ensejo de revelar uma energia férrea para assegurar a ordem pública, seriamente ameaçada. Combatido pelos seus adversários, não recuou nem se intimidou deante das ameaças constantes, que lhe eram feitas.

Ouvi-o muitas vezes dizer que no cumprimento do dever

não conhecia o perigo nem medía a extensão dos sacrificios que lhe impunha a honra.

Em 1905, serviu com o barão do Rio Branco como consultor jurídico do Ministério do Exterior, cargo em que se conservou até ser nomeado ministro do Supremo Tribunal, pelo Presidente Rodrigues Alves. Os ministros do Supremo Tribunal eram escolhidos entre os homens de notável saber, segundo determinação da Constituição de 1891. Como membro da mais alta Côrte de Justiça do Brasil, no tempo em que dela faziam parte juristas como Epitacio e Pedro Lessa, o nosso eminente conterrâneo ocupou o plano em que gravitaram esses notáveis brasileiros, enriquecendo a nossa jurisprudencia de decisões em que o saber jurídico rivalizava com a independencia do julgamento.

Os debates em que tomou parte e os acórdãos que redigiu, deram-lhe uma nomeada que nunca se apagará, enquanto houver cultores do direito e amor à justiça no Brasil.

Aposentou-se em 1914, como ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Outro que não possuisse a sua fibra de trabalhador incansável, teria procurado o repouso tão justificado para uma vida já longa de atividades e de lutas. A luta, porém, o remoçava, dando-lhe energias novas; era um poderoso tônico para a sua inteligencia e para o seu organismo de sertanejo forte e rijo.

Nêsse mesmo ano, fundou a Sociedade Brasileira de Direito Internacional, da qual foi presidente, e, como delegado do Brasil, tomou parte, em 1915, na conferencia panamericana, realizada em Washington.

De janeiro de 1915 a dezembro de 1916, ocupou o cargo de Prefeito do Distrito Federal, fazendo uma administração fecunda, pelos grandes melhoramentos realizados no Rio de Janeiro, entre os quais merece destaque especial a construção de 330 quilômetros de estradas de rodagem, permitindo acesso fácil e rápido aos suburbios mais afastados do centro.

Em 1918, foi nomeado membro do Tribunal Arbitral de Haia, e em seguida Ministro da Fazenda, tendo ocupado interinamente a pasta da Justiça. Demitiu-se, quando faleceu o Presidente Rodrigues Alves, de cuja amizade e confiança gozou, em quanto viveu o grande paulista.

Esse lutador infatigável, inteligencia privilegiada, de têmpera rija como os pedregulhos do seu querido Seridó, tinha um coração de ouro, uma alma sansível e pura, tratando com inexcedível carinho aos humildes e aos pobres.

Era um encanto vê-lo em seu lar, cercado da esposa amantíssima e das filhas queridas. Um dos seus grandes prazeres, quando rodeado de visitas ilustres, era relembrar as dificuldades que encontrara na vida, a pobreza de seus pais, os humildes sertanejos com os quais convivera no Seridó, do qual nunca se esqueceu, tanto assim que, ladeando o portão de sua chácara, há dois carneiros, mandados vir de lá, como recordação material da terra em que nasceu.

Ainda como demonstração do amor que tinha ao Rio Grande do Norte, requereu à Prefeitura do Distrito Federal a abertura de uma rua, nos terrenos de sua chácara, a que deu o nome de rua Natal.

Mas, êsse homem forte e lutador, que nunca se abateu deante das maiores dificuldades, baqueou com a morte da filha, que mais se lhe assemelhava pela inteligencia, pela cultura e pelo caráter.

O riso lhe foi rareando, tornou-se menos comunicativo e o organismo robusto foi cedendo rapidamente, até que a 28 de janeiro de 1922 morreu inesperadamente, quando, sentado em uma cadeira, conversava com pessôas da familia.

A resenha cronológica, que acabo de fazer, em largas pinceladas, da vida de Amaro Cavalcanti, é certamente imperfeita, mas não me foi possível, sem ter à mão o seu arquivo e compulsar documentos, que exigem trabalho demorado e paciente, obter informes mais completos.

Amaro Cavalcanti, além de jurista e grande conhecedor de ciencias econômicas, era um poliglota. Sabia profundamente o português, o latim e o grego, falava e escrevia o francês, o inglês, o alemão, o italiano e o espanhol e traduzia o holandês e o russo, tendo estudado esta lingua para poder, como ministro do Supremo Tribunal Federal, examinar um processo de extradição de um russo, pois teve dúvidas sôbre a exatidão da tradução oficial dos documentos apensos aos autos.

O seu valor intelectual e a enorme capacidade de trabalho ressaltam o grande número de obras que publicou,

algumas das quais se tornaram classicas na literatura jurídica do Brasil, como o **Regime Federativo** e a **Responsabilidade Civil do Estado**.

Além de muitos trabalhos que saíram em revistas técnicas nacionais e estrangeiras, Amaro Cavalcanti deixou as seguintes obras: **A Religião**, que foi o seu livro de estréia, **A meus discípulos, Livro popular, Educação elementar nos Estados Unidos da Norte América, Notícia cronológica da educação popular no Brasil, Ensino moral e religioso nas escolas públicas, Meio de desenvolver a instrução primária nos municipios rurais, The brazilian language and its agglutination, Finances du Brésil, Reforma monetária, Política e finanças, O meio circulante nacional, A situação política ou a Intervenção do Govêrno Federal nos Estados da União, Elementos de finanças, Tributação constitucional, Regime federativo, Sobre a unidade do direito processual, Direito das obrigações. O arbitramento no direito internacional, A justiça internacional, Taxas protetoras nas tarifas aduaneiras, Responsabilidade civil do Estado, Trabalhos na 3.ª Conferencia Americana, Revisão das sentenças dos tribunais pela Suprema Côrte de Estados Unidos da América, The Judiciary in Brazil and the United States of America, Pan American questions, La codifications du droit internacional americain, Restrictive clauses in international arbitration treaties, A vida econômica e financeira do Brasil, Natureza e forças econômicas do Rio Grande do Norte, A neutralidade e as restrições do comercio internacional na guerra européa, A Sociedade das Nações, Questões panamericanas, Monroismo, Manifestações progressivas da solidariedade americana, Meios de aumentar o mútuo progresso e riqueza dos povos americanos, Le droit internacional americain, A renovação do direito internacional, Habeas-corpus para o Conselho Municipal, Imposto de exportação, Habeas-corpus sobre eleição presidencial, Isenções de direitos**, etc., etc..

Deante dessa serie longa de trabalhos e todos de acentuado valor, ninguem, estou certo, me contestará a afirmativa, feita no começo de meu discurso, de que Amaro foi a maior figura intelectual do Rio Grande do Norte, em todos os tempos.

Quando presidente do Rio Grande do Norte dei o nome de Amaro Cavalcanti ao Grupo Escolar que fiz construir em S. Tomé. Não basta, porém, esta homenagem. Amaro merece muito mais do nosso Estado. Sua memoria deve ficar perpetuada no bronze, para que as gerações futuras prestem o seu culto a esse homem extraordinário, do qual disse o ministro Pires de Albuquerquer, sintetizando a sua vida: "Filho do seu proprio esfôrço, galgando a poder de talento, de tenacidade e de trabalho todos os graus de uma brilhante e fecunda carreira, professor, advogado, político, administrador, diplomata, jurisconsulto e magistrado supremo da República, o Dr. Amaro Cavalcanti foi um raro e nobre exemplo do poder da inteligencia, quando servido pelo amor do trabalho e pela dedicação à causa pública. Não conheço outro que se lhe avantaje".

Estas palavras, proferidas quando o Supremo Tribunal Federal prestou a homenagem de sua saudade inscrevendo na áta de seus trabalhos um voto de profundo pezar pelo falecimento do nosso ilustre conterrâneo, merecem ser gravadas no pedestal do monumento que perpetuar a sua memoria, e que espero seja um dia erigido numa das praças de nossa bela capital.

A história de um povo é a da vida de seus grandes vultos, sejam êles homens de pensamento ou homens de ação. Amaro Cavalcanti póde ser classificado em qualquer dos dois grupos com elevado destaque, pois não sei quando foi maior, se pelo pensamento ou se pela ação. Rendamos, portanto, o nosso preito de admiração e de gratidão à memoria dêsse seridoense eminente, que soube elevar e honrar a nossa pátria e a nossa cultura, dentro e fóra do Brasil.

Padre João Maria

JANUARIO CICCO

(Discurso de recepção a 15 de outubro de 1939)

Senr. Presidente da Academia de Letras Norte Riograndense

Senrs. Academicos
Exmas. Senhoras
Meus Senhores

Contam os investigadores do Nada que, quando o homem desceu das arvores, já enojado da sua semelhança com o antropoide, andou de ronda em ronda pelos séculos a fóra, atraz da sua origem e do seu fim, e sentiu que dentro da vida havia alguma coisa maior do que a sua ignorancia indeterminavel.

Da Asia passou ele ao mundo inteiro, farejando sempre uma sombra que se emparelhava á sua, porque lhe ensinaram também que a Morte era a companheira inseparavel do homem, estando sempre ao seu lado, a todas as horas e por toda a eternidade.

Insatisfeito com essa vigilancia importuna e impenitente, prometeu ele, o homem, desvencilhar-se dessa assistencia impertinente, e começaram daí as lides entre o céu e a terra, para se deslocar do cenario a causa das tristesas humanas.

Assim, a vida e a morte se confundiram numa sensação acre-doce, na angustia indefinivel de uma saudade e na gargalhada estridente das grandes alegrias; e na confusão dessas impressões, anda o homem escutando a cotovia saudando a aurora e o crocitar do côrvo à porta do cemitério.

A vida e a morte. A flôr que desabrocha, perfuma, encanta, fenece e cai. O homem brilhando pelo genio, aterrozando pelos crimes e envelhecendo depois, para esconderse, por fim, esquecido de todos, no fundo de uma cóva escura.

A restituição à natureza dos elementos que fizeram o

Bem e o Mal, para se renovarem na eternidade do sofrimento e da alegria passageira.

Aí está a vida: uma passagem rápida sobre a terra, um imenso trabalho de oxidações; eis aí a morte: o fim aparente de tudo.

A vida, uma aspiração; a morte o supremo anhelo da matéria em movimento passivo, porque a forma integral dos elementos naturais carece de renovação constante, no seu próprio meio, dentro dessa retorta, que é o mundo, onde se funde o plasma de novos seres, eivados de sentimentos especiais, para a confusão eterna das sensações. E nem se pense tão pouco que o riso causado por essas alegrias fugazes, que estouram numa gargalhada, ou contraem apenas os musculos da expressão, num ictus de prazer, seja a premissa de um bem estar profundo da matéria porque os loucos também riem.

A psicanalise, dentro do Freudismo, estuante de libido, não tem nas suas bases inteiriça verdade filosofica, pois o homem é apenas um automato, movendo-se por interferencia exclusiva de forças que dêle independem, semelhantes ás que acionam cabeça e membros de bonecos, para gaudio da creançada, ou risota dos papalvos.

As leis da hereditariedade são normas para a investigação de qualidades physio-patologicas, na perpetuação da especie, sem carater definitivo, absoluto, imutavel, porque ainda não se poude penetrar na essência da vida, dado que, no escuro da biogénese, como na seleção dos valores, anda o acaso cifrando imperfeições bio-tipologicas, por desvio exclusivo da celula, dando ao conjunto semelhanças fisico-psiquicas, que se contrapôem ás leis sugeridas por máus observadores.

Assim, quando o homem, transição espetacular do pithecantropus erectus, ou produto do Limo consubstanciado na adolescencia de Adão, viu a aurora dos primeiros dias do nosso planeta, ainda quente dos lampejos da nebulosa deflagrada, ou brilhando ao sol da Omnisciencia, no fim dos sete dias da Creação, rumou os varios caminhos da terra, andou por mares e continentes, para, por fim, construir a historia da humanidade, legado precioso à civilização dos nossos dias.

Nessa peregrinação, através dos séculos, teceu guerras e nunca fez a paz; ensanguentou a vida de todas as épocas, percorreu todos os caminhos do mal, e só nos dias de Tiberio armou a Cruz, para a redenção dos grandes pecados das éras préhistoricas, de todos os crimes do paganismo dissolvente, ainda que nos desvãos daquelas liberdades brilhassem civilizações multimilenarias, trabalhadas nas artes, na literatura, reproduzindo-se na téla, ou esculpindo-se na pedra a figura das deusas, a imagem pagã dos guieiros dos povos, a estatuaria, enfim, dos idolos de todas as epocas, viajando sempre, da paleontologia á geologia contemporanea.

A tradição foi sempre descontínua, e daí os iatos da história de todos os tempos, sacrificando desse modo a verdade evolucionista; e talvês por isso, deu-se á terra, como deu-se á agua, a fonte original da vida.

Conta-nos a Escritura Sagrada que da argíla Deus fez essa creatura eternamente ignorante, egoista e pretenciosa, que é o homem, como da água partiu a primeira celula, donde nasceram todos os sêres vivos, conforme, a enfase ecletica dos livres pensadores.

Seja como fôr, aquí está o homem, perfeito ou inacabado, porque ainda resta polir a sua inteligência, eliminar da sua cerebralidade a aspereza dos instintos, destruir da estrutura do seu psiquismo todas as desvirtudes, que o nivelam á besta-féra e nunca á semelhança de Deus, que foi sempre a Sabedoria e a bondade infinita.

Mas, por que se deu á terra a origem do homem, não lhe deu a gléba as belezas da alma, nem os fulgores da inteligencia.

Assim, por se ter nascido entre pedregulhos e cardeiros, madre-silva ou cambucá, no sertão ou no agreste, ouvindo-se o cascatear da água rumorosa sobre seixos rolados, ou crestando-se a pele ao sól dos desertos, morrendo-se de sêde nas regiões ressequidas, ou banhando-se na caudal dos rios perenes, essa ou aquela paragem não interfére nunca na formação espiritual, ou na cerebralidade humana.

Si assim fôsse, para só falar de nós, Jardim de Piranhas, onde nasceu o Padre João Maria Cavalcanti de Brito,

seria a vila dos amores de Cristo, e de lá teriam saído outras virtudes iguais. Papari teria dado muitas Nisia Floresta.

Seria dar á terra a função suprema de infiltrar no psiquismo qualidades que ninguem sabe onde se apuram, mas que se manifestam na exuberancia de uma força desconhecida, na cristalização das virtudes, como na monstruosidade dos criminosos.

Destarte, João Maria não é do Seridó; não pertence ao Rio Grande do Norte, porque é da cristandade.

Frei Miguelinho é uma entidade nacional.

São Francisco era filho de um mercador de panos, em Assis, onde, da infância á adolescencia, levou as noites em libações custosas, e nem por isso seus pais impuzeram restrições á sua liberalidade; e só mais tarde, quando acendeu-se-lhe o fôgo sagrado, é que êle foi privado das munificencias paternas, como castigo á sua consagração a Deus.

Isso quer dizer que a virtude e o genio não carecem de influxos paternos, para a sua luminosa explosão. E tanto é assim que nunca mais Assis e o mundo inteiro deram outro São Francisco.

Senhores Academicos:

Os biografos do Padre João Maria contaram tôda a sua origem.

O Instituto Histórico deve possuir elementos seguros da imortalidade do Vigário de Natal, de 23 de Junho de 1848 a 16 de Outubro de 1905.

Numa poliantéia que se editou nesta cidade, depois dos seus funerais, os intelectuais pátricios e os de outros logares do país teceram louvores à sua santidade.

Monsenhor José Landim, n'"Um perfil de Sacerdote", traçou o caminho da canonização do apostolo; e o que é encantador é que nenhum dos seus criticos oculta tôda a bondade do homem modesto, simples e humilde, vivendo dentro de uma imensa indiferença pelas coisas tumultuarias da vaidade e dos encantos da terra, incidindo, porém, todos eles no velho engano de pensar que o logar onde nasceu o menino João influiu no seu substrato moral, e o carinho materno agiu na mentalidade da creança, como potenciais de preparação do futuro sacerdote.

Quero crer que êsses dois acidentes humanos pro-

jetassem apenas, no cenario histórico, os pontos de partida de uma ascenção gloriosa.

Pasteur, um modesto farmacêutico, nascido em Dôle, na França, educou-se na provincia e foi celebrado o maior genio universal, porque negou a geração expontanea, determinou a especificidade das molestias infecciosas, abriu os horizontes da ciencia experimental, alicerçou o edificio da imunologia, estabeceu a profilaxia, e, por suas grandes descobertas, tornou a cirurgia o mais perfeito ramo da ciencia médica.

Mas Dôle nunca mais deu outro Pasteur. Foi êle, sim, o maior pastor deste imenso rebanho, que é a humanidade, mas seus pais incutiram-lhe no espírito esse amor pela ciencia que êle entregou ao universo.

É que as grandes revelações precisam de espaço para o desdobramento da sua personalidade, e a estreitesa do ambiente, onde apenas despontam, é demais reduzido para a expressão das suas aspirações; e, então, emigram e vão apurar os dons que a natureza lhes deu, uns pregando o Evangelho, outros entregando á humanidade o fruto do seu saber.

Machado de Assis, filho de um operario humilde, marcou na literatura nacional uma página de luminosidade, e nunca mais das favelas do Rio de Janeiro subiu ás letras pátrias tão brilhante espirito.

A ignorância e a pobreza de seus pais não influiram também na formação intelectual do grande romancista.

Rui Barbosa pontificou tôda a sua existência, sôbre quasi tôda a cultura universal, causou admiração ao mundo a sua erudição polimorfa, e nem por isso a sua terra natal deu ao Brasil cerebralidade de tamanhas proporções, nem êle poude transmitir á sua descendencia os valores do seu talento.

Para que invocar ainda a vida do genio e dos santos de todas as épocas, para demonstrar a dissemelhança da sua origem e a independencia da terra na formação dos sábios e dos santificados pela virtude, de todos êsses que trabalharam a nossa civilização e a nossa Fé?

O genio, dizem os estudiosos, é quasi sempre produto da casta inferior, onde a fecundidade não tem limites;

e a proliferação das massas apura, entre criminosos e puritanos, como um acidente da embriologia, o tipo de seleção, marcando o super-homem, na expontaneidade da virtude, ou na grandeza do saber.

São Tomaz de Aquino, nascido em Roca-Seca, no reino de Napoles, em 1226, aparentado da casta real do Imperador Frederico II, despojou-se das honras dignatarias da côrte, e contra a vontade da familia, entregou-se à vida de Cristo, e foi o maior teólogo até agóra conhecido.

Assim, a Fé não carece de ambiente especial para elevar o espírito á pratica do bem, nem para tecer hosanas ao Creador, pelas belezas derramadas na alma do homem privilegiado.

Todo esse trabalho subtil, delicado, misterioso, é exclusividade celular, elaborado na esfera da biogenese, no labirinto de embriologia, tecido no silencio higido ou malsão do protoplasma, evoluindo na sua pluralidade segmentaria, para dar á especie um louco, um criminoso, um genio ou um santo, a principio sem caracteres fisio-psiquicos especiais, tôdos semelhantes á vulgaridade humana, para mais tarde cada qual se manifestar na plenitude das suas forças.

Desse modo devem-se formar as qualidades do espirito, no entender daqueles que tudo atribuem ao determinismo biologico, ou segundo outros que vêem a mão de Deus marcando para cada um o seu grande ou pequeno destino.

Deixemos todo esse enredo de presunções e pedantismo literario ou cientifico, para escutarmos a linda história de um pastor de almas.

Já depreendestes, Senhores Academicos e auditorio ilustre, que é o elogio do Padre João Maria Cavalcanti de Brito, que venho fazer, para assim justificar os seus direitos como patrono de uma cadeira neste sodalicio.

A vida do magnanimo sacerdote transpôs os porticos lendarios.

Sem companheiro na sua maravilhosa caminhada através da incompreensão humana, em face da desigualdade dos haveres, como na distribuição da justiça e da fraternidade entre ricos e indigentes, ele nunca esteve só. Uma

luz interior polarizava o seu caminho e tudo era claro dentro da sua piedade, que era a sua própria sombra.

Foi o missionário infatigavel na pregação de todas as virtudes. Teve a Fé, que o consagrou o pai da pobreza. Viveu da Esperança de redimir os homens com a Graça de Deus, e fez a Caridade, que lhe ensinou Jesus.

Foi, sim, o pai da pobreza, e di-lo Luís da Câmara Cascudo, conforme uma cronica que este notavel e erudito historiador patricio escreveu, nas vesperas do trigesimo aniversario da morte do iluminado apostolo, exaltando o clamor confuso da multidão de invalidos e chagados, por entre gemidos e soluços, numa expressão de magua pelo desaparecimento do pai dos pobres, quando o esquife do pastor de almas transpunha o Baldo, caminho do cemitério.

Senhores Academicos: Acredita-se hoje que o homem póde emitir irradiações de alto potencial, capaz de levar a distancias interplanetarias a força das suas emoções, invertida, ou convertida em determinados fenomenos fisicos, como captam-se as irradiações do sol e do espaço a energia que se difunde pelo orbe.

O dinamismo que se estabelece nas multidões, pelo contato da palavra do homem tocado desse poder magico de eletrizar as massas, dominando-as e arrastando-as á prática de atos heroicos ou deshumanos, dá-nos a impressão de um fluido atraindo uma vasta superficie. Por isso, a exaltação nervosa que dominava a todos, quando o corpo do Padre João Maria passava alí, no Baldo, estabeleceu, por certo, uma cadeia de eletrons, e daí a razão por que tôda a gente sofreu a mesma dôr, na intensidade do mesmo sentimento.

As irradiações interhumanas, como a potencialidade astral, sôbre os seres vivos, são do domínio da fisica moderna.

Cabanés, pretendendo justificar haver a terra tremido e o céu abrir-se em rasgões de fôgo, quando Jesus exalou o derradeiro suspiro, lançou a hipotese da formação de formidavel centelha interhumana, produzida pela oxidação do sofrimento de apostolos e cristãos, na hora da injusta crucificação do Salvador.

É também certo que a ação dos astros sobre o homem não se limita, em face dos conhecimentos modernos, a simples presunção.

As irradiações do sol e seus satelites estabelecem entre si uma cadeia de forças imponderaveis, bombardeando constantemente a terra com os seus efluvios, de poder variavel, refletindo-se nos seres vivos a energetica astral.

Da coisa a mais simples, ao fenomeno mais complexo, apura-se a potencialidade sideral. Os nossos campos, prados, florestas e jardins, vestidos com a sua folhagem de variegado verde e ornados da multicoloração das flores, dizem eloquentemente do poder creador da luz solar, sem a qual, dos trigais e das videiras, não sairiam o pão e o vinho, para a comunhão vital das nossas locubrações.

O proprio determinismo biologico infla-se de forças invisiveis, si é que ele não depende sómente desses elementos esparsos na natureza.

Não alarguemos demais estas considerações. Para justificar hipoteses, basta lembrar que as sementes não germinam nas trevas, nem nos desertos ha mais que a esterilidade da areia.

O ciclo da vida limita-se a um periodo restrito, dentro do qual a multiplicação estabelece a eternidade da especie.

Para essa perpetuidade, a celula como que se entumece do ions, impregnando-se dessas particulas que se renovam pela desagregação dos elementos imponderaveis, formando uma cadeia de valores vitais, cujos élos estão no ar, saem da luz, saem da terra, vivem na água, andam no som, fazendo a coesão dos elementos e a estatica universal.

Deixemos a metafisica e sigamos o Padre no seu estoicismo.

Conta-se que durante uma celebre epidemia de variola, nesta cidade, o Padre João Maria andava de casa em casa, na sua missão apostolica, distribuindo o manjar dos sacramentos, como preparando a própria alimentação dos pobresinhos enfermos e moribundos.

Incansavel nêsse afan de virtudes, certa vez, alta madrugada, faltando água numa dessas choupanas, onde a molestia e a miseria entraram de uma vez, foi ele próprio a uma cacimba próxima; e quando voltava de vasilha cheia

ao ombro, foi preso, mas logo posto em liberdade, porque o mesmo soldado, que o prendera, reconheceu na escuridão da noite a figura iluminada do paroco de Natal.

"Ide e fazei o mesmo", disse Jesus ao fariseu, depois que lhe anunciou a parabola do Bom Samaritano.

Assim fazia o Padre João Maria: curava as feridas do corpo e as chagas da alma.

Os biografos do Padre João Maria descuraram-se muito do registro das passagens biblicas da sua vida.

Lendas que se formaram em torno da sua imensa bondade, correm por aí além, numa rescendencia de incenso. Mas, aquela história que nos conta Policarpo Feitosa, em "Encontros do Caminho" tem a suavidade de uma caricia, a inocencia do beijo de São Francisco na ferida do Lazaro, a doçura de um olhar de creança.

Foi quando a convalescente, tropega e desnutrida, subira ao sotão onde morava o Padre João, e lhe pedira uma rêde para deitar o filho, que ardia na febre da variola, sedento e inquieto, atirado ao chão, arquejante de dispnéa e rubro de erupção.

Atendendo á pobre viuva, o sacerdote "recuou, cerrando a porta, como que envergonhado do que ia fazer, dirigiu-se á rêde humilde, tirou-a das escápulas que a sustinham, enrolou-a, e abrindo a porta, entregou-a á viúva dizendo:

— "Tome, leve para o seu filho".

— "Mas, seu vigário ela não faz falta?"

— "Não, mulher, eu tenho outra".

"E esquivando-se da pobre, que lhe queria beijar as mãos, ao retirar-se, êle cerrou novamente a porta, atravessou o solitario aposento e sentou-se numa velha poltrona de palhinha, para passar a noite".

Era asim, o padre. Não havia nos seus atos sombra ligeira de misticismo. Orava sem arrebatamento doentio.

A sua idéia fixa era a caridade bem compreendida, sem lampejos de recompensa, e daí tôda a sua simplicidade, o seu bom humor, o seu riso sempre aberto nas dificuldades da vida, vencidas todas com a mansuetude do seu coração.

Doutrinava como um justo. Nas suas pregações não

havia o rebuscado da frase feita, mas a sonoridade evangelica da Escritura. Não foi um Bossuet, um Fenelon, nem um Antonio Vieira; mas foi o que nenhum deles conseguiu ser: um santo homem.

É que para subir ás alturas do céu, basta doutrinar na linguagem simples do Nazareno. Para a imortalidade é suficiente praticar o bem que distribuiu o Padre João Maria.

Meus Senhores: Quando a intelectualidade patricia fundou a Academia de Letras Norte Riograndense, e tive a honra de ocupar um dos seus claros, acudiu-me logo á imaginação trazer para o seio desta casa a figura inconfundivel do Padre João Maria, como patrono da cadeira que me foi reservada, porque ele já estava imortalizado; e o seu exemplo de bondade e de pureza espiritual seria um fêcho de luz muito branca, para nos guiar na imensa escuridão do nosso egoismo e da nossa ignorancia.

Antes da sua canonização, quando a catolicidade precisar de mais um santo para a côrte celeste, é muito justa a consagração que venho fazer ao velho vigário de Natal, na consubstanciação histórica da epoca que marcou a sua imortalidade, e cujo nome vem atravessando dias borrascosos, sem nenhum desmerecimento seu para a posteridade, mesmo porque a perversidade ingenita e a egolatria despudorada são incapazes de interceptar a passagem da luz.

A projeção do Padre João Maria, no cenário político, ficou assinalada na campanha abolicionista, quando na Presidencia da Sociedade Libertadora Norte Rio Grandense, sentiu estuar o coração dos cativos, numa efusão de reconhecimento, sendo por êles cognominado de "pai dos negros fôrros", quando a Princeza Izabel nivelou as liberdades no Brasil, a 13 de Maio de 1888.

A fundação do "8 de Setembro", órgão de pregação católica, mantido com dificuldade e bôa vontade, foi obra sua, desse homem extraordinário, servindo-se assim da palavra escrita, para levar a todos os recantos do Estado a promessa de salvação áqueles que seguissem a doutrina da Fé.

O "Oito de Setembro" fe-lo jornalista, e sem o calor de frases cintilantes, o sacerdote humilde escrevia tal qual

falava, com a simplicidade de quem quer ser compreendido.

Mais brilhantes, porém, do que o seu verbo, foram as suas ações.

A lenda de Canabrava, povoação paroquial de Natal, 18 quilometros longe daquí, é a expressão silenciosa da Fé, dando azas ao corpo, para vencer distancias e redimir pecados.

Voltava o Padre de Jacumam, onde andára distribuindo sacramentos e penitencia, quando um recado chamava-o para outra confissão; e sem vislumbre de fadiga, caminhou taboleiro á fora, a pé, toda a estirada da viagem, para encontrar ainda viva a pecadora anciosa pela visita do Senhor. Era um caçador de almas.

No seu tempo, a assistência médica em Natal era privativa dos abastados. A pobreza apodrecia de molestia.

O Padre fez-se médico; e provido de especificos homeopaticos, clinicava de tugurio em tugurico, com os bolsos cheios de doses medicamentosas e de massas alimentares.

Sem ver na esmola o reflexo do ouro, nem o faiscar das joias; sem essa esmeralda que nos embebeda de vaidade, atraz da fama e de olimpico renome, o padre curava sempre, mesmo que a morte levasse-lhe o cliente, porque a alma que se ia tambem, estava salva das condenações eternas.

Fez sempre assim o velho cura: a caridade bem compreendida, tão diferente daquela filantropia, que os jornais proclamam em clarinadas laudatorias, quando um milionario manda uma migalha para ajudar instituições, no labor penoso de curar enfermos.

O inclito sacerdote, dentro da sua humildade gloriosa, exaltava o seu amor ás letras, como fator de grandeza, de fortuna e de saúde; e ei-lo abrindo a escola São Vicente, no próprio Consistório da Matriz, ainda porque via na obscuridade mental dos seus pobres metade da culpa por essa miseria, que se instalára ao sopé das dunas e no flanco das caatingas.

A sua Igreja tornou-se pequena para a catolicidade do seu pôvo. Quiz outra maior, e ei-lo á frente do seu rebanho, catando pedras e cantando louvores a Nossa Senhora,

para a construção da Catedral de Natal, agóra sem os seus alicerces, nem aquelas pedras, que tanto custaram ao insigne pastor.

Meus Senhores: A existência desses espiritos leva séculos para projetar até nós a luz das suas virtudes, tal qual acontece a certas estrêlas, cuja luz, percorrendo 300 mil quilometros por segundo, leva milhões de anos brilhando ainda no infinito, depois do seu desaparecimento.

Trago da minha adolescência a recordação daquelas caminhadas triunfais ás praias próximas; e como numa procissão, entoavam-se benditos, para a amenidade do percurso.

A romaria persuadia a população da cidade, e a promessa valiosa daqueles dias era ir-se na léva dos crentes, para merecer dos céus uma graça desejada.

Na irreverencia da minha juventude, aquela edificante marcha sobre a Igreja lembrava apenas o trabalho dos missionarios de todos os tempos.

Ainda que os exemplos de piedade e a pratica de todas as virtudes viessem juncando de bençãos a passagem do grande sacerdote, ninguem enxergava, então, esta aurora de festas tributadas depois da sua morte, porque e luz da sua bondade estava ainda em meio do caminho.

Não foi ele, entretanto, o unico piedoso entre nós. Houve sempre muitos Padres João Maria.

Na catequese, nos dias do Brasil colonial, entre tribus que habitaram as florestas maravilhosas da terra de Santa Cruz, o sacrificio dos pregadores se contou por muitas vidas desaparecidas, e nem assim os demais evangelizadores da bôa doutrina se esconderam do perigo. Enfrentando selvagens, ou pregando entre a miséria e a molestia, a virtude não escolhe terreno para semear o Bem.

Quasi todas as igrejas antigas são obra do ascetismo religioso, e o espirito dos sacerdotes paira, para todo o sempre, no registro historico da catolicidade, como construtor fervoroso da Fé.

A continuidade do devotamento do grande sacerdote deu-lhe um halo de santidade.

Quando a aflição, a angustia de um sofrimento, a dôr de uma ferida sacóde em vibrações o coração de u'a

mãe ameaçada de perder a filha amantissima, o esposo, o pai idolatrado; ou quando a fome está de sentinela á porta da choupana, como um abutre, para cevar-se da miséria, é ao Padre João Maria que muitas vezes chamam nas suas orações, ricos ou indigentes, e o milagre de um conforto parece baixar das alturas, porque as graças correm, ligeiras, pelo Estado, e os jornais proclamam as confissões dos beneficiados.

Senhores Academicos: Os animistas pressupõem que, depois da morte, o espírito continúa vivo, como um ser abstrato, imerso no incognoscivel, pairando acima de todas as coisas e obediente á Omnisciencia.

Essa percepção confusa, indeterminavel, teve-a também o homem para Deus, origem e força creadora das maravilhas terrestres, imanente na sabedoria e na grandeza dos mundos, com a diferença impressionante de que sentimo-LO na irradiação da luz, na magestade da oração, e o homem continúa o lobo de todos os tempos.

A alma, tal qual fotografa a imaginação vulgar, lembra uma sombra projetada á meia luz, indistinta, fugidía, em movimento ou estatica.

Através de todas as epocas, foi ela, a alma, compreendida e representada, segundo a civilização e as crenças desses dias.

Deram-lhe formas simbolicas de passaros e anjos alados, com o dom de renascer das cinzas; e essas figuras foram adotadas pelos primeiros cristãos, como emblemas de ressurreição e da imortalidade.

O misticismo dos nossos dias voltou a restaurar o velho simbolismo, identificando a alma numa figura angelical, como deu á Morte a alegorica semelhança humana, com a inexorabilidade do seu destino.

Tudo quanto o homem concebeu, pairando acima da materialidade, imprimiu em representações simbolicas, consoante á sua cultura e ás suas crenças. Assim, o Amor, como substrato do espírito, com o dom de pluralizar-se no culto de Deus, da Pátria, da familia, do próximo, e sob outros tantos matizes, é representado por um lindo mancebo, ou uma formosa creança, de azas brancas, disputando o coração.

A Bandeira, simbolo universal das pátrias, é a própria pátria, onde quer que ela tremûle, nos campos de batalha, glorificando o heroismo, ou em qualquer parte celebrando a nossa soberania.

A Justiça, que é a virtude inspiradora do Direito, simbolizada numa mulher quarentona, de fisionomia sevéra, vendada, armada de espada e balança, é de todas as figuras a menos representativa, por culpa do próprio homem.

A Liberdade, o maior bem do mundo, segundo Veuillot, deusa que personifica a independencia humana, direito que a consciencia estabelece para a posse de si mesma, formula política e social para manter a unidade da força, faculdade individual para a estatica da lei, simbolizada no vulto de uma mulher enorme, de braço alçado para o infinito, empunhando um facho de grande poder iluminativo, com a projeção de umo novo sol, onde é que ela está??!

Em face desses mitos, cubiçando o homem a eternidade, e vencido pela morte somatica, procurou transpor a esfera onde a imaginação criou a vida imortal, e nesse páramo tenta estabelecer a sua morada definitiva, para escapar do Nada.

A história biblica incidiu na concepção de que Deus fez o homem á sua semelhança; e o mortal, pela incompreensão dessa força que cessa de nos impressionar quando já não nos pulsa o coração, sentiu a alma, que é imortal, para poder subir ás alturas, onde ele supõe viver o Deus de todos os mundos.

Mas, a imortalidade, pelo seu subjetivismo, não se circunscreve áqueles que impressionaram gerações pelo sacrificio, pela bravura, pelo devotamento á humanidade, brilhando nas artes, na ciencia ou nas letras.

Cada um de nós vive da recordação daqueles que se foram com a morte eterna, e continuam vivos na lembrança do afeto que deixaram. É a Saudade, essa lembrança do bem que se viveu, da amizade que se não apaga, guardando-se e cultuando-se a imagem, o retrato de quem fez a nossa alegria na terra.

Imortalidade é ainda atributo de familia, recompensa dadivosa das gerações aos que morreram puros; louvor

postumo áqueles que engrandeceram a terra e iluminaram o futuro da humanidade. É irradiação de virtudes, em projeção para os céus.

Mas, a imortalidade está tambem na essencia das coisas, palpitando nos ninhos, que se renovam na eternidade dos gorgeios; e é ainda porisso que a Saudade é a alma do amor, com azas de perfume, percorrendo o passado e viajando constelações a fóra, em busca do afeto, da creatura amada que se foi, para junto de Deus.

A pedra que perpetúa a queda de um meteorito, ou o bronze que eterniza a vida de um justo, ou um heroi, marca igualmente a passagem de uma estrêla humana.

Bilac, salpicando luzes no verso, contou que

"Quando uma virgem morre, uma estrêla aparece
Nova, no velho engaste azul do firmamento;
E a alma da que morreu, na luz da que nasceu
Palpita e resplandece".

É esta uma linda fórma de imortalidade; e o canto do poeta é a expressão insatisfeita do sonho, da cubiça humana, desertando do intimo da creatura, numa evocação de eternidade.

Scepticos, ou crentes; plebeus, ou fidalgos; sabios, ou ignorantes, todos se confundem na ambição de viver. E o homem continúa insatisfeito, como permanece imutavel a causa das tristezas humanas, porque ninguem descerrará a cortina que nos distancia da vida imortal. É que a imortalidade não se conquista com a fortuna, nem a terá o iclonoclasta. Só os eleitos são tocados desse poder imaterial de viver para os posteros.

Aquí está por que o Padre João Maria é um imortal: por que foi ele o creador da sua propria gloria, sem se aperceber da força que o alçava a grandes alturas.

Foi um predestinado.

O povo de Natal já perpetuou no bronze a figura lendaria do grande apostolo, erguida na praça pública, que tomou o seu nome.

A romaria ao seu túmulo é a homenagem quotidiana dos fieis á sua doutrina.

E quem já não viu, ajoelhadas e contritas, numerosas pobresinhas da nossa terra, rezando, alí, no Cemitério, olhos fitos no retrato do apostolo, lá, onde estão os seus restos mortais, e donde partem os efluvios da prece para a região onde a vida deve ser eterna?

A sua imortalidade, pois, está, por todos os títulos, proclamada, no silencio do cemiterio, na mudez do modesto monumento que lhe erigiram os catolicos da cidade, e iluminada pela belesa da sua vida.

E visto assim, esse homem extraordinario, dentro dessa aureola esplendorosa, será ele um santo?

Sei que é um imortal, e meu patrono nesta Casa.

Saudação do dr. Luis da Camara Cascudo

Academico Januario Cicco:

Ernesto Hello, prefaciando a "Phisionomies des Saintes" pedia venia para apresentar ao mundo fervente de odios alguns homens pacificos. Meio seculo rolou sobre esse prefacio inesquecivel, mas o cenario não mudou, ou coincidiu, dolorosamente. Agora voltámos a solicitar permissão para lembrar um homem pacifico, que não insulta nem agride, nem vióla ou degrada, e antes morre para que os outros vivam.

A curiosidade do homem para com Deus, mesmo negando sua divindade, é a denuncia melancolica da saudade da crença, a incontida e presente recordação da ideia longinqua e primeira em que se sedimenta o edificio cultural posterior. Aqueles que exercem na Terra o bom-combate, com renuncia e sacrificio, pagando a suor e sangue o premio de uma solidariedade heroica, chamamos os "santos". Um "santo" é psicologicamente o problema apaixonante para todas as inteligencias, um téma complexo, variado, multiplo. A atividade de um Santo é tão variada quanto uma rosa-dos-ventos. Mas uma singular rosa-dos-ventos em que todos soprassem numa só direção.

Santo é Semeão no alto da sua coluna, Onofre no deserto, Vicente de Paulo entre pobres, Francisco de Assis entre aves, Antonio pregando, Bosco ensinando, Alberto Magno na catedra, Tomaz de Aquino na céla, Luís IX batendo-se, Inácio de Loióla estudando, Estevão que é Rei, Benedito que é servo. Essa energia onimoda e continua, essa valentia que não é agressiva nem louca, antes passiva e mansa, mas teimosa e serena, aparece aos olhos do psicologo como um cortejo clinico de nevropatias dispersas no infinito dos sintomas. Não é possivel explicar, mas compreender pelo amor a figura de um Santo. Ou o amamos e sentimos a amplidão de sua tarefa sobrenatural, ou êle permanecerá perpetuamente distante e mudo ante as perguntas atiradas pelos

laboratorios e testes psicologicos. Mesmo com essa "distancia" o Santo é, como ninguem, um atual, um contemporaneo, um amigo ao alcance da nossa voz.

Nessa Academia o criterio da escôlha dos patronos foi a livre indicação dos academicos. Nenhum esperava que fosteis vós, chefe de clinicas, veterano do exercito branco que enfrenta a Morte com as armas da tecnica, quem escolhesse para egide nesta casa a figura apostolical de João Maria. Nada, aparentemente nada, havia de comum. Era o paróco de provincia, pobre, tartamudo, de fala lenta, de sabedoria rala, de prestigio pequenino. Nenhuma projeção mental, nenhum poder de inteligencia, nenhuma pagina duradoura que agitasse o coração, sacudisse o ritmo do sangue na taquicardia da emoção insopitavel.

Quando abristes os olhos, Academico Januario Cicco, naquela melancolica, acolhedora e aristocratica São José de Mipibú, fundada em honra de um Rei e em gloria de um Santo, terra de indios e de fidalguia dos canaviais, cuja moldura se destende num miúdo convite de abstração e de cisma, quando vossos olhos se molharam na luz doce e macia do Sol brasileiro, já o Padre João Maria era Vigario de Natal, experimentado, sizudo, pezadão, cavalgando o jumento biblico nas peregrinações diarias da caridade sem pausa. Certamente, em vossos dias de Ateneu centenario, passareira onde se emplumaram todas as azas fortes de remigios altos em nossa região, deveis ter visto João Maria com sua velha batina, cinzenta de poeira, com seus olhos cansados, com sua mão pequena e gorda, lançando bençãos maquinais. Ou respondendo a todas as saudações com um surdo rosnado distraído: — "hum" que soava como "rúm" ou "um". Um academico, nesse tempo rapaz vivo e, até hoje, espirito moço, abrindo ao clarão da maturidade as flores incontaveis de sua sabedoria, nesse tempo estudante, hoje um grave desembargador, o nosso Sebastião Fernandes, dizia ter vontade de dizer "dois!" quando João Maria respondia com o "hum" ás saudações de sempre.

Mas, porque, voltando da Baía, com um curso magnifico, um curso de trabalho e de luta, já ganhando o pão, em comissões academicas nas epidemias da época, aqui vendo a triste Natal, vós, medico de 22 de dezembro de 1906, consentisseis no suicidio dos vossos grandes planos de

ação cultural, noutros horizontes escampados e sem as nuvens obstinadas que enevoam a luz da esperança? Dois fatos evoco nesta noite de vossa consagração intelectual. Os dois passos iniciais da vida clinica. Um, ato de obediencia heroica, na plana moral dos Jesuitas. Ao pedido de vossa mãe, curvada a cabeça, pudesseis assistir a mão da renuncia desplumando as azas da esperança, do sonho e da ambição moral do sucesso. O outro, ato de confiança e de fé cientifica, vossa primeira intervenção, na pessôa do vosso pai, a primeira angustia e o primeiro sucesso. E assim, Medico dos Homens, iniciaveis a vida com as virtudes cristãs e eternas que anunciariam vossa existencia magnifica: — honrando com a força de vossa obediencia e com a segurança de vossa Arte, o coração unico daqueles dois seres que, perante Deus, haviam vos dado sangue e vontade.

Mas, a silhuêta do velho Padre não passava pelas ruas de Natal. Dormia no seu tumulo, chorado pelos olhos apagados dos cegos, procurado pelas mãos chagadas dos aleijados, saudado pelas orações sem nome dos milhares de seres, pelos quais vivera e se sacrificára. Na tempestade da variola que desabára sobre Natal, as lufadas do medo apavoraram todos os fortes. Só o velho Pároco resistiu e marchou contra o flagelo, naquele mesmo passo lento, balançado e lerdo, com que andava. E, esse Alecrim que é uma cidade, era um arraial de taipas e de baiúcas, povoado pela fome de dez mil homens sem auxilio. Aí a variola estendeu sua soberania incontrastavel.

João Maria, carregado de viveres e de orações, não podia saber até onde se estiravam os limites daquela Côrte dos Milagres, reino de miseria e apanagio do esqueleto simbolico da Morte. Pedia que, nas casinhas onde alguem precisasse do seu apoio, hasteasse uma bandeirinha vermelha, farrapo de pano domestico, traço de coeiro, resto de camisa, fazenda de esmóla. Tardinha, quando o Sol acendia a imensa coivára do crepusculo, João Maria passava o Baldo e ao galgar a primeira colina, onde está a torre da Igreja que glorifica o Principe dos Apostolos, via, ao correr da vista e das lagrimas, o lençol do casario humilde, escondido nos leves tufos de vegetação, enfeitado com uma floresta de bandeirinhas vermelhas. E essas bandeiras rubras

não diziam que alí estava um acampamento de guerra e de revolta, um reduto de odio e de morte contra o destino social da injustiça e do abandono, mas, como uma fogueira infinita cujas chamas haviam sido recortadas pelas mãos de mães sem leite para os filhos e de páis sem trabalho para a prole sem número, agitavam-se para o claro Céu misericordioso, dando para a solidão muda da tarde iluminada, o grito de alarme e de queixa, para que Deus enviasse socôrro e esperança na pessôa de um seu enviado. E esse enviado descia, todas as tardes, as colinas, para apagar esse fogo, descer essa tremulação escarlate de trofeus de revolta, com a palavra da Fé e a grandeza da Caridade.

Quando, semanas depois, caía, de fome, de exaustação, de cansasso, para não se reerguer e morria vitoriado pelo pranto de toda uma população, quando, deserta a janelinha do consitorio de onde atendia os miseraveis, só nos restou a lembrança sem par de sua Vida, sentiu a Cidade linda que Deus lhe déra, na distancia do tempo e nas definições irrecorriveis da Santa Igreja, o seu primeiro Santo, cuja santidade foi testemunhada por todos nós, para que vissemos que a seára dos Santos não terminou sua messe e antes aos milhares, ondulam as santidades, colhidas pelos carrascos de Mexico, de Hespanha e de Russia.

Foi esse Padre que a vossa voz comovida, Academico Januario Cicco, elegeu para que sua sombra augusta, seu exemplo altissimo, sua existencia preclara fossem perpetuamente ligados aos trabalhos intelectuais desta casa.

Mas essa escolha teria sido realmente como a vimos ? Quem teria, verdadeiramente, escolhido? Vós a João Maria ou João Maria a vós? De todos os academicos, todos servos confessados de uma admiração segura ante o Padre Caridade, não partiu a ideia da eleição que enobrece o titular da cadeira numero onze. Sobre vós, academico Januario Cicco, se fixou a visita duradoura do nosso grande Vigario, amigo pessoal de vosso pai. Com seu passo arrastado, sua batina suja de lama, sua fronte cheia de suor, saído do sepulcro, o Padre veio andando, veio andando digno dessa egide, digno desse patrono, digno dessa companhia.

Vossa historia é a cronica medica de Natal durante seis lustros. Medico, de 1907, até hoje, gerações inteiras de-

vem ao vosso nome sonoro o culto duma devoção familiar. Médico de meu pai, vigia de minha saúde, desde a meninice, vejo-vos curvado sobre a caminha dos meus filhos. Grande medico gratuito, confidente de centenas de familias, pronta, admiravel e constante dedicação, desinteressada, infalivel e segura. Vossa face rigida, que um leve sorrizo polido e tenue vai clareando, está sempre voltada para os sofrimentos alheios com uma atenção demorada. Tendes sido entre nós a Continuidade, aquela que Eugenio D'Ors chamou "la santa continuidad".

No proximo dia 12 de setembro veremos o trigesimo aniversario da inauguração do Hospital de Caridade, ontem Juvino Barreto, Miguel Couto atualmente, a nossa grande insubstituivel e única escola de medicos, de pratica cirurgica, de trabalho real, eficiente e positivo, da ciencia contra a dôr e a ruina fisica.

Viajando nessa quarta dimensão, atravez de trinta anos, quanto poderemos analizar no desenvolvimento desse serviço a fé-de-oficio do vosso ininterrupto e animado labor cultural. Ha trinta anos era a casa alpendrada e acolhedora de uma residencia privada. As paredes, recebidas de taipa, são de cimento-armado, os corredores espelham no mosaico cuidado e limpo, os pavilhões abrigam o arsenal com que o medico ataca o inimigo agredido no organismo vivo e o fére para vencer num embate silencioso e tragico. Como estamos distantes do velho Hospital, abrigado na indiferença, com seu serróte para amputação, sua meia duzia de cégos bisturis e suas pinças sem pontas?...

O auxilio do Governo incidiu sobre vós porque vossa existencia inteira estava ligada diretamente a este estabelecimento. Aí assistimos vossas batalhas cirurgicas, comentadas pela cidade, a cirurgia abdominal, a mais misteriosa, irregular e inesperada de todas, aquela que escolhe como campo operatorio o que se chama, para todos os medicos do Mundo, a **boite de surprise**... Tambem recordo aquí que da vossa perseverante atividade, diaria, sem descrer da cidade e de seu povo, confiando no futuro e na compreensão das almas, os frutos surgiram. Os diagnosticos confirmados em Paris, Londres, Berlim. A diminuição notoria dos doentes que iam levar aos meios medicos de outras paragens a vi-

toria da cura. O ambiente clinico de Natal que de vós recebeu o mais decisivo impulso, determinando, após vossos 25 anos de cirurgia, um cenario moral onde foi possivel a especialização e nesta o desdobramento das atividades tecnicas nos multiplos serviços do Hospital, é outro elemento indiscutivel de sucesso pela vontade, pelo exemplo, pela constancia, pelo sacrificio.

E, desde 1931, o sonhador sacode as azas para outro canto do Céu. E' a Maternidade que abre, em seu edificio espetacular, no encanto do seu neo-colonial sugestivo, o intenso clamor duma outra campanha, nobre, comovedora e humana. Seus 80 leitos, seus serviços de puericultura, parturientes, ginecologia e maternidade, são os quatro postulados de um teatrologo onde a parte fisica, material, humana-sofredoras das maes pobres será completamente atendida e salva. E' a repercussão, para melhor é dentro do espirito brasileiro, das maternidades de Italia. Aí não ha a função hospitalar, em sua acepção apressada, mecanica e apatica, mas uma movimentação estusiastica para que dê á mãe dos futuros brasileiros um calor de carinho que a disponha a ver sua Patria como uma parte afetuosa de seu lar e jamais como a região onde podem viver os ricos e morrer os pobres.

Nunca, Academico Januario Cicco, a esmeralda simbolica brilhou em mão mais generosa e culta que na vossa, de forte e solido pulso de cirurgião, enfrentador da Morte, construindo palacios para a dôr imortal das mães humildes.

Mas, o medico que é escritor, tribuno e conferencista, ficaria, em todo explendor da logica, bem senhor dos nossos aplausos, numa poltrona academica, em sua festa de hoje.

Mas, que diria, emergindo no fundo do misterio e da vida extra-terrena, a voz de João Maria para vós que o escolhestes seu Patrono? Diria que a escolha foi justa, porque Padre e Medico são do angulo cujo vertice é a Dôr humana, dirigida para o alto. Medico, atento aos problemas da dôr localizada em funções, em orgãos, é a batalha no sentido horizontal da terra, rumo ás lonjuras esfumadas pela incognita da vida fisiologica, a fisiologia do Homem "cet Inconu", como diria Alexis Carrel. O Padre é a campanha na

direção vertical, onde o adversario se oculta no corpo ou se disfarsa nos sentidos, multiplo e negociante, infinito e agil, com todas as cores da mentira e com todas as tenacidades do vicio.

A Dôr, ela propria, só será improficua e terrivel, se não tiver orientação e destino. Deus não nos promete a vida sem dôr, mas sua Religião dará aos fiéis o sentido da dôr e este, com fundamento, é uma justificativa e um consólo. Ferido de golpes dolorosos, amolgadores da vossa couraça de homem forte, o infortunio vos sacudiu como um vento furioso a uma arvore robusta, formidavel em suas raizes no seio da terra. Mas, academico Januario Cicco, se esta arvore sofre e se agita, ferida pelos mil embates do turbilhão, se a ventania arranca da sombra de sua vida magnifica outras arvores nascidas de sua seiva ou com ela desabrochadas, a vitalidade divina, na voz distante do vosso Patrono imortal, vos dirá, perto do coração, que essa arvore, que deu frutos e flores, continuará semeando flores e frutos, impassivel e serena, espalhando beneficios e bençães, respondendo as pedradas com a proteção da folhagem, acima da colera, do odio e do inutil rancor, exemplificando que as vidas mais nobres são aquelas que Deus visita pela mão dura do Sofrimento, provando-as na Terra para reuni-las numa região onde não ha morte nem distancias.

Dir-vos-á essa palavra o vosso Patrono, uma palavra sempre ouvida e seguida por vós, academico Januario Cicco, cuja profissão é a caridade para as doenças do corpo e cuja pedra sibmolica é a esperança para a imortalidade da alma.

Estou certo de que, intimamente, nos maravilhosos dialogos do cerebro com o coração, haveis de, vezes e vezes, nas horas amarelas de desanimo, de tedio e de desalento repetir a frase de Andréa Majochi, o primeiro cirurgião de Italia, honra e gloria da ciencia hospitalar de Milão, o "medico das chagas" como lh'o chamou D'Annunzio. —

Direis como o doutor Majocchi: —

"Creio que, após a Morte, quando me apresentar ante o Juiz Supremo, com a minha blusa branca, e estas pobres mãos ensanguentadas, muito me será perdoado, pelo muito que sofri e amei..."

Almino Alvares Afonso

Discurso de recepção a 17 de Abril de 1940

NESTOR LIMA

"I — A efeméride centenária.

"Nas capoêras do Patú" nasceu, a 17 de abril de 1840, Almino Alvares Afonso. Antes de completar 59 anos, falecia placidamente, em Fortaleza, do Ceará, a 13 de fevereiro de 1899, recitando orações fervorosas e lindos versos latinos.

Foi uma vida intensa, cheia, transbordante, movimentada, operosa, peregrina, no bom sentido do têrmo, benemérita, que ha feito jús a esta consagração, na data centenária, que hoje transcorre e agora celebramos.

II — Eleição de um patrono:

Por essa rápida mostra, a Academia de Letras, a meu pedido, inscreveu-lhe o nome aureolado entre os deuses lares da nossa companhia.

Se me perguntásseis porque escolhi para meu patrôno o grande patrício, que hoje faria um século de existência, eu vos responderia, com certo orgulho, que são muitas, e a averiguar, as razões que o cérebro ponderou e o coração aceitou como determinantes dessa escolha. Velamo-las pacientemente, mas com brevidade.

A) Almino era, antes de tudo, um autêntico sertanejo.

Como êle próprio dizia, nascêra nas "capoêras do Patú". Não importa o logar, o ponto exato, a casa, a sala ou quarto, onde viu a luz aquêle nobre espírito.

Filho do casal de Francisco Manuel Alvares Afonso e Luisa Cândida Teles de Menezes, êle respirara, ao nascer, aquêlas fortes brisas que descem da serra da Cruz, imponente maciço granítico, que se alonga na nossa fronteira meridional com a Paraíba e ao pé do qual se estendia a

ténue povoação do "Patú de dentro", da serra do Martins, ainda não erigida em distrito de paz, e aonde, nos fins do século 18, o Capitão Geraldo Saraiva de Moura construíra uma casa e situára uma fazenda de lcriação.

Alí, naquêle ambiente rústico do sertão, êle viu transcorrerem-se-lhe os dias da infância difícil, incerta e atormentada. Nas várzeas ridentes do rio Umarí, originário da serra de São Miguel, nos confins com a de Martins, viveu Almino as horas amargas da pobreza e da orfandade, aos oito anos, e começou o seu aprendizado de letras primárias e dos autores clássicos, em que, mais tarde, à força de talento e de perseverança, se fez autoridade emérita, que o próprio imperador reconheceu **cum laude.**

Essas várzeas, essas capoêras e essas serranias, que êle amou apaixonadamente, "com extremos que iam até à ameaça, ou com exaltação que ia até ao fanatismo idólatra", como disse o emérito Dr. José Avelino, um dos seus mais autorizados biografos (**A República,** transcrição do **O País,** do Rio, em 8/3/1899), durante tôdas as fases de sua laboriosa existência, colheram-lhe as primícias da sua pujante formação mental, mas, ao mesmo tempo, infundiram-lhe a "organização de atleta, rijamente temperada, de um genuíno representante das nossas raças sertanejas", como acentuou o brilhante jornalista da **A República,** que lhe traçou o necrologio a 16 de fevereiro de 1899.

B) o talento:

Almino era uma inteligencia lúcida, vigorosa e culta. Poderíamos dizer hoje que êle éra dotado de mentalidade supra-normal.

Êle mesmo se reconhecia possuidor de "alguma inteligência". Sua formação intelectual tinha o cunho tradicional no "meio" onde vivia; limitava-se ao latim, ao francês e outras disciplinas, quando estas não participavam dos aperfeiçoamentos do método experimental.

Os mestres da lingua latina, os poetas, os oradores, os históriadores da éra famosa de Roma eram-lhe familiares e foram-lhe as fontes únicas do aprimoramento espiritual.

Todavia, foi êle muito perseguido e muito combatido: disso queixava-se em carta autógrafa, que me presenteou

um seu ilustre amigo, o Desembargador Felipe Guerra: "o desassocêgo, as intrigas não procuradas, as emboscadas, as tentativas de morte, as armas e o destêrro que a si e aos seus dois prezados irmãos, ha quatro anos, perseguem, só por amor da justiça e aos bons costumes". (Carta de Aquirás, em 18 de julho de 1876).

A sua pertinacia, o seu vigôr espiritual, as necessidades imperiosas da família, que tomára a seus ômbros, obrigaram-no a persistir nos estudos e o elevaram a nível superior de cultura entre os seus contemporâneos.

Apaixonado pelas letras heleno-latinas, Almino brilhou, em tôdos os passos de sua trajetória na vida pública; distinguia-se por êsse elevado prisma.

Na tribuna popular, ou no parlamento, nas lídes do fôro ou nos cenáculos das letras, no panfleto ou no verso mordaz ou lírico, êle tratava, com maestria, o idioma do Lácio com a mesma facilidade com que discursava na língua vernácula, em que foi **primus inter pares.**

Possuia memória feliz e incomparável: facílima na fixação, tenacíssima na conservação, de uma prontidão de raio na reprodução, e fidelíssima no reconhecimento, Almino era capaz de repetir de cór páginas e páginas, capítulos e capítulos, trechos inteiros de qualquer autor clássico, sem perda de uma única expressão.

Imaginoso, raciocinante e dono de uma associação lucidíssima, êle atendia, com ênfase, tôdas as idéas; era um prosador absorvente, **causeur** magnífico e incontrastável na palestra pontilhada de ditos chistosos, sentenças eruditas ou locuções de alta sabedoria humana. E, no campo da luta, fôsse parlamentar, ou fôsse forense, na imprensa, ou na tribuna, êle confundia o adversário com os primores da sua surpreendente argumentação.

C) O autodidata:

Com os conhecimentos em que o iniciára o velho professor Francisco Emiliano Pereira, seu tio afirmouque seu padrinho, nas linguas latina e francesa não tardou ele em tornar-se professor dessas disciplinas, e, tanto as estudou, aperfeiçoou e poliu que se igualou aos seus proprios docentes e foi êle o "estudante que sabia tanto, quanto o

mestre e passou a ser professor", (Dr. José Lino da Justa, **A Republica**, de 25/6/38)..

Ainda criança e já mestre de humanidades, deambulou, no seu afã profissional, pela fazenda Xique-xique, na serra do Martins, do Tenente Domingos, cujos filhos e afilhados lecionou, durante dois anos, passou ao "Patú de fóra", onde demorou igual tempo, seguiu para Caraubas, afim de passar férias, em 1851, e aí ficou ensinando letras e linguas, a insistência de figuras salientes da localidade, transportou-se depois para Catolé do Rocha, na Paraíba, onde, então, pôde melhor desenvolver as suas propensões juvenís, sob os auspicios do seu tio José Torquato de Sá Cavalcanti, daí, resolveu mudar-se para Recife, de Pernambuco, afim de tentar o curso jurídico na Faculdade daquela cidade.

Nêsse ambiênte mais largo e mais propício ao seu acentuado pendôr didático, poude êle lecionar em colégios e a domicilio, durante cerca de dois anos, auferindo dêsse trabalho os meios de subsistência para si e para sua numerosa família, que permanecia no Catolé do Rocha, tendo sido mestre de altos espíritos que depois ocuparam eminentes posições na Monarquia e na República: Rosa e Silva, Severino Vieira, Bernardo de Mendonça, José Avelino Gurgel do Amaral e outros.

Dos estímulos e das possibilidades adquiridas na permanência em Recife, resultaram a conclusão do curso de preparatórios e a iniciação do curso jurídico, em 1867, conseguindo laurear-se em direito, em dezembro de 1871, juntamente com o seu patricio, natural do Açu, Basilisso da Silva Caldas, e tendo como companheiros de turma Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Júnior, Antônio Ferreira de Souza Pitanga, Benjamim Aristides Ferreira Bandeira e outros, mais tarde, luminares da jurisprudencia nacional.

Durante o seu curso acadêmico, assevera um seu eminente biógrafo, "foi talvés o primeiro latinista do seu tempo e o primeiro nos estudos da lingua vernácula". (Dr. José Avelino, loc. cit.).

Soube conquistar, porém, altíssimas relações, que lhe valeram momentos de grande relêvo mental.

Entre essas muitas amizades, que êle conquistára,

após a formatura, quando em passeio pelo Rio de Janeiro, à força de saber e de virtudes, contava-se a do Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, o velho e emérito político da Monarquia, cuja intimidade frequentava.

A quem inqueria dêste as razões da assídua companhia de Almino, êle respondia: "E' um clássico que eu trago comigo e que fala, em vez de obrigar-me à leitura".

E assim aquêle modesto órfão do Patú, a golpes de inteligência e de saber, impôs-se às culminancias da cultura clássica, por outros assás desejada e apetecida, mas que êle conquistara por próprio esforço e pela sua capacidade mental incontestável.

D) O advogado:

Almino combateu nos pretórios e brilhou na tribuna forense.

Ainda adolescente e a consêlhos de seu referido tio, José Torquato, foi iniciado nos mistéres do fôro, na vila de Catolé do Rocha.

O gôsto por essas atividades e o convite dêsse bondoso parente, que lhe facilitára alguns meios, fizeram-no graduar-se em direito.

Apenas formado, não voltou à provincia natal, é certo, "não porque recusasse sistematicamente", como disse certo panegirista (**Gazeta de Notícias**", do Rio, transcrito, na **A República**, n. **44**, de 25/2/99), "tôda qualidade de emprego público, por aversão ao sistema monárquico, contra o qual, ou contra o imperador, nunca poupou sua sátira mordaz e terrível."

Ao contrário, aceitou êle a promotoria pública de Guarabira, na provincia da Paraíba, e aí permaneceu desde 1872 até 1874.

Foi nessa época que contraíu núpcias com a sua prima Abigail de Souza Martins, filha legítima de José de Souza Martins e Emilia Emiliana Pereira.

Em setembro de 1874, Almino, cedendo à pressão da luta em que se empenhara contra Jesuino Brilhante, o bandido que infestou, pelas suas honrrendas maldades e tropelias, os limites das três provincias vizinhas e irmãs, foi compelido a procurar as terras do Ceará, para lá se retirando, com recursos havidos por empréstimo a D. Quiteria

Ferreira de São Luís, conduzindo tôda a família, inclusive os dois irmãos Deocleciano e Minervino.

Alí, foi êle mais feliz e conseguiu logo a nomeação para secretário do presidente da província. Em seguida, provido juiz municipal do têrmo de Cascavel e, por um quatrienio inteiro, em Aquirás, convenceu-se de que "não era talhado para essa profissão", uma vez que "pedia-lhe a alma lutas, emoções, e campo, onde pudesse ter tôdas as expansões de que necessitava", (José Avelino, loc. loc.)

Permutando, em 1880, com o Dr. Facó, as funções de juiz municipal de Aquirás pelas de procurador fiscal da tesouraria provincial do Ceará, neles e na advocacia se manteve até 1883, quando foi destituído, por sua atuação no movimento abolicionista.

Acalmada a refrega libertária, Almino seguiu para o Amazonas, onde o chamavam interesses da advocacia, iniciados e encaminhados por seu irmão Deocleciano.

Lá, então, é que se formou e expandiu a sua vocação forense, brilhando nas lides do pretório, onde adquiriu a fama de primeiro advogado e que manteve até o último ano em que lá permaneceu.

Irresistível e torrencial na argumentação, servida por sua béla cultura clássica e jurídica, acabava por mover e convencer os mais imperdernidos advèrsários, e os mais inacessíveis magistrados.

E) O abolicionista:

Almino foi abolicionista invicto e invencível.

Era êle funcionário público provincial, quando, em Fortaleza, surgiu a idéa da abolição da escravidão, com o fáto de ter sido fundada a Libertadora Cearense, após a festa da loja maçônica Perseverança e Porvir.

João Cordeiro, Frederico Borges, Antônio Dias Martins, Rodolfo Teófilo, Guilherme Studart e outros fizeram-se próceres da generosa campanha e logo criaram um órgão de imprensa, **O Libertador**.

Careciam prosélitos; ao espírito altamente combatente de Almino assomou a simpatia pela grande iniciativa e logo "abraçou com abnegação o impetuoso movimento e entrou para a redação do **Libertador**, tendo por companheiros

Frederico Borges, Antônio Dias Martins, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e José Joaquim Teles de Marrocos". (Dr. José Lino da Justa **A Republica**, 26/7/38).

Mas, foi de tal órdem e relevancia a sua atuação naquêle movimento de generosidade, tão grande a influência do seu verbo convincente, que por ocasião do embarque do 15.º Batalhão de Infanteria, removido de Fortaleza, por sua evidente simpatia à campanha libertadôra, foi êle escolhido para dar as despedidas ao destemido corpo do Exército, aos seus oficiais e praças, em nome do pôvo cearense.

E, de fáto, no dia 7 de março de 1883, Almino falou, no pateo interno do quartel, em frente à tropa formada. Dizem que "sua oração foi magistral e béla"; "suas palavras cheias de unção da saudade arrancaram lágrimas de tôdo o auditório; seu verbo de luz e de amôr sensibilizou a multidão que transbordava até a esplanada do quartel". (Dr. José Lino, loc. cit.).

A seguir, no trapiche de embarque, aclamado, de nôvo, se dirigiu à tropa, e, "com fisionomia sombria e triste, fez, no mais terno discurso, a despedida final do pôvo cearense aos seus irmãos do glorioso Exército". (Autor e loc. cit.)

Tôda a gente vibrava ás suas orações.

Mas, a sanha anti-libertária do presidente da provincia, Domingos Antônio Raiol, fulminou, em primeiro logar, a Almino, que foi demitido das suas funções, sob a acusação , segundo o órgão oficial, de haver, nos discursos proferidos a 7 de março, "atacado em linguagem inconveniente e desabrida os govêrnos central e provincial".

Pelas colunas do **Libertador**, Almino defendeu-se amplamente, negando que tivesse proferido discursos insultuosos e invocando a honra, o brio, a justiça e as suas bôas maneiras, como prova da sua conduta pública, mas valendo-se ao mesmo tempo de que "a Constituição do Império e o Código Criminal permitiam a liberdade de pensamento e o direito de censura."

Sem embargo do golpe vibrado na sua proverbial sensibilidade, êle se não acabrunhou nem o ânimo se lhe arrefeceu para demovê-lo dos seus nobres intentos.

Prosseguiu com mais denodo na campanha pelo Ceará

livre, ao mesmo tempo, mantendo-se em comunicação com os seus amigos libertadores de Mossoró, desta provincia, onde também fôra arvorada a flâmula da Liberdade, com a fundação da Sociedade Libertadôra Mossoróense, sob a égide de Joaquim Bezerra da Costa Mendes, Romualdo Lopes Galvão, Miguel Faustino do Monte, Francisco Romão Filgueira e outros beneméritos abolicionistas compatricios.

Eficientíssima foi a sua coparticipação nas duas campanhas do Ceará e de Mossoró, e tanto é isso verdade que, sómente a 30 de setembro de 1883, quando lhe foi possível atender aos reclamos dos seus amigos de cá, é que se realizou a sessão solene para a declaração da liberdade integral da cidade, do município e da comarca de Mossoró.

A sua vinda a Mossoró trouxe um grande confôrto aos libertadores. O entusiasmo reacendeu-se por tôdos os ângulos da cidade. Êle andava pela cidade fazendo discursos.

Disseram-me 30, em Mossoró. Outros informam 20. Mas um informante conspícuo da **A República**, no editorial sôbre o seu infausto passamento, afirmou que Almino proferiu **nove** discursos nêsse dia, assombrando tôda gente a sua eloquência e fecundidade. Acrescentou: "Não julguem que êle se repetia ou patinava em logares comuns. Era cada vez mais imaginoso e brilhante. Já, ás 10 horas da noite, ao dissolver-se uma reunião de milhares de pessôas, quando lhe pediram que falasse, êle, (o informante), protestou, dizendo que o orador deveria estar fatigadíssimo, supondo-o mesmo esgotado no assunto. Enganou-se, porém. Mais do que nunca, Almino soube arrebatar a multidão que o aclamava com delirio, tal a magia emocionante e sugestiva do seu verbo de tribuno". (**A República**, de 16/2/1899).

F) O parlamentar:

Almino foi notável parlamentar, na Constituinte, na Câmara dos Deputados, na 1.ª legislatura, e no Senado, de 1894 a 1898.

Candidato, após a abolição da escravatura, pela lei de 13 de maio de 1888, a um logar nas eleições gerais consequentes à ascensão do Gabinete Ouro Preto, e que se realizaram a 31 de agôsto de 1889, êle dirigiu, do Amazonas, onde vivia desde 1884, aos seus conterrâneos, um vibrante manifesto político, datado de 18 de julho daquêle ano, no

qual, dizendo-se "despido de lauréis e triunfos", afirmava que "na atual geração, ninguem mais do que êle bem quís ou mais amou a sua terra", e acrescentava: "Não tenho programas, bôlhas de sabão e promessas que desacreditam seus portadores", para concluir: "Se não tendes, na hora, melhor ou mais feliz procurador, ou advogado dos vossos direitos; aí tendes o nome obscuro não menos riograndense do menos hábil dos vossos irmãos, que aspira a honra de ser portador do vosso **recado de maguas**, no recinto, algum dia, augusto do parlamento da pátria".

Não foi eleito, porém, porque as eleições foram muito disputadas pelos candidatos dos dois partidos tradicionais, Liberal e Conservador, sendo, em segundo escrutinio, eleito pelo 2.º distrito o Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, como pelo 1.º o Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti, não tendo, entretanto, tomado posse de suas cadeiras por causa da proclamação da República.

No coração do eleitorado e dos próceres políticos não se apagou a impressão causada pelos serviços de Almino à causa da redenção dos cativos e, na primeira eleição republicana, de 15 de setembro de 1890, o Estado do Rio Grande do Norte, pela voz de todos os seus partidos, resgatou a dívida para com o seu grande filho, elegendo-o deputado à Constituinte, por uma votação que excedeu de 10.000 votos.

Na Constituinte, êle soube desempenhar o honroso mandato. Estudou todas as questões constitucionais e se mpre foi ouvido com respeito nos debates.

Pertence-lhe a glória de ter proposto e defendido a emenda que se consubstanciou no final do art. 28 da Carta de 24 de fevereiro de 1891, no sseguintes termos: "§ — A União reconhece e garante a representação das minorias, que regulará por lei". (João Barbalho, **Com. a Const. Federal**, pag. 82). "Garantida a representação das minorias", foi fixada na disposição constitucional.

Mas, além dêsse traço indelével, que bem reflete o seu acendrado espírito democrático, êle deixou aquêle outro lábaro de ouro, junto à sua assinatura: "Pro vita civium, proque Universa República", com que adornou o texto cons-

titucional e demonstrou a pureza de seus ideais e da sua cultura latina, nunca jamais igualada ou excedida.

Transformado o Congresso Constituinte em Legislativo ordinário, êle continuou na Câmara dos Deputados, entre 15 de junho de 1891 até 31 de dezembro de 1893, a representar o pôvo do seu Estado, e pôde "aprimorar as suas qualidades de tribuno e de estudioso, pelo estudo".

Eleito Senador Federal, na renovação do 1.º terço do Senado, em 1894, na vaga, por conclusão do trienio, do Dr. Amaro Cavalcanti, justamente considerado "uma das maiores figuras do Rio Grande do Norte, em tôdos os tempos", êle se compenetrou, e se convenceu, "com a convivencia permanente, com os companheiros de luta", do prestigio e do respeito, que lhe era dado exercer, ocupando a tribuna.

Naqueles tormentosos dias de 1897 a 1898, quando perigava a ordem institucional da República, Almino proferiu notáveis orações, "umas sentidas e maguadas, com a expressão do seu patriotismo ferido nas cordas mais sensiveis, outras arrebatadas, tempestuosas e indignadas, como a revolta dos elementos" e nelas não escasseavam "jatos de eloquencia"", torrentes de objurgatorias, até contra o poder constituido, que êle entendia estar exorbitando das suas funções, o que, umas vezes, produziu, até "a anarquia dos trabalhos da sua Câmara". (Dr. José Avelino, loc. cit.).

Almino, foi sobretudo, um grande emotivo, um carater sentimental, e, porque não dizê-lo? um passional.

Todavia, êle se não ergueu com o parlamento, dignificou-o, engrandeceu-o, ilustrou-o.

G) Carater emotivo:

Todos quantos o conheceram pessoalmente e tiveram a fortuna do seu íntimo convivio, ainda recordam as linhas mestras da sua formação emotiva, a doçura do seu trato, a amenidade das suas maneiras, a magnanimidade dos seus gestos, a sua infantil credulidade, que o arrastaram, às vezes, a situações interessantes ou embaraçosas.

Por outro lado, transformava-se num leão embravecido, na luta a que era arrastado.

Conta-me o seu ilustre amigo Desembargador Felipe Guerra, que na campanha de Abolição, em Mossoró, houve,

certa vez, um momento em que êle mostrou quanto era temível, nos seus arremessos libertários.

Tratava-se de convencer a certo senhor de escravos que devia alforriar os que lhe pertenciam. O homem resistia aos consêlhos, à persuação, às ameaças, a tudo. Almino interveio e discursou, como sempre, pomposo, animado, persuasivo. E o homem continuava a resistir. Era uma obstinação incrivel. De repente, Almino tonitroou em catadupa e rápido comandou: "Ás pedras, o escravocrata!"...

Deante da ameaça tremenda e do pavor da lapidação, ou de um linchamento sumário, à moda americana, em plena praça pública, o birrento senhor de escravos cedeu aos rógos e concordou em libertar os infelizes parias da escravidão.

Pedro Velho, o cintilante jornalista, chefe de partido e organizador do Estado, que o tinha em muita estima, e, ao que parece, redigiu a notícia do tristissimo evento de 13 de fevereiro de 1899 (**A República**, n. 44, de 16/2/99), afirmava, naquêle seu estílo formoso e inimitável, que êle era um "temperamento original e essencialmente afetivo, que ora se exaltava em energias indomáveis, ora se esbatia em delicadezas primorosas."

Pormenorizando o perfil emocional do Senador extinto, acentuava o referido jornalista: "Em regra, o seu trato era a cortesania mais gentil e amaneirada. Para os pequenos e humildes, tinha sempre uma palavra de saudação amiga... Mas aquêle homem sensível e meigo como uma criança, transformava-se num gigante de resistência tenaz, infatigável, quando melindrado em seus brios, ou atacado em suas crenças. Então, a sua voz trovejava, vitoriosa e indômita, em reptos de eloquencia fulgentíssimos, em apóstrofes de irresistível veemencia".

José Avelino Gurgel do Amaral, seu discípulo e seu companheiro de parlamento, afirmou também que êle era "...homem de grandes devotamentos pelo coração. Quando era amigo, não se limitava a ser a sombra do corpo que êle amava e defendia por todos os modos; era uma dedicação, procurando constantemente perigos para definir-se com o heroismo e a lealdade dos sentimentos verdadeiros e profundos".

Muitos, inúmeros, são os episodios de sua vida que ainda andam na lembrança comovida dos seus coetaneos, acerca das qualidades emotivas que o caracterizavam.

No seio da família, era de uma bondade comovente. Contam que, no seu dia nupcial, em Martins, no meio da festa e da alegria que o acontecimento provocara, êle dizia ternamente para a noiva amada: "Abigail, minha filha, vamos subir ao céu?..."

E quando a sua querida companheira de existência perdeu a luz dos olhos, para nunca mais recobrar, êle se desfazia em afagos e meiguices, como para significar-lhe que a visão perdida seria suprida por um outro poder mais íntimo e mais lúcido, deante do qual nada seria a deficiência sensorial.

Na campanha da Abolição, em Fortaleza, Mossoró, Areia Branca e Manáus, onde atuou de modo relevantíssimo, praticou atos heróicos de desprendimento em pról da nobre cruzada.

Ainda mêsmo nos paroxismos da semiconciência, que as libações etílicas acentuavam, cada vez mais, nunca perdeu o senso das proporções e das responsabilidades, o sentimento de justiça, que lhe era inato, e a medida exata da palavra, que arrebatava as multidões, para apresentar-se nas refregas públicas ou partidárias, umas vezes, "como um leão, um mar revolto", ou, outras vezes, "como um cordeiro, um regato, tal a mansuetude e placidez, na hora em que a pátria não corria perigo, nem fazia apêlo ao amôr de seus filhos" (José Avelino, loc. cit.).

Bairrista e patriota êle foi como quem melhor o sentisse. O seu bairrismo, bem entendido, de não dividir, nem separar, mas de unir e de prender, obstinava-se no culto das coisas e dos homens de sua terra.

Dois episódios o definem: um, na Câmara dos Deputados, relativamente à verba para abastecimento de água à cidade de Macau; outro, no Senado, quanto à sobretaxaçãão do sal estrangeiro.

E quando, na fase do **Consulado**, em Manaus, onde êle esteve de 1884 a 1889, foi presidente da Câmara Municipal e redator do **Rio Branco**, envaidecia-se e orgulhava-se de ser procurado por todos os compatricios que alí aporta-

vam, na aventura do "ouro negro", — quer solicitando-lhe amparo direto, quer pedindo-lhe auxílios indiretos, bastava a simples invocação "sou do Rio Grande do Norte!", e tudo quanto dele dependesse estava posto à disposição dos necessitados.

Ganhou "rios de dinheiro", diz outro biógrafo, "mas, o ouro, que lhe entrava pela porta do trabalho, escoava-se todo pela válvula da beneficencia. As precisões alheias, mesmo de indiferentes, ou de adversários, só as não atendia, ou remediava, se, de todo, não podia".

Finalmente, no Rio de Janeiro, na fase final de sua vida, nos últimos dez anos de trajetória pública, êle era o protetor desvelado de todo patrício que lhe buscava o amparo, ou a êle recorria nas necessidades de imediata satisfação, com o qual repartia irmãmente o subsidio que mal daría, talvez, para assegurar-lhe a representação social e política.

Patriota exaltado, nos tempos da guerra com o Paraguai, quando era estudante na Faculdade do Recife, a cada notícia dos triunfos obtidos pelas armas brasileiras nos campos ou nas aguas paraguaias, êle vibrava, com a máxima intensidade, discursando nas passeatas e comicios, ou recitando poesias em que tôda a sua emotividade cívica se desenhava ardentemente.

Bom, fundamentalmente bom e compassivo, honesto, caritativo, humilde e generoso, Almino é, assim, um tipo completo de emotivo, um caráter claramente passional.

H) As suas falhas e os seus defeitos.

Almino, contingente e frágil criatura humana, teve tambem os seus defeitos, as suas falhas e os seus vicios, que poderiam obscurecer-lhe a personalidade iluminada.

Ninguem jamais os apontou. Eu deveria examiná-los, por amôr à verdade, para prevenir a objeção de só lhe ter achado virtudes e qualidades, valor e mérito.

Por acaso, outros grandes vultos humanos, com imensa projeção, na história, nas artes, nas letras, nas ciências, Byron, Scheley, Balzac, Álvares de Azevedo, Brás de Melo, Lourival Açucena, Itajubá e Gotardo, e outros, não os tiveram, de igual modo?

Seria, além do mais, um desprimor catalogar defeitos

e vicios, a não ser que o revolver da vasa fizesse ainda melhor destacar mais intensamente e fazer brilhar a sua fascinante mentalidade de sertanejo. Não são, porventura, tais eivas que fazem melhor e mais profunda a produção dos genios?

Pinto da Rocha, na célebre oração fúnebre a Julio de Castilhos, justificou magistralmente "as falhas do caráter, as anfratuosidades que tornavam intratável" o arrogante leão dos Pampas. Procedamos elegantemente com o querido patricio, cuja memória só devemos exaltar. Perdão! para as fraquezas humanas, que, como as arestas e os grotões das montanhas, se apagam, diluem e azulam no horizonte, se vistas aquelas através do tempo e pela perspectiva insondável do túmulo! Ademais, se nos recordamos da sentença inimitável do excelso Nazareno, atire a primeira pedra aquêle se sentir isento de defeitos.

Não, eu, que, de tanto admirá-lo, fi-lo meu patrono, por seus talentos e virtudes, no seio desta casa.

Senhores. Eis aí está porque um filho humilde do sertão, órfão aos onze anos, trabalhando em tipografia, na fase descuidosa da adolescência, para ajudar mãe e irmãos, estudou com sacrificios, vive no fôro e no ensino, estuda a infância e prega a educação, ama as tradições de seus maiores, perquire os fatos do passado e indaga dos fenômenos da corografia regional, preza a liberdade e ama a justiça, tem coração que se enternece com a dôr alheia, combate e é combatido, não deixa nunca de revidar o golpe que lhe é vibrado, mas não tergiversa nem retrocede, e, vencido, ou vencedor, não perdoa nem pede perdão, por tantas e tais razões, que a mente deliberou e o coração sancionou, só podia eleger para seu patrono nesta Academia de Letras a figura inconfundível e intrépida de Almino Álvares Afonso.

III — Perfil mental de Almino:

Almino, cujo escôrço biográfico acabo de fazer, a largos traços, era, sob o aspecto mental, a mais completa organização de tribuno, o orador mais seguro e impetuoso que o Rio Grande do Norte já produziu.

Fisicamente forte, robusto, varonil, "de fronte dominadora e porte acentuadamente decidido e enérgico, a que o convivio social dava um realce de fidalgo, de perfeito

gentleman", (**A República**, n. 44, de 16/2/99) lembrava uma daquelas opulentas figuras que a história consagra nos épicos acontecimentos da formação das nacionalidades.

Ou de Afonso Henriques, o condestável, na batalha de Ourique, criando a Nação lusitana, ou de Abraão Lincoln, o santo pai Abraão, unificando os Estados Norte-Americanos, alforriando os escravos e pondo fim à guerra de Secessão, tinha ele traços e aspectos bizarros, que bem lhe destacavam a personalidade superior com que o dotara a Natureza.

Alto, esbelto, espadaúdo, macrocéfalo, comedido na marcha, nos gestos e nas relações de sua convivencia, êle vestia habitualmente o **croisé**, ou sobrecasaca preta, abotoada, sôbre calças brancas e, ás vezes, pretas, colête e gravata negros, que lhe emolduravam a barba longa e alva, à moda de Calvaignac, em contraste com a cabeleira quase negra tirada para trás, e que a cartola invariável, apenas, em parte, cobria, aquela figura atlética de tribuno, cavalheiro **sans peur et sans reproche**, que atendia a todos os chamamentos e repelia com vigor todos os ataques, por mais insidiosos ou violentos que fossem, não tinha fadigas quando lhe reclamavam préstimos, nem sabia negar serviços a quem lhos solicitava, onde quer que se encontrasse.

Sua voz poderosa de Stentor reboava pelos salões, e nas praças públicas, no parlamento, ou nas ruas, como um pregão de justiça ou uma clarinada de amor.

A aventura de Manáus, em 1892, para onde voltou, após a conclusão da carta constitucional, com a incumbencia de depôr, a par de Malcher e de Lima Bacuri, o governador Taumaturgo de Azevedo, que aderira ao golpe de Estado do Presidente Deodoro da Fonsêca, prejudicou-o gravemente no órgão vocal, porque ferido mortalmente na nuca e na base da lingua, teve, daí por deante, apesar de restabelecido milagrosamente, dificuldades incríveis de enunciação, para a sua palavra, outrora, tão límpida e fascinante.

E, por isso, é que se esquivava, sempre que podia, de falar em publico para não expôr o defeito.

Por todos os pontos onde peregrinou, Almino deixou traços de sua pujante mentalidade.

Disse **A Republica**, do Ceará: "Todos nós tivemos ense-

jos inúmeros de aquilatar os méritos das suas faculdades intelectuais avigorados por uma cultura variada e profunda, traduzindo-se politicamente na tribuna e na imprensa, em assuntos diversos, e diferentes necessidades, com a riqueza de uma larguíssima instrução literária mormente a clássica e, com especialidade, a latina".

Não só na generosa terra cearense, onde mais lutou e a que muito serviu, em plena maturidade, como no Amazonas, onde foi chamado por seus patricios, em 1889, para disputar uma cadeira na Assembléia Geral, e, de onde veio, em 1890, eleito, por este Estado, sem contestação e por todos os partidos republicanos, para a Constituinte de 15 de novembro dêsse ano, êle deixou os sinais, as pegadas do seu talento e da sua cultura.

O mencionado jornalista cearense afirmou a seguir que "a fama dêsse belo talento, era quase uma lenda nos sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte, onde a pujança de tanta vocação se manifestou: era uma pagina das mais cheias da história mental do Ceará; e, ainda hoje, no Estado do Amazonas, tem os mesmos écos de admiração". (**A República**" de 25/2/99.)

IV — O tribuno:

Almino foi essencialmente o tribuno. Daí a razão por que a sua obra mental é esparsa e difícil de ser examinada. Nos raros trabalhos escritos ou impressos, que hoje se poderiam consultar, não se estereotípa suficientemente a sua poderosa capacidade intelectual.

E' que os discursos, as orações, vão-se com o vento. Voam.**Verba volant**, como diria êle próprio.

Dentro da sua cultura humanística, possuia Almino um grande cabedal que lhe era próprio, caraterístico.

Seu estílo pomposo, gongórico, arrebatado, grandioquo e empolado, era a resultante dos seus espontaneos arrebatamentos de caráter, mas filiava-se à corrente dominante na escola do Recife, onde o grande Aprigio Guimarães apregoava a todos os quadrantes:

"Palavrão, palavrão, não diz quem quer!
Palavrão, palavrão, só diz quem póde !"

Seguido e admirado, foi o estilo do tempo e da moda,

e nêle se exprimiram as mentalidades da época seguinte à guerra do Paraguai, em obras literarias de subido valor, que ainda hoje fazem as delicias de muitos espíritos.

Rui Barbosa, entre tôdos, praticou-o, com maestria inimitável, e a sua maravilhosa produção literária e jurídica, tôda vasada no estilo grandioso, constitue monumento imperecível das letras nacionais.

Almino também apreciava e sabia exprimir-se nêsse estílo que lhe marca exatamente tudo quanto deixou, como se vai vêr do perfuntório esboço, de agora por deante.

Sob o pseudônimo **Philipoomen** escreveu êle **Uma nota sôbre os quebra-quilos da Paraíba**, publicando-a, em 1875, em Fortaleza. (**Governos e Congressos da República**, Dunshee de Abranches, 1.º vol., pág. 300).

Informa Tavares de Lira, (**História do Rio Grande do Norte**, 1922, pág.713) que êle publicou, após a abolição, um vigoroso panfleto **Os Rodrigões do Imperio**, atacando os conselheiros Antônio Joaquim Rodrigues Júnior e Lourenço de Albuquerque e ao próprio imperador Pedro 2.º, devido à sua demissão do cargo de procurador fiscal, no Ceará. (1)

Nêsse panfleto Almino afirmava as suas tendencias republicanas, segundo a frase que o erudito historiógrafo conterrâneo reproduz: "A realeza é a negação absoluta da Liberdade! Libertemo-nos para melhorar os nossos destinos! Pela Cruz, pela Grei, pela Pátria! Mocidade brasileira, Filhos do país do Sol, Viva a America Democratica!" (1)

Êsses pendores manifestamente democráticos de 1883, êle os reafirmou, em 1889, a 18 de julho, quando de Manaus se dirigiu ao eleitorado patricio nos termos que veem detalhar o seu estílo grandioso:

— Meus patricios!

Se esta pobre luz póde servir-vos, se esta fraqueza póde tomar parte no desalento moral, na dôr patriótica que dilacera o coração riograndense, disponde de mim, como do último instrumento da vingança espiritual de um grande povo, que definha e perece socialmente, no meio da

(1) Por nimia gentileza do eminente patricio Desembargador José Bernardo de Medeiros, possuo hoje um exemplar do panfleto **Os Rodrigões do Imperio**. N. L. — 31-10-40.

Nação, ultrajado e escarnecido, "pelos vilões do poder"!...

Eu ouço e sinto e vejo, de longe, o desespero dos meus patricios, pelo acintoso despreso com que nos ultraja um govêrno **sem honra e sem Pátria !**

O meu programa não póde ser outro: é o desespero da minha Terra: é tudo!

As suas objurgatorias políticas, ao tempo da Monarquia, valeram-lhe o destaque merecido que teve nos albores da República.

Mêsmo assim, quando escarneciam dos sofrimentos do pôvo , particularmente da gente humilde que representava, a sua réplica era rápida, esmagadora, terrível !

Certa vez, passando por Mácau, êle viu comprar-se água em garrafas. Chegando ao Rio, apresentou à Câmara uma emenda ao orçamento do Ministério da Viação, afim de conceder-se uma verba de 200 contos ,destinada ás obras com o abastecimento de água àquela cidade norte-riograndense. O parecer da Comissão de Finanças concluia pela rejeição da sua emenda. No plenario, Almino obteve a palavra para encaminhar a votação. Falou com eloquência, justificando a emenda, mas a um aparte de um deputado sôbre ser a emenda "contraria à Constituição", por se tratar de melhoramento de caráter municipal, redarguiu incisivo: "Pois se a Constituição proíbe que se dê água a quem tem sêde, é uma Constituição irracional!"

O certo é que a emenda foi aprovada, mas não executada, pois ficou na pasta das autorizações.

De outra feita, já no Senado, êle defendia uma emenda para majoração do imposto sôbre o sal estrangeiro, visando beneficiar o sal do Rio Grande do Norte, quando o Senador Morais Barros interrompeu-o pouco delicadamente. Almino, vibrante e inflamado (diz Tavares de Lira), retrucou-lhe com energia: "Não posso quadrupedar pela jumentice alheia!". A alusão visava o próprio apartista.

V — O lutador:

Muitos são os episódios dessa existência preciosa "de pujante lutador, que os acontecimentos fizeram tão cheia e acidentada quão proveitosa e benemérita", disse o autor do seu necrológico na **República**, de 16/2/99, e que o sagravam um combatente destemoroso e impávido.

Quando, após a sua demissão, no Ceará, por causa dos discursos proferidos no embarque do 15.º Batalhão, Almino se sentiu ferido e veio à fala pelas colunas do **Libertador**, publicou um artigo de defesa e, ao mesmo tempo, de escarneo contra os que o castigavam por seus sentimentos humanitarios. Eis o artigo:

"**Hosti habet muros!** (o inimigo bate na brecha!)

Pela primeira vez, dentro de dez anos, nesta província, tive a honra de ser atacado pela imprensa. Foi a voz profética e tôda poderosa da imprensa oficial quem falou: depois dela... o diluvio. Estou no **oratorio**, porque ela disse.

São difíceis as condições em que me colocaram os senhores bacharéis e doutores da imprensa infalível !

Não ha que escolher, portanto, vá só a verdade que, em tôdo caso, é o verbo do homem de bem.

Antes de tudo, devo dizer aos ilustres doutores que bem sei que sou pobre e que, por conseguinte, quando tenho de falar á gente tão nobre, tão cavalheira, como a do **Cearense**, já tenho calculado com a fome! Dez ou vinte gramas de menos do bacalhau de todos os dias não levam ninguem à vala comum.

Ha dez anos resido nesta terra hospitaleira e generosa e tenho conciencia de me haver sempre portado bem.

Respeito a todos os homens, benevolencia absoluta, tolerância com as faltas humanas e um desejo imenso de fazer bem a tôdo o mundo! Ninguem que me conhece negará isto.

Porque, pois, malquerer-me e apedrejar-me, só porque no meu coração e no meu juizo ha espaço para tôdas as dores e acalento para tôdas as vítimas da alheia soberba e da insaciável injustiça!

Os empregos públicos são alguma verba de testamento de aldeia?

Mas os patriotas do **Cearense** estão com mêdo de que perigue a órdem pública, porque o procurador fiscal é um dos sócios ardentes da chamada **Libertadôra**.

Pois descansem. Garantam a fazenda pública, protejam os amigos da órdem ... tomem o meu logar, mas não pensem que desta vez a fome seja boa conselheira.

Eu não proferi discursos insultuosos. Fiquem, por-

tanto, certos de que conosco só se podem haver a honra, o brio, a justiça e as boas maneiras.

A Constituição do Império e o Código Criminal permitem a liberdade de pensamento e o direito de censura.

Não pedí a ninguem que me nomeasse, não hei de pedir a ninguem, de joelhos, que me não demita.

Demitam-me, mas não me injuriem, porque, além da tristeza dessa injustiça, a desordem moral não chama ninguem à ordem.

Se pretendem fazer o deserto em tôrno de si, para dizer que ha paz, fiquem convencidos de que ha de haver sempre algum Almino que terá uma palavra de ferro ou de luz defendendo os pequenos, para queimar na face a vileza dos grandes que não têm vergonha".

Mal encerrava a fase áspera da campanha no Ceará, já Almino tomava parte ativa na cruzada redentora em Mossoró. Em contato direto com os libertadores patricios, durante a fase preparatória, êle os orientava e esclarecia.

Os libertadores de Areia Branca incumbiram-no de redigir os estatutos da sua sociedade e êle os redigiu nesta frase: "Artigo único: sem parágrafos: E' proibida neste municipio a entrada e saída de pessôa escrava, sendo para isso lícitos todos os meios".

A 30 de setembro de 1883, Almino já estava em Mossoró. Era o dia designado para a proclamação da Liberdade total de todos os escravos na cidade, no municipio e na comarca de Mossoró.

O entusiasmo era intenso: ninguem se continha. A cidade estava cheia de adeptos da causa, vindos de vários pontos da provincia e das vizinhas: Açu, Areia Branca, Mácau, Acarape, Fortaleza.

Almino andava pela cidade concluindo as **demarches** do grandioso acontecimento.

Onde chegava e era aclamado, proferia discursos. Disseram-me em Mossoró que êle fez trinta. Outros dizem que foram vinte. Um informante seguro diz que foram nove, além de um último, às 10 horas da noite, ao dissolver-se a derradeira massa popular que vitoriava a Abolição.

O entusiasmo atingiu-o em tôda a sua fôrça e êle, artificialmente exaltado, chegou a extenuar-se.

Conduziram-no em triunfo ao Paço Municipal, onde as autoridades e a Libertadora o aguardavam, desde cêdo. Recebido com delirantes aclamações, ainda falou eloquentemente e redigiu a áta da sessão, que é um atestado dos seus alcandorados remigios pelos dominios da fantasia e da erudição. Cantaram o hino da Libertadora, letra de sua autoria:

Rompe o sol, estas várzeas se alouram,
brinca o vento na flôr dos cocais,
rugem ondas que as veigas anilam,
falam deuses em sons imortais!

Vamos, breve, que a glória nos chama,
nem corcéis, nem espadas de heróis:
Nossa história é de luz, de harmonia,
nossa glória é formada de sóis!

Não só o estro cívico, êle sabia tanger. No verso lírico também se exercitava, principalmente falando de sí próprio e dos seus infortunios, como se verá:

EU

Tive esperanças formosas,
tive sonhos... ilusão...
Eram corôas de rosas
a cingir-me o coração...
Minha bôca era um sorriso
e minha alma um paraiso,
por onde brincavam nús
os anjos de minhas crenças,
risonhas, lindas, imensas,
orladas tôdas de luz.

Mas, de súbito entristeço,
sinto a lágrima correr;
busco amparar-me, estremeço,
parece que vou morrer...
Chamo alguém, não me socorre,
sinto dizerem-me "morre";

ouço um grito e escuto um ai...
Depois, eu vejo estendido,
Sobre um leito denegrido,
o cadáver de meu pai.

Eu chorei... o rosto enxuto
não deixava o coração...
Mancebo que traje luto
sempre inspira compaixão.
Davam-me beijos nos lábios,
esmola molhada em fel,
minha alma se revoltava,
meu desespero bradava:
"Mentira!" Deus é cruel.

Chorei... minha mãe, coitada,
acercando-se de mim,
chorava, porém calada;
nunca vi chorar assim...
Tive mêdo que findasse,
que também me abandonasse,
e então tremi de terror...
abracei-a louco, ansioso,
junto ao cadáver do espôso,
era cadáver de amor.

Orfão eu só tive beijos,
caricias e nada mais...
Ninguem ouviu-me os desejos
nem perguntou-me, "onde vais?"
Solitário, abandonado,
caminho desorientado,
quem segue assim sempre cai.
Caí! por leito na queda
tivè a lousa, fria e queda,
do sepulcro de meu pai.

Assentei-me à lauta mesa
A opulencia e a pobreza
do grão mundano festim...
sorriam juntas a mim...
Era mistér que eu caísse...
Era mistér que eu dormisse,
sem ter um sonho sequer...
Roubaram-me as luzes tôdas,
deixaram-me as horas doidas,
nas trevas do padecer.

Que posso ter para o mundo?
Que posso ter para Deus?
Maldigo a vida iracunda,
sentado nos mausoléus...
Moço, fraco, despresado,
sou como o espinho quebrado
que inda bem póde ferir.
Deixai-me no esquecimento,
é melhor, mais um lamento,
em vão, vou fazer ouvir:
.....

.....
Campo frio sem pomares,
aurora que não tem sol,
nauta perdido por mares
onde não brilha um farol.
Riqueza que desfalece,
estrêla que empalidece,
condor que nunca voou,
primavera sem fulgores,
ai! mocidade sem flôres,
eis o que sinto, o que sou...

Na morte do Visconde do Rio Branco, a cujo saimento não compareceu nem se fez representar o imperador,

êle vasou a sua sátira contra êste, nos versos sardônicos vindos à luz no **Soldado**, sob o título **Musa da história**:

Pela Pátria, pela Glória,
venho dizer-te uma cousa:
De Paranhos (sôa a História).
eu não te vi junto à lousa.

Eu não te vi no proscenio,
quando inundado de luz,
evolava-se o grão genio
da terra de Santa Cruz.

.....

De quem serás tú amigo?
A quem sagras teu amor?
Sente o pôvo e diz comigo:
"A quem ama o Imperador?"

VI — O latinista:

Mas, senhores, o aspecto que, do seu espirito, mais me interessa e mais admiro, é a paixão acendrada pela cultura clássica, especialmente o latim.

Aí foi êle assombroso, sobretudo devido à vasta erudição e extraordinária memória de que dão notícia os episódios e fátos registrados pelos seus biógrafos.

Juvenal, que fazia os perfis parlamentares, em 1894, e que se atribuem ao Dr. José Avelino (**A República**, n. 294 de 7 de março de 1894), dizia com grande segurança:

Latim é o seu forte e o seu fraco. E' o seu **fraco**, porque prefere uma sentença de Tácito a uma máxima do Conselheiro Bastos. E' o seu **forte**, porque sabe de cór todos os clássicos, de detraz para deante e deante para traz. Quando o Sr. Cesar Zama vinha com alguma daquelas tiradas de Suetonio, onde hauriu subsidios para o seu magnífico livro **Os três grandes capitães da antiguidade**, o Sr. Almino ria-se e, à meia voz, dizia para o companheiro vizinho: "Esté errado o texto e, ainda por cima, deu uma **silabada**".

Mais adeante, informa Juvenal: "Latim é sal de seu espírito; é a harmonia de sua palavra".

Contam que, certa vez, o Visconde do Rio Branco, em

tertúlias literarias com o imperador Pedro 2.º, que era também um apaixonado cultor dos clássicos latinos, foi levado a falar-lhe de um moço do norte, com quem se relacionara e que, dizia êle, é "um prodigio nessas especialidades", no sentido de submeter-lhe a tradução de certo trecho latino, que parecera impraticável, ou difícil, ao soberano. Dito e feito, Paranhos levou a Almino a consulta, dantes o estimulando assim: "Sr. Almino, agóra é que o senhor vai perder a fama da sua memória e de seu latim". E adeantando-lhe que o imperante não conseguira traduzir uns versos que passou a lêr, foi logo interrompido por Almino, que lhe respondeu: "Não precisa que V. Exa. continue a leitura, Sr. Visconde. Êsses versos são de Lucano e continuam assim..." E repetiu textualmente todo o trecho que o Visconde trazia escrito, à parte. "Basta! Basta!" interrompeu o Visconde. "Escreva a tradução abaixo da copia, que eu quero levá-la ao imperador. O Sr. é incrível !"

Dias depois, encontrando-o novamente, disse-lhe Paranhos: "O imperador manda-lhe uma aprovação cum laude (com louvor), e convida-o a passar algumas horas no terreão da Quinta da Bôa Vista, em confabulações literárias!

— Diga V. Exa. à sua majestade que tenha juizo; eu lhe agradeço a honra **ab imo pectore**. Mas vade reto.

— Pois que o senhor, um homem de letras, é inimigo de um confrade, soberano? Objetou-lhe o Visconde.

— **Latet anguis in herbis**. Perdôe-me V. Exa. o atrevimento, mas sempre direi que V. Exa. seria muito maior se estivesse à grande distância dêle. De quem é amigo o imperador?

Certo, o Visconde não gostou da réplica, e logo deu por encerrado o incidente. Mas Almino, com a sua recusa áspera, sacrificou talvez uma bela carreira, que resultaria do seu contato pessoal com D. Pedro 2.º, que diziam néto de Marco Aurelio.

Tinha Almino assento no Congresso Federal, quando faziam ataques ao Marechal Deodoro. Êle sempre fiel à sua paixão clássica, invocou um trecho de Cícero, no tratado **De República**: isso causou hilaridade, porque êle recitava com fidelidade todo o texto do grande orador romano, com

a mesma simplicidade com que saborearía uma melancia conterrânea, de que era apaixonado apreciador.

De outra vez, o Conselheiro Coêlho Rodrigues, que era também emérito latinista, aparteava Almino, quando êste, no Senado, fazia a apologia do Dr. Pedro Velho, no govêrno do Rio Grande do Norte. Invocava as **Georgicas** de Virgilio, a obra prima de sentido didático romano, eis que o ilustre aparteante o alvejou direto: — "**Abissus abissum invocat, porquanto, quod quis exculpa sua danum sentit, non inteligitur danum sentire.** E' a lei 203 do Digesto, **De regulis juris**".

— "**Felix culpa**", redarguiu-lhe Almino. — **Mea culpa,** diga antes", concluiu o Conselheiro.

Até para expressar os sentimentos mais nobres do seu coração, Almino preferia a lingua latina, como fez no epitafio que mandou colocar na sepultura materna:

Justus, ut palma florebit,
Sicut coedrum Libani,
multiplicatur.

Conclusão: Senhores:

Tal era o Homem eminente e conspícuo que o Rio Grande do Norte soube premiar, na última década da vida, e a quem, hoje, na data centenária do seu nascimento, rende um tributo de veneração pela voz do mais humilde de seus filhos.

E como essas homenagens consoam com as provas da saudade que todos lhe rendem, quer no momento do seu trespasse, custeando o Estado os seus funerais, quer erigindo-lhe uma herma na cidade do Martins, por oferta do ilustre patricio Coronel Demetrio Lemos; ou apondo-lhe o nome venerando na fachada de um dos melhores estabelecimentos primários, o Grupo Escolar Almino Afonso, de Martins; quer denominando a atigo povoarção de Caieira, no municipio de seu berço, o Patú, distrito e vila de Almino Afonso, ou designando avenidas e ruas em Natal, Mossoró, Martins e outras; ou instituindo, pelo entusiâsmo dos moços estudantes, gremios de cultura literaria sob a égide de seu nome venerando, ou, finalmente, criando, nesta Acade-

mia de Letras, a sua cadeira imortal, todos nós queremos definir e declarar que o venerando filho do sertão foi, é e será, para tôdos os efeitos, o que dêle disse a pena amestrada do Dr. José Lino da Justa (**A República**, loc. cit.), "um dos maiores espíritos que o Brasil tem produzido, não só pela extraordinária inteligência, enriquecida de vasto saber, como pelos predicados excelsos do coração: amando, acima de tudo, a Deus, à Pátria e à humanidade !"

Ferreira Itajubá

CLEMENTINO CAMARA

Discurso de recepção na noite de 30 de Julho de 1940.

— I —

AS LETRAS TRIUNFANTES

DESCAMBARÁ por certo na enxurrada do esquecimento todo aquele povo que relegar para plano inferior o cultivo das letras. Se por algo, que não as conquistas intelectuais raras menções merecem, são vagas, de somenos valor apreciavel.

A antiguidade nos aponta a Fenicia, Cartago e Esparta, povos que cresceram, povos que viveram numa como penumbra, sem brilho, êsse brilho que foi o apanagio de Atenas.

Polarizaram as primeiras a sua atividade na aquisição de riquezas, o que só serviu mais tarde para aguçar a cubiça dos vizinhos que, por mais fortes, as aniquilaram. Esparta gizou sua finalidade em criar somente homens sãos, atletas, para ter soldados, porque sua mentalidade não a conduzia além das lindes dos campos onde os ilotas arrastavam sua desgraçada existencia de escravos.

Atenas, porque cultivava as coisas do espirito, teve poetas, artistas, historiadores, sabios e filósofos. Por esta razão, mesmo vencida, humilhada, dominou seus vencedores pêla capacidade de seus filhos, e projetou séculos em fóra um rastilho de luz tal que, quando alcançou o sul do Continente, produsiu um movimento para o qual não se teve outro nome que o de **Renascimento.** Homero, Herôdoto, Sófocles, Sócrates, Platão, Aristóteles e tantos outros nomes são ainda hoje mencionados com admiração e respeito e autoridade. Seus pensamentos, conceitos e proposições são repetidos por todos os rincões do orbe, e, sem o seu conheci-

mento, ninguem poderá afirmar que possue cultura completa.

O mesmo se deu em relação a Roma.. Assediada por todas as fronteiras, incapacitada para uma reação eficiente contra os bárbaros, que não temiam mais o cetro nem reverenciavam o altar, cedeu á voragem das hordas invasoras. Tudo foi de roldão: cidades e monumentos, costumes e o proprio povo, mas alguma coisa ficou de pé e ainda perdura: — a história, a poesia e o direito.

A muitos parecerá irrisorio que nestes dias de lupino egoismo, quando a satisfação dos sentidos impõe-se furiosa ao prazer intelectual, haver ainda quem se preocupe em fazer letras.

Todos reconhecem que a entrosagem do mundo hodierno exige imperativamente técnica complicada, absorvente, visando o desenvolvimento do comércio, a multiplicação da produção, a intensidade da industria, pois só assim os povos se capacitarão e se firmarão deante da esfinge das contingencias da hora atual, a qual continúa a ameaçá-los: — Ou me advinhais ou eu vos devoro!

Entretanto, é fato hoje averiguado que as nações que mais cuidam hoje dêsses problemas e os realizam, não relegam mais para plano inferior a cultura literaria, porque só esta, sim, reflete a sua grandeza, fixa as suas tradições e tem o poder miraculoso de infundir mais acendrado amor à terra. **A Ilíada**, a **Odisséia**, a **Divina Comedia**, os **Lusíadas**, **Don Quixote**, os **Sertões**, etc. se nos afiguram balisas pelas quais se faz o levantamento do genio de um povo .

Já se notou que, após as grandes convulsões de ordem politico-social, quando se atiram nações contra nações, no delirio reciproco de exterminio, dá-se de mão a tudo quanto é serio para entrar em cena a futilidade. Exhausto o espírito pelo vendaval da luta, defeito o ideal pela brutalidade da fôrça, procura-se compensar as decepções no gôzo fugidio. Estamos vivendo êsses dias.

A esperança, diz Will Durant, entrou em crepúsculo; a geração dentro da guerra não pode mais acreditar em coisa nenhuma; uma onda de apatia e cinismo engolfa-a. E a idéia de progresso começou a parecer ao mundo uma das

mais grotescas ilusões que ainda zombaram da miseria humana". Por isto é que vemos milhares de curiosos interromper suas obrigações na sisuda Inglaterra, para recepcionar um bufão de **stadium**, e centenas de trens, nos Estados Unidos, pôr-se em movimento, conduzindo duzentas mil pessoas para assistirem a uma luta da **box**. Estimula-se o futebol a título de formar uma raça forte, e mesmo porque por tal caminho se pode alcançar mais duradoira fama e adquirir mais vultosos proventos.

Passou a época da ópera e com ela o classicismo; e a literatura que aquí e alhures reponta é em forte percontagem pulha e malsã. O que temos em quantidade ressente-se de qualidade. E nós não podemos fugir à regra; refletimos o que vai pelo mundo em fóra.

Felizmente vem se processando no Brasil um movimente de reação contra o estarrecimento de nossas letras, com a fundação de Academias. Da sua importancia diz bem um ato do Chefe do Govêrno instituindo subvenções para auxiliá-las no que diz respeito à parte econômica.

— II —

APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

APRECIAMOS um setôr da atividade inteletual dos dias que correm sem, entretanto, nos propormos a melhorar a sua situação.

Por esta razão deixamos cair aquí o ponto final sôbre o que vínhamos dizendo, para focalizar MANUEL VIRGILIO FERREIRA ITAJUBÁ ou, simplesmente, Ferreira Itajubá, e, inda que ligeiramente, acompanhá-lo na sua vida acidentada e boemia, pinturesca e artística tal como nos foi dado apreciá-la desde quando éramos criança e êle já rapaz, tímido enamorado das musas do Potengí, as quais desde a escola parcimoniosamente iam lhe concedendo as primeiras inspirações ao pé-quebrado, à décima, à quadra, à modinha, à poesia a ser recitada deante da "pastora"' do "cordão" preferido, nas lapinhas de João Cobra,, ou de Miguel Parrudo, ou ainda no pastoril do alfaiate

Carlos Borromeu ou de João Moreno, finalmente à namorada, nos brodios noturnos e nas carraspanas.

A personalidade de Itajubá, **Azinho**, como era tratado em familia, é sobremodo interessante quando considerada sob os varios aspectos que revestiu.

Espírito irrequieto, foi durante os trinta e sete anos de sua existencia auxiliar do comércio, estudante, diretor de circo, professor, orador popular, **sportman**, jornalista, funcionário público, pregoeiro de filosofia, sem deixar de ser poeta, boemio e principalmente um torturado. Tudo isso emoldurava a alma de um filho e de um irmão extremoso, sempre compadecida da miseria alheia, porque também dela participava. O seguinte fato traduz bem os seus sentimentos:

Existia na Ribeira uma pequena praça, formada no ângulo da rua Frei Miguelinho, que então se chamava Treze de Maio, ou da **Tatajubeira**, com a atual Ferreira Chaves, que se denominava Formosa, mas vulgarmente de **João Guedes**, talvez por ser êsse cavalheiro um dos seus mais antigos moradores.

Quase no meio da referida praça erguia-se uma grande tatajubeira (**morus tinctoria**) que projetava enorme sombra. Do lado oposto, o serviço de abastecimento de água levantara um chafariz, de onde se retirava o precioso líquido em vasos de folhas de Flandres, chamados "canecos", que se vendiam a tostão.

Notava-se ainda um quiosque onde negociava **seu** Germano — uma figurinha de velho bonachão, que contrastava com sua cara metade, **sinha** Cassimira, sempre açodada, a falar alto e a dar risadas inda mais alto, enquanto fazia alvíssimas e bem gostosas tapioças, ensopadas em leite de coco. Acorriam ao local todas as manhãs peixeiros, fruteiros, verdureiros, carangueijeiros que, em conjunto com as mercearias, o açougue e as improvisadas quitandas, faziam um arremedo de feira-livre até as dez horas do dia. Era a isso que se chamava a **Feira**.

Um dia para lá se dirigia o poeta, levando na mão uma cesta e no bolso cinco mil réis. Uma velhinha mendiga estende-lhe a mão rugosa, esquelética, de mumia, e pede-lhe uma esmola. Sem mais, dinheiro além da cédula,

porém apiedado da pobre necessitada, mete a mão no bolso, tira os cinco mil réis e passa-os à pedinte, e chega-se a um amigo, toma-lhe de empréstimo igual quantia e vai comprar o seu almôsso.

Sua vida não foi de exibições de valentia, que mais de uma vez fês Camões passar horas amargas, nem tão pouco sua feição moral foi desairosa como a de Bocage. Não pôde, entretanto, como boemio, fugir totalmente à regra. Participou das duas, sem excesso.

Foi Manuel Virgilio Ferreira o primogenito de Joaquim José Ferreira, que morreu de variola em 1882, e dona Francisca Ferreira. Nasceu a 21 de agosto de 1875, nesta Capital, á rua hoje chamada Chile, na casa que presentemente tem o n. 63.

Órfão de pai aos sete anos, aprendeu as primeiras letras com o professor Tertuliano Pinheiro, o professor **Terto**, que, sendo depois nomeado secretario da Instrução Pública, foi substituido pelo professor Joaquim Lourival Soares da Câmara, Panqueca.

São seus contemporaneos os senhores desembargador Régulo Tinôco, Luiz Taumaturgo e monsenhor Joaquim Honorio.

Foi pouco depois dessa época, quando começava a bruxulear a sua formosa inteligencia, manifestada em quadrinhas chistosas, que êle com os colegas criaram um jornalzinho manuscrito, no qual se ocultava sob o pseudônimo de **Itajubá**, ulteriormente adotado como se da familia fôra.

Premido pêla necessidade oriunda de sua orfandade, aos douze anos empregou-se na loja de fazendas de Antônio Sátiro, um português solteirão e careca, desconfiado e caínha, na atual rua Chile, contigua ao edificio que já foi o Palacio do Govêno, Palace Hotel e atualmente é uma pensão alegre...

Antonio Sátiro dava-lhe 12$000 mensais e, no fim do ano, à guisa de gratificação e estímulo pelos serviços prestados, presenteava-o com um corte de brim dos que não tinham tido procura, e um par de botinas reles.

Após quatro aturados anos dêsse ramerrão, sem esperança de melhoria, foi o futuro cantor do **Terra Natal** convidado para colocar-se em Macau, na casa de Antonio

Deodato, onde só pôde ficar dois mêses, em vista de ter sido acometido de varíolas.

Mal no Potengí ancorava o **Una**, vapor anão da Companhia Pernambucana, no qual regressava Itajubá, já o seu antigo patrão se encontrava no trapiche da alfândega a convidá-lo a voltar para a sua loja, prometendo-lhe, além de tempo necessário para frequentar o Ateneu, a mesada e mais um ordenado bom. Efetivamente, no fim do mês, chamou-o reservadamenete à sua carteira e, como para não ser presentido, entregou-lhe a vultosa soma de 16$000 !

— III —

AS PRIMEIRAS RIMAS

ANTES mesmo de prestar exames de português e de aritmética, os únicos que conseguiu, iam as musas a mêdo inspirando novas quadrinhas, sextilhas, oitavas, ora escorreitas, ora capengas. Dessa época são as produções que lemos em velho caderno que nos emprestou seu antigo colega e admirador Snr. Luiz Taumaturgo, o qual trazia a data de 28 de dezembro de 1893.

Dêle transcrevemos

MINHA INFANCIA

Naquele tempo eu vivia
Pêlos outeiros vizinhos
Espantando os cordeirinhos
Perdidos na fresca varzea...
Divertiam-me as torrentes
Das caudalosas enchentes
Nas touceiras dos bambús,
Ao toque da Ave-Maria,
Na hora em que o sol pendia
Turvando os cômoros nús.

Outras muitas encontramos: **Lembrança, As festas, Adeus, Saudades do pastoril**, etc. Delas destacamos

QUEIXUMES

Coruja agoureira
Que cantas saudosa
Na rama frondosa,
Da noite ao negror!
Não queiras, oh, ave,
Cingir-me de pranto
Com o teu longo canto
De tristeza e dôr !

Para que não findas
Teu rouco queixume,
No triste nergume
Da verde palmeira ?
Não gemas, não cantes
Tão perto de mim...
Não faças motim,
Coruja agoureira !

Com o teu ulular
Afeias a noite
Do vento ao açoite
Que passa em furor...
Enquanto minh'alma
(Por Deus! que não fuja...)
Tu enches, coruja,
De tristeza e dôr !

Eu peço: não cantes,
Oh, ave proscrita !
Deixa-me, maldita,
Em paz existir !
Não teimes, coruja,
Na lida inconstante,
Vai mais p'ra distante
Teu fado cumprir!

Facil é por aqui avaliar que, pondo em confronto a poesia e o vernáculo, na impropriedade de termos e atentados á construção, Itajubá já se revelava mais poeta que cultor do idioma.

Aliás, jamais soubera êle o que era cultura; além disso, o meio em que nasceu e viveu nada lhe pôde proporcionar, e, mais ainda, estímulo nunca o teve. Era o diamante bruto cujo brilho latente nunca encontrou lapidario

Da mesma época foi também **Quando eu morrer**, de onde vem esta quadra reveladora do trocista !

Quando eu morrer, no leito amortalhado
Não quero velhas a cantar benditos.
Só me apraz o trilado dos grilos
E o zumbido infernal dos mosquitos...

Em **bebedeira** é o epicureu N. 1 das patuscadas tão comuns nos seus dias, realizadas ora em casa dos boemios, ora em plenas calçadas, tendo por mesa uma esteira de carnaúba e por lmpada a lua ou as estrelas, de vez que a iluminação de Natal por êsse tempo não ia além de raros e distanciados lampeões a querosene, encerrados numa caixa de vidro, espetada numa estaca de mangue..

Ouçâmo-lo:

Senhores: venho nest'hora
Render eximia oblação:
Oferecer êste brinde —
A canada e o garrafão.
Venho com firme coragem
Sevir-me desta bagagem
Que rola aos tombos, assim...
Nêste instante genuflexo
Dar um viva ao belo sexo,
Que faz parte do festim.
... ...
... ...

Não é defeito, senhores,
Beber-se nestas funções,
Pois, que altas personagens
Têm nos deixado lições...
Assim como o mundo anda
Também o povo desanda,
Pois vergonha já perdeu...
Enfim, eu não comprenedo,
E pêlo jeito que estou vendo,
Quem bebe agora sou eu !...

Haja aguardente! haja vinho!
Role a cidra, em alarido,
Que cá na ponta da mesa
Vou sustentando o partido...
Beba quem tiver vontade!
Beba sem sobriedade
Quem gostar da garrafada,
Que, à falta do bom licôr,
Não deixa de haver calôr,
Não deixa de haver zoada !...

Estas produções, que só teriam cultores em literatura de cordel, eram muito aplaudidas, comentadas, porque refletiam a mentalidade da **entourage** do poeta.

— IV —

ATIVIDADE MULTIFARIA

LOGO após a morte de Antonio Sátiro, ficando desempregado, concebeu Ferreira Itajubá uma genial idéia: — fundar um circo, que foi levantado no quintal de sua propria casa. Contava a "empresa" com o concurso de José Ferreira (Bibi), seu irmão, Alfredo Cordeiro, Francisco Teixeira (hoje Francisco Câmara), além de outros elementos.

A generosidade dos amigos contribuiu com a importancia necessaria à aquisição do pano e tudo mais quanto se fazia mister para a montagem. Dentre os que mais eficientemente auxiliaram a "empresa" destacava-se o circuns-

pecto cavalheiro coronel Fabricio Pedroza, do alto comercio de Natal.

Os reclamos das funções não eram feitos com o clássico e sensaborão palhaço montado ás avessas em um lerdo jumento, a gritar em voz de trombone desafinado, sob a orquestração dos gritos da molecagem vagabunda: — **Hoje tem espetaculo?** — ao que a garotada respondia: — **Tem, sim, senhô!** — ou cantando quadrinhas como esta:

Vou-me embora, vou-me embora,
Meu coração também vai...
Minha mãe morreu sem dente
De tanto morder meu pai.

Não. O expediente era muito outro. No cruzamento das ruas mais movimentadas (se é que Natal as tinha na última década do século passado), armava-se uma barra, e um "artista" fazia uns giros ou outra demonstração qualquer, afim de chamar a atenção do público para o espetáculo a realizar-se à noite.

Era de ver, nas noites de função, à luz mortiça e avermelhada dos candieiros, entre os espectadores, a respeitavel figura do coronel Fabricio Pedroza, com o seu chapéu alto, charuto "fino" entre o indicador e o medio, apreciando os artistas. Não perdia um espetáculo.

Certa vez ingressou para o elenco da companhia um artista que exibia um "número" desconhecido da platéia natalina. Deitava-se. Punham-lhe uma pedra grande sobre os peitos, e outro procurava arrebentá-la a golpes de marreta. Fez sucesso.

Quando rarearam os espectadores devido à falta de novidade, o circo estava com os seus dias contados, e entrou em agonia.

O coronel Fabricio Pedroza também deixou de comparecer.

x x x

Genio por temperamento irrequieto, fundou Itajubá, logo após o desaparecimento do circo, um hebdomadario jocó-serio, o O ECHO, que fazia aos domingos as delicias da

pacata cidade dos Albuquerques de ha mais de oito lustros. O O ECHO, a bem dizer, fazia mais de pelourinho aonde era implacavelmente jungido e açoitado de preferencia o émulo de Itajubá, Chicó de Araújo, êsse pacato cidadão tão conhecido funcionário do Departamento da Fazenda do Estado.

Chicó, estudante aplicado, rapaz que luxava e também tinha talento, editou outro jornalzinho não menos valente, O FANTOCHE, que respondia ao fogo de barragem do O ECHO.

A arma predileta de Itajubá contra Chico era a troça vasada em pé-quebrado.

E' de imaginar alí por 1896 que de dificuldade encontrava aquele que se aventurasse a publicar um jornal. Desejo havia muito, mas as possibilidades eram insuperaveis; basta dizer que naquele ano surgiram nesta Capital dezesseis órgãos de publicidade, que tiveram a duração da luz do pirilampo.

A imprensa partidaria da terra era representada pela A REPUBLICA e O RIO GRANDE DO NORTE, jornais sisudos que refletiam o feroz partidarismo dos primeiros anos de regime republicano, quando os politicos se disputavam a dominação do Estado. Gente graduada apanhou neste tempo.

x x x

Sem fugir á sorte dos confrades, o O ECHO precipitou-se também no despenhadeiro do desaparecimento, ficando seu diretor-editor sem nada a fazer.

Mas a inanição não se fizera para êle. O movimento era sua condição vital. E é por isso que agora vamos surpreendê-lo no metier de professor, que alguem já dissera ser a mais facil e a menos rendosa das profissões nêstes rincões do Brasil.

Era um "mestre" sui generis cuja metodologia (1) não diferia dos processos pedagógicos em voga. Jupiter tonante em miniatura, lá estava êle encarapitado no olimpo de sua cátedra, feroz palmatoria ao lado para resolver as decisões sumarias em que o aluno era sempre réu sem defesa, enquanto a "tropa" gaguejava as lições e em voz alta, como

era do ritual, cantava a Taboada, preparando-se para o argumento.

Seu "método" era proprio e original. O de Pestalozzi tambem era. Se lhe chegava algum novo aluno desconhecendo as operações fundamentais da aritmética, êle procurava incutir-lhes de uma só vez no bestunto, com problemas tais que só êle mesmo resolvia. Era o método confuso posto em prática.

E' evidente que embora houvesse então poucas escolas, a de Itajubá estava naturalmente fadada a ter vida breve. E teve.

Porque tinham menos em que se ocupar do que hoje, os meninos brincavam naquela década do século passado com papagaios-de-papel. Também a cidade não tinha fios em aranhol como acontece hoje. Tirante os seis fios da estação telegráfica, que sempre estava mudando de casa, nada mais se via.

Ali, onde estão as oficinas da E. F. Central, não sendo maré de lua, estendia-se o Salgado — da rua Silva Jardim às Rocas.

Itajubá não desadorava ir soltar a sua raia. Mas a dêle não era como a dos demais; fazia-a com cêrca de dois metros de comprimento por quase outro tanto de largura. Para sustê-la no ar tornava-se preciso empregar um fio especial por êle mesmo adrede preparado, de meia polegada de grossura. E visto que nenhum homem tinha fôrça suficiente para sustentar tal despropósito, fincava-se uma estaca no meio do Salgado, na qual se amarrava o chicote do aludido fio.

x x x

A aproximação da festa sanjuanesca trazia-o em grande efervescencia. Fazia-se de fogueteiro. Preparava a pólvora, a taboca, o papel, o cordão e tudo mais quanto se fazia mister para o desempenho do oficio. Trancado num quarto, êi-lo pilando, socando, grudando, amontoando "**pistolas, craveiros** e enormes busca-pés de tal capacidade que, para segurá-los, era preciso calçar luvas de coiro.

Êsses busca-pés, por êle crismados de **bamburros,** constituiam serio atropêlo para os transeuntes, pois iam-

lhes ao encalço, lançando chuva de fogo com desusado e ensurdecedor chiado. Criaram fama.

Itajubá e a rapazeada que o acompanhava achavam nisso especial delicia.

x x x

Pelo carnaval não se divertia menos. O rancho ou cordão que organizava havia de salientar-se por qualquer particularidade.

Com efeito. Organizou com o concurso de rapazes da **élite** a **Divisão Branca** que ainda hoje veneraveis senhoras e distintos cavalheiros, então em franca e pujante pletora da vida, e que nela tomaram parte, recordam com saudade. Ao que nos consta, foi o primeiro carnaval que entre nós exibiu carros alegóricos. Na confecção destes, no quintal da então residencia do coronel Francisco Cascudo, ali onde se ergue o imponente edificio do Grande Hotel, tomou o poeta a iniciativa de fazer um carnaval de arromba. Lá estava êle, de fraque e cachimbo á boca, empunhando um martelo ou um serrote, a bater um prego ou a serrar uma taboa.

Saiu a **Divisão**, e no alto dos seus carros, de cabeleira empoada, doiradas vestes que mais ainda explendiam aos raios do sol da tarde, campando de genio, olhos vivos e grandes a contemplar a multidão, que o admirava, via-se o pequerrucho mas hoje circunspecto Secretario Geral da Academia Norte Riograndense de Letras — Cascudinho.

Noutro carnaval trajou-se à romana e, cingindo uma corôa de loiros, saiu só, num carro. Alguem o contempla e admirado interpela-o fitando:

— Nero?!...

— Não!... Apolo! respondeu o poeta e foi passando.

Ainda de outra feita, arranjou uma porta de casa, pô-la aos ombros de quatro mascarados, e nela deitou-se vestindo um camisolão branco, e assim fez-se passear pelas ruas.

x x x

Desde primeiro de outubro de 1896 servia Itajubá

como escrevente da Associação de Praticagem. Visto que o movimento do porto ainda era reduzido, sobrava-lhe tempo para dedicar-se a aprender um pouco de pintura.

Iam comemorar uma data cívica e o civismo caboclo estava muito inflamado. De duro a tinir. Questão do partidarismo da época. Projetava-se uma passeata puxada pêla banda do antigo Batalhão de Segurança, **gentilmenete cedida pêlo seu comandante**, para usarmos a frase chavão que até agora não foi substituida, apesar de todas mutações socio-politico-literarias por que temos passado. Haveria retórica barata de rua, foguetorio, vivorios e ruidosas aclamações.

Como sua contribuição, entendeu o poeta de pintar na porta do estabelecimento comercial de seu cunhado, capitão Hermógenes Medeiros, uma bandeira nacional.

No dia seguinte, parecendo aquilo uma profanação ao sagrado símbolo, foi o autor convidado a apagar a pintura, que o artista só então a empregou para abrir letreiros nos estabelecimentos comerciais.

x x x

Pouco depois fez-se adepto da doutrina evangelica. Lia as Escrituras, interpretava os milagres de Cristo, familiarisou-se com todas as personagens do Antigo e do Novo Testamento — partriarcas, profetas, apóstolos e discípulos. Conhecia-os todos.

Um dia surpreendemo-lo numa casinha à rua da Tamarineira, de Biblia aberta a ler um episodio do Evangelho de São Marcos, e explicá-lo ao auditorio que o ouvia silenciosamente. A voz do pregoeiro só era interrompida, quando da rua vinha alguma pedrada que o corifeu de outra seita atirava nos **capa-verdes**.

A 19 de novembro de 1907 deixava a Associação de Praticagem para exercer as modestas funções de inspetor de alunos no Ateneu Norteriograndense, de onde exonerou-se a 31 de março de 1910, para retomar o seu antigo lugar na Associação de Praticagem.

Foi aquela a única função pública que desempenhou.

Quando no Ateneu, palestrava certo dia com o pro-

fessor padre José de Calazans. A' medida que falava e gesticulava, ia tambem conforme o seu hábito, empurrando com as pontas dos dedos o seu interlocutor, e sempre a pergunta: — entendeu? está entendendo?

Cautelosamente o reverendo afastava-se e tanto o fez que já se encontrava no ângulo da parede. Não podendo mais afastar-se, disse-lhe:

— Ó Itajubá, cesse de empurrar-me, pois já estou colado à parede!

Sem perder a calma nem o fio da palestra, disse-lhe o poeta á queima roupa !

— Não tenho fé em homem que se encóe...

— V —

UM ESPIRITO FORTE

ERA Ferreira Itajubá uma inconfundivel criatura nesta Capital.

Imaginemos um homem alto, franzino, feições gentis, moreno, testa escampa a deixar à mostra toda fronte alta, o resto do cabelo cortado em "cabeleira", um projeto de bigode a fimbriar-lhe o labio fino, e aí teremos em ligeiros traços o aspecto do poeta.

Quase sempre aos domingos envergava calças de brim branco e fraque azul-marinho obrigado a flôr na lapela, chapéu de palha e charuto de vintém no canto da boca.

Alegre, sempre muito alegre mesmo, nunca se encontrava sozinho. Todos gostavam de ouvir-lhe a pilheria dosada de humorismo sadio, condimentado de gargalhadas desopilantes. Ninguem, entretanto, seria capaz de advinhar o que lhe ia pela alma torturada. Das suas amarguras diz esta quadra da poesia **Dôr secreta** :

Na rua sei fingir que vivo em plena calma,
Sendo embora o meu peito um vendaval constante;
Por isso quem me vê tranquilo, a cada instante,
Não diz que tenho a côr da sombra dentro d'alma !

Sua linguagem comum não primava pêla correção nem pêlo polimento da frase, o que tinha sua razoavel explicação, atendendo-se ao fator meio de que o homem é apenas um reflexo. Êle sentia-se bem em assim fazer. A cada momento estavam a escapar-lhe dos labios, principalmente como expressão de aplauso:

— **Trabaio limpo, pariceiro !...**
— **Isso é que é trabaio limpo !...**
A's expressões dubitaveis, gostava de responder :
— **Tomara que você pense !...**

Seu companheiro, amigo e socio de patuscadas, bem que um pouco mais retraído, era o malogrado cantor de **Folhas Mortas**, Gotardo Néto. Postrado de terrivel mal de que viera a sucumbir, vivia este numa rêde a embalar-se puxando por um cordel. Ali o poeta lia, escrevia e corrigia as produções dos que começavam a atentar contra as musas do Potengí.

Circulava por esse tempo, aos domingos, um jornalzinho de programa litero-trocista, editado por Francisco Pereira. Era o ARURAU. Mantinha Gotardo nele uma secção—**Semana em Ceroula.** Vez por outra vinha uma piada, uma pilheria, uma alusão a Itajubá. Não inveja, nem menospreso; apenas um pouquinho de ridículo, ou uma cócega, porque sabia Gotardo que Itajubá dava o cavaco. Gotardo achava graça. Gozava.

Apenas lia o ARURAU, ia Itajubá da Ribeira até a rua 21 de Março, onde morava Gotardo e, ao defrontá-lo, tinha invariavelmente esta exclamação:

— Mas "seu" Gotardo !... como é que você me espinafra (ele empregava outro verbo que aqui não pode ser escrito) assim ?...

Rindo, sem mais se alterar, respondia o interpelado:

— Não foi nada, caboclo, foi em confiança, foi em confiança. O velho foi ao mercado comprar peixe para almoçarmos.

Cessava o incidente até nova piada. Iam ler versos, molhar o bico, enquanto chegava a hora da refeição. Nunca houve entre os dois a menor ruga.

Sabia sofrer até o menoscabo em ritmo de gracejo.

Itajubá casara duas vêses, Viúvo em primeiras nupcias, ficara-lhe da sua saudosa Emilia um filho, Nazareno.

Depois, num dia de Finados, foi ao cemiterio e lá viu Mariinha. Fita-a. Entreolham-se. Querem-se. Noivam e casam.

Foi para ela, talvez, que escreveu

NOIVOS

Desde esse dia em que nos encontramos,
Pela quadra dos jambos sazonados,
Não nos faltam luares desnublados
Nem sóis pelos caminhos que trilhamos.

E como toda noite conversamos
Sem que ninguem nos ouça dos cercados,
Alguem já disse: "Loucos namorados
Que falam tanto à exaltação dos ramos!"

Quem não sente essa chama que sentimos,
Não pode advinhar nossas saudades
Nem as frases de mel que proferimos...

Os noivos vivem de ilusões benditas:
Quando não sabem de outras novidades,
Repetem novamente as coisas ditas.

Foi muito infeliz no segundo casamento.

— VI —

O ELEITO DAS MUSAS

ATÉ aqui a vida acidentada, boemia e pinturesca do vate patricio, que sem dúvida seria uma cerebração fulgurante, se a lapidagem da cultura o tivesse polido. São afirmações deste conceito **Terra Natal, Harmonias do Norte,** a **Lenda de Extremoz** e o **Perfil de Jesus,** trabalhos que exalçam a sua peregrina inteligencia.

Sua condição humilde, seu apoucado genio naquilo que se relacionava com a louvaminha aos potentados — coisa que em todo tempo foi sempre uma escada de facil ascenção — obstavam a que se aproximasse do escol da cultura, porque essa também trescalava a oficialismo, pois tanto mais era ela alardeada quanto mais estavam nos gafarins da situação dominante os seus portadores. É úlcera crônica aqui no Brasil valer mais o individuo pela carta de apresentação que exibe do que pelo seu valor real.

Estímulos jamais os tivera, e favores oficiais nunca os merecera, porque incentivo nenhum se poderá considerar o simples e ingenuo aplauso dos que o rodeavam para ouvi-lo recitar, ou dos que ao luar repetiam suas modinhas musicadas em **la menor**, e tão repassadas desse lirismo que tanto encanta a alma do nortista.

Mas ele, porque vivia para a sua arte, dava-se por bem compensado com isso.

Ainda hoje muita gente não considera perdidos os momentos em que ouve na "Hora da Saudade", na ZYB-5, as modinhas de sua lavra, tais como

Saio do teu amor. Quantos revezes
No desterro terei! Quantos ressabios !

e esta outra não menos bela

Vi-te. Era noite. A lua descorada
Brilhava nas paragens luminosas.

Suas produções só encontravam agasalho nos jornalsinhos humoristas; quando logravam ingresso noutra imprensa, apareciam ali pela terceira ou quarta página, junto ao reclamo de qualquer droga que, já por muito apregoada, ninguem mais lia.

Entretanto, quanta beleza ha em **Ave de arribação,**

que ele escreveu para **Harmonias do Norte?** Vale a pena ouví-lo:

Agosto. O claro mês dos meus anos. Que anseio
De ser asa emigrante e fugir pelos ares,
Pelos longes do céu, através desses mares,
Em busca do calor do sol de um clima alheio!

Que saudades sem fim de outras terras me veio !
Que ansia de me aquecer por estranhos lugares!
Pois se não tenho aqui lenitivo aos pezares,
Quanto mais quem me aqueça ao regaço de um seio!

Minha mãe? Minha irmã? Duas mulheres santas,
Mas inda falta alguem neste longo caminho
Que tem na mocidade o perfume das plantas...

E como não posso ir, e como vás e eu fico,
A noiva que me espera à beira de algum ninho,
Ave de arribação, leva esta flôr no bico!

Poeta regionalista, vibratil, nenhum até agora o ultrapassou falando de nossas dunas alvadias; ninguem mais do que êle hauriu, para cantar depois, o perfume dos cajueiros em flôr; em nenhum outro tanto se refletiu a "solidão tristissima dos morros"; ninguem mais do que ele percebeu no atrevimento da jangada de véla panda, um simbolo da "ama que suga o mel das utopias, em busca da ilusão no mar das fantasias"; nenhum outro melhor observou a vida simples dos nossos pescadores, em cujo seio nasceu e viveu.

Mas viveu como uma praia entre o seu povo. "Quantos medíocres ha, diz Will Durant, que com um simples rebusnar de louvaminhas sediças vencem na política, na religião, nas letras e até alcançam a galería da História? La Fontaine viveu no esquecimento, porque nunca dedicou versos ao Rei-Sol".

Na labuta quotidiana da jangada que "não perde

maré, ele vislumbra" o misterio da vida efêmera, enganosa". Todavia, não lhe sarifiquemos o pensamento: leâmo-lo :

A JANGADA

Dia pleno. Céu claro. A atrevida jangada
Corta ao vento marinho a água salsuginosa...
Que coisa simboliza? Uma asa tremulosa
De garça, a palpitar sobre a esteira anilada.

Marés não perde, até que um dia naufragada
Rola no bojo azul da vaga procelosa...
E' o misterio da vida efêmera, enganosa,
Tudo vindo do pó, tudo voltando ao nada...

Assim, da alma que suga o mel das utopias,
A jangada veloz parte aos ventos de janeiro,
Em busca das ilusões no mar das fantasias...

E tanto às ondas vai que, sem bolina e pano,
Voa com o temporal, deixando ao jangadeiro,
Se escapa, uma saudade... um tédio... um desengano...

O poeta amou, e amou muito. Sua mãe. suas irmãs, seu roseiral, os laranjais, os passarinhos, a vida, a noiva — Branca, essa ficção em tôrno da qual todo o enrêdo do seu poema **Terra Natal**, são nos seus versos decantados com tanta alma que não podem deixar de comover.

"**Terra Natal**, disse muito bem o brilhante beletrista Severino Silva, é um epinicio da juventude e é um saltério de infortúnio". "Branca é a personificação da ternura e da santidade, reviviscência de candorosa Evangelina, de Longfellow. No seu peito o amor viça e reviça de seiva eterna... E na diuturnidade do trabalho e do sofrimento, Branca é para o poeta a sombra guiadora e fiel. E' o seu asilo, é a sua esperança".

E' preciso ler **Terra Natal** para ter-se a idéia de como amou em espirito essa praeira com o mesmo ardor, ou mais ainda, do que Dante amou a Beatriz, mau grado os cravos que lhe defeituavam o nariz; com essa mesma dedicação

que Tasso tinha por Eleonora, a ponto de não ver seu braço chagado; com a mesma paixão que tinha Rafael Sanzio por Fornarina, apezar de ter ela as pernas excessivamente finas e tortas. Que importa tudo isso? O amor é cego.

Pelo amor que consagra à figura angelical de Branca, embalando o sonho em que acordado vive, resolve ir à procura do velocino de oiro que a Amazônia esconde. Esperançoso, parte. De um lado, acicateia-o a idéia de não alcançar o que almeja; de outro, punge-lhe a alma a saudade que terá de sua amada e de sua terra, a

formosa Jerico da Natureza agreste.

E assim dela se despede:

...risca-me da lembrança,
Mas guarda-me na cova, onde meu pai descansa.
E nem quero uma letreiro à compaixão futura,
Um sinal, uma cruz, ao pé da sepultura;
Pois ao triste que morre, ao corpo que apodrece,
Que vale uma inscrição, um símbolo, uma prece?

Em versos mornos revela Itajubá o amor que tinha aos gozos que o deus-menino proporciona:

Beijos! quantos eu dei! quantos me deram! quantos
Senti nos lábios meus, das vagas ao marulho!

Conquanto nalgumas de suas proporções não se possa disfarçar o simbolista, êsses alexandrinos nos dizem o contrário:

Seja o mais leve inseto, a laje mais pesada,
Tudo se decompõe na efémera jornada.
Não há bronze que ature aos arrastos tiranos
Da cheia assoladora e indomavel dos anos;
Só o espírito ascende, escapa às tempestades,
Não rola na ladeira eterna das idades.

Outra modalidade de vate potiguar é a que se mani-

festa no seu acendrado amor à ingrata gleba. Para ela é esta sublime inspiração:

A tí, ó terra minha, esmaltada de rosas,
E primeira entre as mais, de dunas majestosas,
O idilio que compus entre os meus, no remanso
Da vivenda materna, em horas de descanso
Ou de meditação.
Inda se mais pudess
Fazer por tí, faria; inda se mais me desse
O céu, tudo era teu; entanto, se não pude
Erigir-te um padrão fulgente em verso rude,
Como foi meu desejo, um consolo me resta:
— Berço de Auta de Sousa e de Nisia Floresta,
De tí muitos varões ilustres que nasceram,
E hoje não vivem mais, teu nome engrandeceram ;
Formosa Jericó da Natureza agreste,
Costas de morros nus, lisos do vento léste...
Tu, que alento me dás, porque de ti recebo
O fertil pão que como, a água pura que bebo;
Tu que me agasalhaste em rede alva e macia,
Quando senti na fronte a luz que te alumia;
Quando outrora brinquei na varzea deliciosa,
Pelas manhãs de estiada e tardes côr de rosa,
Quando ao voltar de longe ha dez anos passados,
Banhei-me no cristal dos rios transbordados;
Quando ao grato rumor das mangueiras crescidas,
O sono conciliei das noites mal dormidas,
—Eis o que prometi... Desta alma satisfeita
Guarda no teu regaço os frutos da colheita
Que fiz, já no florir dos anos derradeiros
Da alma, Terra do sal, ornada de coqueiros.

Para Natal, seu berço, escreveu este lindo desassilabo:

TERRA MATER

Natal é um vale branco entre coqueiros:
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra a fóra as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros;

E à tarde, quando os rudes jangadeiros
Voltam da pesca ás praias alongadas,
Começa à sombra fresca das latadas
A palestra amorosa dos solteiros.

Quantas belezas mil Natal encerra!
Deu-lhe a Natura um mar esmeraldino,
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra...

Terra de minha mãe, bendita sejas,
Orvalhada do pranto cristalino
Da saudade das moças sertanejas!

O **Terra Natal** foi editado e reeditado com algumas produções esparsas do **Harmonias do Norte**, por especial interêsse de Henrique Castriciano, que cedo se afeiçoou ao poeta, vislumbrando-lhe o formoso talento.

Sem esse valioso concurso, estariam por certo de todo esquecidas muitas das produções do malogrado poeta potiguar, teriam desaparecido do nosso escasso escrinio literario inúmeras dessas jóias trabalhadas pelo seu estro de verdadeiro predestinado.

— VII —

O FIM

MINADO por terrivel enfermidade, em 1912, sem haver em Natal de então nenhum recurso da cirurgia de que necessitava, alguns amigos convenceram ao poeta de que devia ir ao Rio de Janeiro. Depois de certa relutancia, foi.

Lá submeteu-se a uma intervenção a que não resistiu. Não morreu como desejava:

Hei de morrer cantando
Num domingo formoso
Quando alveja no espaço o luar saudoso,
O fulgor das estrelas empanando...

Faleceu em um dia de rude inverno, domingo, 30 de

julho do ano referido. Não foram seus restos para a vala comum, graças à solicitude e dedicação de seus amigos, os irmãos Castriciano e Aristoteles Costa.

Terminado o praso para exhumação de seus ossos no cemiterio do Cajú, requisitou-os o dr. Eloi de Sousa, e seu velho amigo o dr. Henrique Castriciano trouxera-os em uma caixinha de madeira que, aqui chegando, depositara sobre um movel, em sua residencia.

Segundo nos consta, era plano seu promover os meios para a ereção de um modesto cenotafio ao aedo que tanto e tão bem descantou as belezas de sua terra, que também é nossa.

Ciente do conteúdo da caixa, Ambrosio, que morava em casa dos irmãos Castriciano, sendo um alma simples e crendeira, começou a ver certas coisas, uma visagens que até então não vira. Andava sobressaltado. E tal foi a sua preocupação com o caso que o dr. Henrique resolveu depositá-lo no ossuario da igreja do Bom Jesus das Dôres.

Aconteceu, porém, que frei André, o capelão, empreendeu a remodelação de algumas partes da igreja em cujo número estava o ossuario, e, para desembaraçar-se de velharias que empecilhavam o trabalho, mandou abrir uma grande vala e nelas precipitou-as, e bem assim todas as caixas de ossos lá depositadas.

Era destino do poeta serem até seus ossos ignorados na terra que tanto amou e à qual dedicou toda sua alma !

...Inda se mais pudesse
Fazer por tí, faria; inda se mais me desse
O céu, tudo era teu.

Saudação ao acadêmico professor Clementino Câmara

VIRGILIO TRINDADE

Há por aí a fóra um belo soneto de Jorge de Lima intitulado o "Acendedor de Lampeões". Todos os dias "quando a sombra da noite enegrecia o poente", saía a acender os lampeões da cidadezinha, e êle, que iluminava as praças, as ruas, os becos e as viélas, entrava em sua choupana, em plena escuridão, sem que tivesse a iluminar-lhe a pobreza ao menos o bruxulear de uma vela.

Ilustre confrade Clementino Câmara: — Com o gesto da Academia Norte Rio-Grandense de Letras, escolhendo-me para saudar-vos agora, eu me comparo a esse acendedor de lampeões. Cercado, nêste recinto, de tantas refulgências, de tantos espiritos iluminados, eu sinto, entretanto, aquí o meu cérebro mergulhado em densa treva, experimentando assim o contraste daquele verso. Eu posso considerar-me afastado, como modesta nebulosa, dêsse grupo que constitue uma linda constelação de talentos.

É, assim, sem essas credenciais da inteligência e do espirito que eu me atrevo a vos saudar em nome da agremiação que nos reune nesta solenidade.

Na quarta reunião desta Academia, já era tempo de se falar em Ferreira Itajubá, e esta seleta assistência acaba de ouvir a vossa palavra brilhante sôbre o grande poeta das serenatas e das lapinhas e que acabou, dizendo como todos os sonhadores dêste mundo:

Fui muito nescio em crer nos pregões da ventura.

Itajubá foi, incontestavelmente o nosso maior poeta. Não há entre nós quem não saiba de cór um verso seu, todo êle cheio dessa suavidade encantadora, dessa feição, como disse um nosso ilustre intelectual, dessa feição platônica, sem o mais leve vislumbre de sensualismo.

E eu que o conheci também, que o ouvi quando, muitas vezes, sentado a uma mesa daquele popularissimo café, que foi "O Breu", alí á praça João Maria, com Jorge Fernandes, Nascimento Fernandes, Barreto Sobrinho, Ponciano

Barbosa e outros, lembro-me ainda da história que êle contou, de uma serenata que passara á sua porta, alta noite, quando já estava agasalhado, conservando um postigo meio aberto, á suavidade do luar. A sua linguagem era então a mais simples. Chegara a dizer que estava **esparraiado** na tipóia e o violão estalou na calçada, e êle alí ficara moído de saudade. Mas ao escrever aquela impressão dias depois, disse-o nêsses versos, como se diz na giria atual, doidos de bonitos:

Acordo. Já ventila a madrugada;
Sobe á parede escura úmida restea,
É a lua. Como está desfigurada!
Parece que se ergue de u'a moléstia...

Muda como as tristezas tumulares,
Lembra uma monja pálida, sidérea,
Uma bola de neve pelos ares
Frios... cobrindo as coisas de matéria...

E desce, e desce, e o brilho declinando,
Imita o de uma vela esmorecendo.
É que as dores de Maio vão chegando,
Emquanto as alegrias vão morrendo

Corre, pranto invernoso; orvalha a grade
Da solidão do meu viver incerto!
Como sangra o punhal desta saudade!
Que mal me trouxe êste postigo aberto!...

Sr. Professor Clementino Câmara — Do genial poeta do "Terra Natal" e do "Perfil de Jesus", já dissestes com brilhantismo suficiente para que eu pretenda dizer mais. Do vosso talento, num reconhecido destaque, honra-se a Academia Norte-Riograndense de Letras, que recebe o vosso trabalho de hoje com um prazer de todo especial. Acredito que nestas expressões estou interpretando o sentir de todos os seus membos. A vossa proficiência de mestre da lingua vernácula, principalmente, venceu os limites dêste Estado, fronteiras essas, aliás, agora tão bem delimitadas

pelos Institutos de Geografia. Mestre é uma palavra universal e mais do que isso, é divina. Era assim que chamavam a Jesus Cristo.

Si aos vossos discipulos não vos externais em parábolas, como o fazia o Mestre Divino, tendes, por certo, lhes ensinado, como Guerra Junqueira, que há mais luz nas 25 letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento, e que o professor há de eliminar o carcereiro.

Esta saudação de agora não é a dos jovens cheios de aspirações que vão receber as vossas lições proveitosas. E' uma academia de homens integrados na realidade, mas que, como aqueles, ainda recorrem, vês por outra, ao manto diáfano da fantasia, de que nos fala Eça de Queiroz; que com os jovens trabalham pelo alevantamento do espirito e pela grandeza da Pátria, nêste pedaço de terra brasileira, vale ameno entre coqueiros, na expressão poética do vosso patrono e que se alguém, malevolamente, mas felizmente numa voz isolada, chamou um dia de "um buraco esquecido no oitão do país", é para nós um pedaço querido, uma parcela bem amada desse grande Brasil "iluminado ao sól do Novo Mundo".

Joaquim Fagundes

DISCURSO DE RECEPÇÃO, A 26 DE AGOSTO DE 1943

ANTONIO FAGUNDES

Exmo. Sr. Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras
Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Apelação do Estado
Senhores Academicos
Exmas. Senhoras
Meus Senhores

Abrindo as paginas da literatura do Rio Grande do Norte, descortinamos vultos magistrais na poesia, no teatro, na tribuna e no jornalismo.

A terra dadivosa alimentára carinhosamente o mestiço, inspirára-lhe os sentimentos de amor á gleba e ao povo, que plasmára os costumes através da palavra evangélica do missionário catequista.

Desde Anchieta e Nobrega, a alma brasileira começou a penetrar no romantismo. A nossa Independência é saudada pelos primeiros hinos desse sentimento nacional. Mesmo do cárcere, onde a dinastia portuguêsa encerrou os libertadores, com o intuito talvez de sufocar as ideias do povo das brasileas plagas, emergiam estrofes que se evolavam pela amplidão do espaço, galgando montanhas, transpondo vales e planicies.

A potiguarania não fugiu a essa evolução intelectual, que se nos afigura congênita da raça em formação. Ao lado das hordas guerreiras, que defendiam a posse da terra, tivemos a coluna dos que firmavam a pátria no cultivo da lingua e na formação do sentimento genuinamente brasileiro. Alguns se deixavam mergulhar na espontaneidade e as estrofes surgiam límpidas, delicadas; outros subordinavam a harmonia do estro ás leis da filologia e emolduravam a arte com os cânones da ciencia. Uns e outros, no entanto, resumem o valor da inteligencia potiguar e a todos a Academia Norte-Riograndense de Letras tem prestado o tributo de merecido apreço.

Joaquim Fagundes, apezar de haver tido uma vida literária essencialmente curta, foi um desses espíritos que escreveram para o Rio Grande do Norte uma fase de sensivel evolução literária. No estudo da sua personalidade é mistér, entretanto, coloca-lo na sua época.

Reportemo-nos então a Natal de 1874.

Cidade provinciana, com população de 15.000 habitantes aproximadamente. Ao norte, a rua Silva Jardim, com habitações modestas, sem alinhamento, sem estética, e a oeste, o rio Potengí; para leste, a rua Treze de Maio — (Rua dos Tocos) — e ao sul a Fonte Publica, junto do Baldo, ponto extremo. Um médico e uma farmácia. Sem biblioteca, sem livraria, sem jornal diário. Nenhum colégio e apenas, o velho Ateneu ministrava o ensino de Filosofia, Aritmética, Geometria, Francês e Latim. Para o ensino primário, havia duas cadeiras de primeiras letras, uma para cada sexo.

Na estreiteza desse ambiente, Joaquim Fagundes ensaiou os seus

passos no domínio da literatura. Filho do Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes, que o perfilhou, nasceu em Natal, a 19 de março de 1857, numa casa da rua Vinte e Um de Março, hoje, Gonçalves Lêdo, (N. da R.) situada no local, onde hoje se ergue o majestoso edifício da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Recebeu instrução primária na escola publica do saudoso professor Antonio Ferreira de Oliveira. Frequentou as aulas do Ateneu Norte-Riograndense, porém a escassez de recursos determinou-lhe a profunda desilusão de não poder continuar os estudos. Amava, porém as letras e procurava suprir a ausencia dos mestres com o manuseio dos livros; estudava até alta noite. Dedicando-se á literatura, absorvia-se lendo Alvares de Azevedo, de quem procurava ser discipulo, Victor Hugo, Alexandre Herculano, Casemiro de Abreu.

Fundou associações literárias ao lado de José Teófilo Barbosa, José Flávio Machado França, João Maciel Seabra de Vasconcelos, Tertuliano Pinheiro, José Bonifacio Filho, Joaquim Fabrício Gomes de Souza, José Gabriel Gomes da Silva, Celso Augusto Santiago Caldas, Urbano Hermilo de Melo, Joaquim Lourival Soares da Camara, João da Fonsêca Varela, e outros intelectuais, de que a tradição esqueceu o nome.

Escreveu dramas e poesías, organizou associações literárias dentre as quais cumpre destacar a "Sociedade Miguelina"; fundou jornais, dos quais "E'co Miguelino", que era órgão da Sociedade Miguelina, "Iris", órgão literário consagrado aos interesses da juventude feminina, e "Luz", periódico dedicado á defesa da causa maçônica.

Mantinha excelentes amizades, cumprindo-nos salientar as de Eloy Castriciano, Padre Arêas, Dr. Henrique Camara, João Arêas, D. Izabel Gondim, Dr. Francisco Gomes da Silva, Bento Gomes Ferreira e Dr. José Moreira Brandão Castelo Branco, renomado causidico, fluente orador grande politico e parlamentar ilustre, que muito o distinguia.

Espírito inquieto, agitador, inteligencia viva e primorosa, era entretanto, mais jornalista e orador do que poeta. Possuia admiravel facilidade de expressão e notaveis dons oratórios.

Adoecendo de beri-beri, foi á capital do vizinho Estado no norte, em procura de melhoras para a saúde. Ali, tomou parte em reuniões de várias sociedades literárias, conquistou grandes simpatias e firmou sólidas amizades.

Quando a mocidade lhe parecia sorrir, em plena florescência da vida, solteiro, cheio de entusiasmo, a alma transbordante de aféto e de ternura, evola-se para o além. Era o dia 21 de agosto de 1877. Contava de idade 20 anos, 5 mêses e 2 dias. Ao sentir que se lhe aproximavam os derradeiros momentos da existencia, escreveu: —

"Já pressinto da morte a negra sombra
A seguir pressurosa os passos meus!
Mas, é tão cêdo ainda! Sinto na alma
Tanto fogo e amôr! tanta esperança!"

O seu dileto amigo, o Dr. Moreira Brandão, referindo-se a ele, pouco depois da morte, dizia: — "Perdi um amigo dedicado e a Província uma das suas mais belas esperanças".

A morte de Joaquim Fagundes determinou um choque violentíssimo entre os jovens do seu tempo; dispersou-se o grupo e entristeceram-se os companheiros. Lacuna impreenchivel na sociedade potiguar, ele ocasionou, por assim dizer, um colapso na evolução literária de Natal do seu tempo.

Fagundes dizia-se livre-pensador, porém, acabára os seus dias dominado pelo seticismo. Lourival Açucena, seu grande amigo e admirador, tinha idéias espíritas. Já moribundo, Fagundes dizia-lhe:— "Amigo, poucos momentos terei de vida! Se há espirito, dar-lhe-ei provas nas suas investigações",. Lourival afirmara depois que o seu dileto amigo cumprira a promessa, "baixando" em belíssima comunicação.

DRAMATURGO

Dedicando-se á literatura, Fagundes escreveu diversos dramas para serem representados por um grupo de amadores, alguns dos companheiros de tertúlias literárias. Merecem lembrança os dramas "A mão de Deus, "A queda de um anjo", e "A quêda de Susbel". Alguns eram trágicos, outros tinham enredo de amor em que triunfava sempre a virtude feminina evidenciada em agudos transes de um infortunio, ou a candura angelical de uma jovem mulher superava a bestialidade humana.

Para a representação dos papeis femininos subia ao palco a amadôra da época — Honória Reis, jovem de 18 anos, de quem o infortunio bem cêdo roubára a ventura da vida honesta. Honória possuia, entretanto, de par com elevados sentimentos dalma, um coração bondoso e afetivo. Foi ela a primeira mulher que teve a audácia de, em Natal, subir ao palco na interpretação de cenas. Os moços do Ginásio Dramatico de Natal conheceram-na ainda entusiasta, interessada pelas vitorias da sociedade, embora alquebrada pela idade e vencida pela falta de meios com que manter a existência.

Ao tempo de Joaquim Fagundes, não havia em Natal nenhuma casa de teatro e as representações arrostavam, por isso, com as dificuldades próprias de sucessivas improvisações. A todos os óbices vencia a pertinácia dos moços entusiastas e audazes. Palco, cenários, "toilettes", orquestra, tudo era objeto de frequentes cogitações e obstáculos a vencer, quando projetavam uma récita. Por vêses, Joaquim Fabricio, que era então amador de pintura, chamava a si a montagem das peças. Clarinêtos e saxofones uniam-se aos violões para constituirem a pequena orquestra. Tudo o que faltava era suprido pela cooperação dos amigos e admiradores da coorte de meninos-moços obstinados em cultivar a arte dramática. Dominava a força de vontade forte, inabalavel, invencivel. A sala de representações enchia-se. Havia espectadores apaixonados pelas noitadas que punham em viravolta não só os espiritos moços, mas, ainda aqueles que remoçavam ao contacto do grupo entusiasta. As cenas, entretanto, eram pesadas e muito em contraste com o desenrolar das peliculas emocionantes que, em nossos dias, ilustram as télas dos nossos cinemas falados, encanto dos jovens que admiram as estrelas de Hollywood.

POETA

Os versos de Joaquim Fagundes não tinham o mesmo vigor da prosa causticante, nem dos argumentos incisivos do moço combatente.

Eram quasi sempre ligeiras divagações de alma romantica, modinhas para serem cantadas nas noites enluaradas, ao planger do violão, nas serenatas que a boemia dos jovens apaixonados criava para o encanto efémero dos amores platônicos. Ainda em nossos dias, através das ondas sonoras da nossa Rádio Educadora, alguns desses versos são reproduzidos em toda a singelêsa do seu éstro, para deleite dos espiritos romanticos. O Hino Miguelinho, que D. Joana Carolina Seabra de Melo musicou, parece-me haver sido a melhor de suas composições em verso: —

"Quando ferve no peito do homem
Liberdade — o vulcão imponente;
Ele irrompe os tropêços mais fortes,
Sempre afeito, invencivel e crente.

— Eia! avante! avante! Marchemos,
Miguelinhos, a crêr no porvir,
Hasteando o pendão — liberdade
Que acena-nos Deus a sorrir!

E não tocam, não prendem seus pulsos
Os grilhões que oprimem os vis;
— Se um dia cansado fenece
O seu nome imortal se bemdiz!

Sobre os ombros elevam o pendão
Que aos homens promete um futuro,
E luzeiros fulguram brilhando
Para todos que estão no escuro!

Este amor que sentimos no peito
Pelos nossos iguais, nesta vida,
Nada o pode extinguir, é tão santo
Que aviva uma crença perdida.

Eia! e vós, mocidade, escutai
Este éco que clama dos ceus; —
— E' a voz do destino que sôa
Vos mandando romper escarcéus!

Eia! avante que a pátria vos pede!
Eia! avante que Deus vos ordena!
Eia! avante que tudo vos diz
Que de flôr o porvir vos acena!

Eia! avante! por sobre escarcéus,
Caminhemos embora feridos,
Se a luta fôr grande e cairmos,
Ficarão nossos nomes queridos!"

Este hino era o brado de alerta lançado para os moços de Natal

daquele tempo, despertando-lhe o civismo e o amor ás bôas causas e ás letras.

Apezar-de mais jornalista e orador do que poeta, Fagundes escrevia, versos com muita facilidade. Não os guardava, entretanto; parecia fazê-los para um momento apenas. Quando solicitado por algum amigo, ditava-os de memória. Se mãos femininas não os copiassem em caligrafia elegante nos albuns caprichosamente arranjados, perduravam somente na tradição popular, quando não se perdiam na memória tal como fenecem as flôres da primavera. Os seus versos, é certo, apresentam falhas mui sensiveis, mas, dizem alguma cousa do estro do autor.

Em idilios de mocidade, cantava nas seguintes estrofes: —

ESQUECE

Mulher, m'esquece, meu amor é chama
Que arde, queima, té enfim matar;
Bem vês, já sentes seu ardor de morte;
Que mais esperas p'ra me abandonar?

Pedi-te outr'ora teu amor, eu sei;
Ai! fui um louco que te quis perder!
Mas, hoje tenho sentimentos nobres,
Que a mim só mandam por ti sofrer.

Sof'rei as dores que vierem todas
Por este amor desgraçado nosso;
Mas, em te vêr definhando triste
Por ti sómente, suportar não posso.

Depois o jovem cantava: —

SANTO AMOR

No dôce enlêvo do sonhar primeiro,
Levei a vida sem cuidar na dôr...
Só tendo o mundo divinais encantos,
— Porque tu éras — o meu santo amor.

Vivia ouvindo o modular dos anjos,
Lá, junto ao trono do real Senhor...
E, assim, contente, desfrutára a vida,
— Porque tu eras — o meu santo amôr.

Vivia ouvindo lá do céu os hinos,
Que arrebatavam, com celeste ardôr;
Tudo esquecia — maguas, dores, prantos —
— Porque tu eras — o meu santo amôr.

Corriam dôces, divinais e puros,
P'ra mim, os dias d'eternal fulgôr,
Em que eu vivia só de mágas crenças,
— Porque tu eras — o meu santo amôr.

Tudo se foi, com o perpassar do tempo
Morreu, sumiu-se, só ficando a dôr...
E eu choro as ilusões de outr'ora,
— Porque tu eras — o meu santo amôr.

A alma apaixonada escrevia: —

DIVA

Se eu visse em teus olhos a lava ardorosa
De flama amorosa raiando sutil;
Que os labios abertos purpúreos falassem
Sorrindo e beijassem as flôres mil;

Amára teus olhos, teus labios amára,
Depois desejára falar-te uma vês,
Gozára em teu seio perfumes divinos,
Poeta, meus hinos cantára talvez.

Porém, é de balde que tenho desejos
De a seiva de beijos beber teu amor,
Não ouves, não queres ouvir, quando choro,
Enquanto eu adôro, mulher, teu pudor.

COMBATENTE

Surgira no cenário nacional a conhecida questão religiosa. A sociedade natalense abalára-se profundamente com as providencias emanadas da Igreja Católica contra as agremiações secretas. O Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes, genitor do poeta, e o Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, coadjutor da freguezia, foram suspensos das ordens sacras. Choques violentissimos sentiam-se, dia a dia. De um lado, a Igreja Católica, fiél aos seus principios, do outro a maçonaria condenada, abjeta, cheia de indignação, revoltada, clamando contra as atitudes que julgava prepotentes; no seio da Igreja, padres, provedores das irmandades, festeiros dos novenários, que haviam professado na instituição; na maçonaria, estava a fina-flôr da sociedade natalense, irritada, lançando impropérios, clamando em favor do direito conspurcado.

Ferido no seu amor próprio, indignado com aquelas providencias que julgava contrárias á liberdade, Fagundes deixava-se engolfar no torvelinho da paixão desencadeada e promovêra renhida campanha na tribuna e nos jornais.

Sobranceiro, altivo, indomavel, por um principio de solidariedade ou porque sentisse borbulhar-lhe na alma a própria revolta, abraçára a

causa do povo, embaraçava-se naquele movimento e fiséra-se defenfor dos principios da liberdade.

Foi nessa fase agitadissima da nossa vida social que ele demonstrou o primor da inteligencia e os arroubos da indignação, pregando o socialismo, doutrinando ensinamentos filosóficos.

Impávido, ousado nas atitudes, arrogante, atrevido, em linguagem arrebatada, clamava na tribuna e no jornal. Fês "meetings", pronunciou discursos incendiários, sem tibiêsas, com audácia nunca vista, indômito, afrontando todas as consequencias decorrentes dessa atitude varonil, na convicção de que defendia uma causa elevada e nobre.

Não seria possivel domar os ímpetos da indignação, nem conter as arrancadas do espirito enfurecido e aguçado pela crise politica e social do momento.

Defendia a causa republicana, batia-se contra o despotismo do cativeiro, pugnava pela igualdade dos direitos sociais e externava idéias socialistas. E' surpreendente que um espirito ainda em formação, sem cultura e circunscrito á estreiteza social da provincia daquele tempo, ensaiasse vôos filosóficos de tamanha amplitude.

Nas sociedades literárias fundadas e mantidas em Natal, ao tempo daquelas dissenções politico-sociais, havia sessões agitadissimas e, por veses, tumultuosas. Funcionavam em sêdes improvisadas, onde a pleiade de jovens reunia-se frequentemente para cogitações, troca de idéias, assentar planos, discutir pontos de vista filosóficos e sociais. Fagundes era o leader do movimento; primus inter pares, dominava o ambiente com a firmeza dos argumentos, discorria com veemência, quasi sem oferecer tréguas aos interlocutores, tal o poder combativo de que se revestia, quando tinha que esclarecer pontos de vista, ou quando lhe cabia defender assuntos contraditados.

Na tribuna, dominava o auditorio pela eloquencia; era arrogante e tinha o dom de convencer, empolgando com a palavra através de argumentos insofismaveis. A cabeleira negra, basta, ondulada, era, por vêses, sacudida pela gesticulação brusca, semi-afetada, de quem está senhor da verdade e precisa doutrinar. Realizou várias conferencias sobre temas filosóficos, sociais e politicos, mas, deixando-as esparsas.

Os trechos, que peço vênia para citar, expressam claramente o espirito combativo desse moço: —

> "O povo tem nobres e gigantescas aspirações, que não consegue pela barreira ingente que encontra no governo.
>
> Comparemos os meios do Brasil, a fertilidade do sólo em agricultura, em inteligencia, ao seu adiantamento, que vivemos sem nenhum.
>
> Não ha progresso na industria, na agricultura e na ciência; de tudo é falto o Brasil; seus filhos adormecidos no remanso da ociosidade se vão afogar no oceano da estupidês.
>
> Quem tem meios bastantes compra á custa de ouro um titulo e, se é diligente, instrue-se; se não é, tem sempre o titulo, vale só o ouro; mas, a pobreza, os esquecidos talvês da Providencia são condenados a sepultar-se no abatimento da estupidês e, debalde, na aridês dos arábicos desertos da ignorancia, imploram

uma gota d'agua — instrução, sem que haja outro Moisés que a faça brotar da pedra.

Despreza-se o povo, não se cuida da sua educação; depois, quando ele se torna intratavel pelas maneiras bruscas, é atirado á lama do aviltamento, Querem o povo para degráu, somente; todos os direitos lhe roubam; e fazem-se seus interpretes e advogados !

.....

E o Brasil marcha ? !

Marcha sim, porque todos os dias surgem na areia da civilização novos pugnadores das classes despresadas e, ás vezes, se cruzam soando em pares aos ouvidos do povo, esclarecendo-sobre fatos, debalde parece, porque ele se acha ensurdecido pela falta de conhecimentos.

.....

O homem sem ouro é escárneo social, a mulher sem ouro é alvo da sedução.

A sociedade é céga para os defeitos do rico e céga para a virtude do pobre.

Banqueteia-se no salão opulento com a mulher venal, que mercadeja, ás ocultas, cobrindo-se com manto de virgem, enquanto despreza e orneja a donzela candida e linda que pobremente habita a choupana e lança-lhe insultos imputando-lhe defeitos que não tem..

— E' assim esta sociedade.

A mulher pobre, embora virgem, é para a sociedade mercadoria avariada. A' rica aponta um porvir regorgitando de prazeres, um céu talvez; á pobre conjura no futuro um abismo atemorizador — alcouce.

Fragil arcazinha que luta em balde com a furia das ondas, atirada sempre com desprezo, suplantando todo o ímpeto oceanico, é a mulher pobre no meio da votação social".

Ocorrêra em Natal um fato, que despertara grande revolta no meio social e particularmente na Sociedade Miguelina.

João da Fonsêca Varela, veterano da guerra do Paraguai, para onde seguira com a alma incendida pela chama dos mais puro sentionde patriótico, voltára no posto de alferes, depois de haver consagrado o melhor da sua atividade ao serviço da Pátria. João Varela fazia parte do conjunto de moços, que desejavam um Brasil melhor. Acusado perante o Presidente da Provincia de ações baixas pelas quais, aliás não era responsavel, foi chamado á presença daquela autoridade administrativa. Interrogado pelo Chefe do Governo, expôs a verdade dos fatos que, de certo, não agradaram a S. Excia. Em consequencia foi aquele nosso ilustre conterraneo e valoroso soldado repreendido grosseiramente e intimado á prisão. Comentando o fato, Joaquim lançou veemente artigo, onde se vêem os seguintes trechos: —

"S. Excia. chamou as ordenanças e mandou agarrar o nosso amigo! Tinha baqueado a força moral, lançou mão da brutal! Não foi, porem, executada a ordem e a prisão foi feita pelo te-

nente Emidio (Emidio Getulio de Oliveira).

O alferes João da Fonseca Varela embarcou com 14 anos de idade para o sul, afim de empenhar a vida em defêsa da pátria, que o chamava em seu auxilio; conquistou diversas medalhas de distinção, a condecoração de Cavalheiro da Ordem de Cristo e as honras de posto de alferes. Como todos os voluntários da Pátria, regressou ao seu torrão natal pobre, sem ter meios de subsistir.

.....

Enquanto V. Excia, cursava no seio de sua familia para alcançar a carta de bacharel, ele, por entre o clangor do combate, o tinir dos gladios e o estampido das balas, conquistava o titulo que o recomenda, só a custa de esforços próprios.

V. Excia. ganhou essa condecoração feliz e descansado na cadeira de lente, a lêr postilas, e ele conquistou a que lhe cinge o peito á custa de seu sangue, com perigo de vida, afrontando o furor das coortes inimigas.

V. Excia. é delegado do Governo Imperial, e ele é um bravo militar, salvo das garras da guerra paraguaia; é o heroi que tostou a tês no calor dos combates, enquanto V. Excia. gozava em ricos salões, no remanso da paz. Entendeu que curvaria a fronte do bravo voluntario, que nunca se curvou á potestade tiranica das balas paraguaias, engrinaldada dos louros emurchecidos ganhos em defesa da Pátria!

A fronte do bravo e honrado voluntário não se dobra servil ao poderio de um agressor".

Fagundes era abolicionista e republicano. Camando contra o cativeiro, escrevia: —

"Todos os dias reproduzem-se insultos á civilização do seculo presente, nestas plagas brasileas.

Terrivel realidade é esta, que vem todos os dias desfazer a ilusão da liberdade no Brasil.

Quem disse que a liberdade, com a força emanada do Empírio, sua pátria, quebrou as mortais algémas que agrilhoam os robustos pulsos dos gigantes feitos pigmeus pelo nascimento?

Quem bradou ousado que o escravo não era um ente abjeto, ornejado por todos?

Mentiu, dizemos nós. O quadro de honra e gloria ao Ministerio 7 de Março é uma fantasmagoria, que nada indica.

Quem nascer é livre, mas, quem já tiver nascido sob o proceloso céu do cativeiro, antes dessa lei, que chore, que agonize debalde, sem um vislumbre da luz do direito, nesse cáos, sem crença; que seja miseravel verme, se estorcendo sob as plantas desses homens desnaturados, que mercadejam com o ser humano, a criação de Deus, o ente por quem Cristo baixou do céu e sacrificou-se.

Quotidianamente é eclipsado o radiante sol da civilisação, que se diz rutilar nos céus do Brasil".

JORNALISTA

Foi no jornalismo que Joaquim Fagundes mais demonstrou o vigor da sua primorosa inteligencia. Estilo atordoador, reboante, em periodos de aço reluzente, no dizer de Camara Cascudo, expandia as ideias em linguagem candente, com a firmêsa de quem não tem duvida sobre a teoria que propaga e defende. A propriedade das expressões e a justêsa dos vocábulos dão-nos a ideia da plenitude das suas convicções.

Redigia juntamente com José Teófilo o "E'co Miguelino", órgão da Sociedade Miguelina e a primeira revista que circulou em Natal. "Eco Miguelino", órgão literário, filosófico e instrutivo, era quasi exclusivamente trabalho de Fagundes e Teófilo. Tinha colaboração bem lançada, variada, doutrinária, encerrando conceitos filosóficos e grandes ensi-

osculou e o suave perfume que o sereno fês distilar. Estrelas daquele céu, que esmaltam, rutilam ao rir da aurora, as filhas do prado.

E' a manhã. O sol apenas dá os primeiros sinais de vida em seu leito de douradas almofadas, seus olhares são ainda fracos — não incendiam; depois cresce o dia e não são olhares tímidos o que ele desprende — flamas que sorvem gota a gota o orvalho caído no cálice de flôr, e ela, coitadinha, entristece pendida.

E as mais viçosas, mais altaneiras, mais formosas, mais acariciadas da viração e mais festejadas dos zéfiros são as que primeiro sentem a agrura do destino.

A triste relvazinha esquecida, que bebe o orvalho superfluo que cái das outras flores altivas, que apenas perdidos e caridosos zéfiros a festejam, que não sobressai para atrair simpatias, não sente tão depressa o cruento ardor do sol, e quando merguhada na tristêsa pelo emurchecimento, tem de sofrê-lo, martiriza pouco, porque não foi vaidosa.

A poesia é, pois, um vergél; as flores são as mulheres, dizem os poetas. Ha rosas puras e viçosas que ostentam sua belêsa com altivês e ha tambem relvazinhas que entre elas se ocultam".

Eis, meus senhores, a transmutação que se operou naquele moço. O borbulhar de ideias, o ímpeto, a arrogância, as expressões de fogo vivo, crepitante, quebravam-se diante do amor e do respeito, do acatamento

O interesse pela causa do réu não era menor do que a ansiedade de que se revestiam os mais notáveis cidadãos, não só da cidade, mas, ainda das adjacencias, pela oportunidade que se oferecia de ouvir, mais uma vês a palavra eloquente e brilhante do grande intelectual e vibrante orador.

O natural receio de quantos desejavam amparar a causa do correligionário e amigo não fôra, porém, maior do que a decepção dos que se transportaram, de leguas, afim de ouvir a palavra eloquente, entusiasta, imaginosa do Dr. Brandão, quando viram chegar com poderes para patrocinar a causa em apreço um rapagote franzino, de 17 anos, sem figura, olhos castanhos e vivos, cabeleira basta e ondulada.

Nas conversas, analisava-se a sorte do constituinte e faziam-se censuras, discrétas embora, ao Dr. Brandão, porque parecia haver abandonado a sorte do correligionário e amigo, naquela fase agúda do seu destino, perante a sociedade.

A proverbial austeridade dos homens daquela época, em que um amigo chegaria ao sacrificio para cumprir a palavra empenhada, não permitia semelhante atitude. Murmurios surdos, apreensões, conjecturas; não seria facil a explicação. Estava perdida a causa. Joaquim Fagundes proferiu, no entanto, vibrante e calorosa defêsa, firmada em sólidos argumentos jurídicos, e conseguiu destruir a acusação com objeções lógicas e incisivas. Vitoria completa: o juri absolvêra o réu. Transmutações radicais operaram-se no ambiente; aclamações calorosas, vibração intensa, júbilo, abraços. O rapazola empolgára o auditorio com o calor do verbo ardoroso e fascinante. A palavra tem realmente o dom sublime de dominar as multidões. Joaquim voltou a Natal coberto de êxito.

A sinceridade, que era apanágio dos homens da época, não permitiria que o Dr. Brandão ignorasse aquelas ocorrências. Relataram-lhe os fatos, as censuras ácres, muito embora discretas, em que envolveram aquele grande tribuno, eximio cultor da ciência do Direito e prestigioso parlamentar. Depois de ouvi-los impassivamente, calmo, com sorriso de benevolência e gestos de tolerancia, Dr. Moreira Brandão desculpou-se alegando que "não fôra possivel comparecer; motivos imperiosos assim o determinaram; ademais, acrescentou, confiava no menino."

Fagundes sentia-se inclinado para a ciência do Direito e decidira-se a conquistar uma provisão de advogado. O ambiente politico da provincia natal não lhe era propicio; o gênio irritadiço, as atitudes decisivas em hostilidade á politica dominante criaram-lhe ambiente adverso aos seus intentos e fecharam-lhe as portas para a conquista de qualquer função publica; era, certamente, um espirito indesejavel, temído, e a estreitêsa do ambiente provinciano não comportaria espiritos assim arrogantes e ousados, porque, de certo, não tinham forças para conter as ondas impetuosas do seu temperamento.

Em sua viagem a Fortaleza, Fagundes fizera excelentes relações e conquistára sinceros admiradores e amigos devotados. Não seria dificil obter alí a provisão desejada, se para tanto bastasse a idade. Resolveu aguardar pacientemente os 21 anos completos, exigidos por lei para inte-

grar-se na plenitude dos direitos civis. Não logrou, porém, esse valioso intento, porque, sete mêses antes, seria bruscamente arrebatado pela morte.

As atividades de Joaquim Fagundes, ao lado da maçonaria e contrárias aos principios da Igreja Católica, se, por um lado, despertaram a simpatia do povo, por outro, fizeram nascer entre os que aplaudiam as atitudes do Governo e da Igreja, franca repulsa aos seus intentos e, talvez, á sua própria individualidade. Assim é que, ao falecer, lhe foi negado o necessário atestado da autoridade policial para que pudesse ter sepultura em lugar sagrado. Alguns amigos, indignados com essa resolução, decidiram-se á violência e aprestaram pessoal para demolir parte do muro do cemitério afim de darem acesso ao cortejo fúnebre, desde que não lhes fosse aberto o portão de entrada.

Sabedor das ocorrências, o Vigário Bartolomeu não o consentiu: ponderou aos amigos que a vida do filho havia sido de imensa agitação e não desejaria que os seus despojos continuassem a irritar os inimigos; sugeriu que procurassem demover as autoridades com medidas suasórias e; se não conseguissem anuência, aprestassem botes e canôas que transportassem o corpo para a Redinha, afim de sepulta-lo no cemitério dos holandêses (1).

As autoridades policiais accederam, porém, e Joaquim Fagundes descansa no Campo Santo do Alecrim.

Eis, em sintese, meus senhores, o que foi a personalidade litero-social de Joaquim Fagundes, patrono da cadeira, de que sou detentor, nesta Academia de Letras. Os inumeros trabalhos literarios do jovem intelectual ficaram esparsos, em mãos dos amigos e companheiros de tertulias civico-literarias. A familia não os conseguiu recolher. A desolação dos mais intimos e a indiferença dos que não lhe eram aproximados determinaram esta lacuna bem visivel nas letras conterraneas. Se não fôra o zêlo fraternal de três ou quatro dos seus admiradores, cousa alguma restaria da sua florescente atuação na vida literária norte-riograndense, marcante incontestavelmente de uma nova éra litero-social.

Evidentemente Fagundes era portador de grande inteligência e de formoso talento, embora despido de cultura. Carater inquebrantavel, resoluto, sincero, firme nas convicções, faltou-lhe o burilar dos sentimentos nobres, que transbordavam impetuosamente dos recessos da sua grande alma de jovem idealista. Criára-se admirando a virttude, intolerante para os males, revoltado contra a prepotência e as injustiças e não sabia contornar os impetos da indignação que surgiam do intimo dalma do jovem idealista. A fase de sua atuação intelectual foi

---

(1) Redinha é uma das praias de Natal. Fica á margem esquerda e proxima da fós do Potengi, rio que banha a cidade. Ha, nessa práia, quasi em abandono, um cemitério construido pelos holandêses, enquanto estiveram senhores da Capital do Rio Grande do Norte.

Saudação pela Academia

NESTOR LIMA

Senhor Antonio Fagundes:

I — E'-me sobremodo agradavel senão honroso receber-vos na Academia, no momento em que vos empossaes definitivamente na cadeira de Joaquim Fagundes.

Agradavel é, de fato, porque são já bem antigos os laços de contínua camaradagem que nos ligam, desde o tempo em que ingressastes nos bancos da Escola Normal, com o intento firme de adquirir uma láurea de professor primário. Desde então e até hoje, não sei que tenha havido, entre nós, qualquer eiva nas relações de amizade e de colaboração, através dos períodos, em que cada um de nós teve de ocupar funções e cargos de direção no Estado, sempre bem entendidos nos vários assuntos, que versávamos.

Honroso, por outro lado, é o encargo que a Academia, pelo seu ilustre Presidente, me confiou para dizer-vos da satisfação que nos invade a alma, com o vosso titulo, hoje adquirido, por força da posse definitiva da vossa cadeira, e da certesa de que haveis de tudo envidar, na medida do vosso esforço bem intencionado, para que o nosso modesto Cenáculo de Letras prossiga o seu destino e o atinja, na harmonica e desejada mésse de frutos em pról das nossas letras.

Sois daqueles que, em pós concluirdes o tirocinio escolar, ao meu lado e sob as minhas vistas amigas, não renunciastes o sentimento que vos era dedicado, quando ainda ereis apenas um plumitivo da vida publica. Antes e ao contrario disso, enquanto fazieis a vossa jornada na vida publica, mais vos aproximaveis do mestre, que vos estendêra complacentemente a mão, no passo inicial da vossa existencia escolar.

E, si nas varias oportunidades em que fostes

chamado a postos de responsabilidade no aparelhamento escolar, não desconhecieis a inspiração do vosso amigo, que ora tem o praser de saudar-vos, também é muito certo que não lhe regateastes o reconhecimento, as afirmações e as provas da vossa lealdade e da vossa gentilêsa.

Não é, portanto, sem certo agrado e não menor desvanecimento que vos venho receber e declarar, em nome da Academia, quanto ela se sente contente da vossa presença, no seu elenco espiritual, de par com os mais efusivos parabens pelo belo trabalho que, sobre a personalidade literaria do vosso talentoso patrono, acabais de lêr, com gaudio de todos quantos présam e proclamam os vossos meritos de paciente e abnegado cultor das bôas letras pedagogicas em nossa querida Potiguarania.

II — Aqui, tocamos o ponto essencial da vossa presença em nossa Casa.

Mal iniciado nas lides da inteligencia, já demonstraveis certo pendor e interesse pelos estudos especializados.

Ainda no Assú, tentastes estudos historicos e geograficos da região amavel, onde eu nasci, e levantastes um mapa tão minucioso e exato quanto possivel acerca do territorio, onde vicejam os opulentos carnaubáes.

Depois, na imprensa local, versastes varios assuntos dessa especialidade, colhendo, organizando e difundindo noções essenciais sobre o "habitat" dos remotos janduís.

Mais tarde, em Mossoró, aonde vos levou a confiança do governo José Augusto, propugnastes pela imprensa e na tribuna da Escola Normal e do Ginasio Diocesano "Santa Luzia", por memoraveis problemas do ensino e da educação.

Vindo para esta Capital, a exercitar as arduas funções de diretor da Escola Normal, déstes a lume, as "Leituras Potiguares", com o prévio apoio material e moral do Estado, para efeito do beneficio da lei nº. 145 de 1 de agosto de 1900, com que o espirito ilu-

minado do dr. Alberto Maranhão soube dotar e galardoar todos quantos, filhos do Estado, houvessem produzido obras de real merecimento, assim julgado por comissão idonea.

Nesse belo volume, que o vosso dedicado pendor para a literatura nos presenteou, em 1933, coletastes, como a paciencia proverbial dos beneditinos, tudo quanto vos pareceu de meritorio, (ainda que com as exceções que me dizem respeito,) para a nossa unica seléta literaria, bem estimada por todos os amantes das nossas letras.

Adeante, nas altas funções de diretor geral da Educação, manejastes a pena em defêsa dos problemas educativos que vos trabalhavam o espirito: "A Republica" publicou e depois, enfeixastes em volume, os varios tópicos em que abordastes graves problemas de "Educação e Ensino", (publicação oficial) 1940, onde se devem destacar, com justa razão, os que se referem "Ao magisterio dever ser exercido com abenegação e superioridade", "A Patria e o patriotismo", "Relação entre a familia e a escola", e outros.

Em seguida, e sempre incançavel no vosso esforço construtivo, publicastes o "Boletim de Educação", (1942), em que amealhastes varios estudos sobre assuntos do interesse do magisterio, sobretudo sobre "A uniformização dos cursos normaes do País e o reconhecimento dos titulos de professor", alta e nobre campanha de Brasilidade, que tive a honra de agitar, em tése oficial, no 1º. Congresso de Educação, realizado em Curitiba, dezembro de 1927, e que logrou ali exraordinaria aclamação da memoravel e douta Assembléia de tecnicos, abrindo o caminho para o reconhecimento dos diplomas profissionaes, que já vem sendo adotado em varios Estados Brasileiros e, em breve, ao que me parece, será canon essencial da organização pedagogica do Brasil, por virtude da lei, ora em elaboração, no Ministerio de Educação.

Finalmente, ainda nos déstes o "Cruzeiro", (1943), uma serie de lições concernentes ao novo sistema monetario nacional, em torno e como aplica-

ção, para uso das escolas primarias, do decreto-lei federal nº. 4.791 de 5 de outubro 1942.

Quanto ao valor mental desses trabalhos e á sua utilidade, que o digam quantos se manifestaram espontaneamente pela imprensa e por mensagens, exaltando-vos a laboriosidade e o grande interesse pelas coisas do espirito.

III — Sr. Antonio Fagundes:

Deveis ocupar a cadeira de Joaquim Fagundes que vós mesmo creastes, na organização da Academia, e vinheis ocupando, a titulo provisorio, porque, só agora, que perfilastes o vosso patrono, tomais a posse real e solene dessa poltrona academica.

Melhor, muito melhor do que eu, conheceis bem o vosso titular, porque já sobre ele dissestes tudo quanto foi possivel coletar acerca da sua personalidade, mal esboçada apenas no cenario das letras e das lutas sociaes e, logo, arrebatada pela morte, nos albores da virilidade.

Era ainda um adolescente Joaquim Fagundes, cuja memoria aqui reverenciamos, por termo-lo elevado aos altares da nossa veneração academica, quando lhe foi dado aparecer e tomar posto de combate, nas campanhas que se verificaram, no 3º. quartel do seculo passado.

A campanha "episcopo-maçonica", tal como a apelida o doutissimo Basilio de Magalhães, "Estudos de Historia do Brasil", pags. 89 a 162, irradiou tambem pela nossa pacata Provincia e agitou o "meio" intelectual da época, na defêsa ou na apología das duas correntes que se degladiavam.

Pouco ou quase nada sabemos do que foi, na substancia, a celebre campanha de 1873 a 1875, onde se debateram, de um lado, os principios religiosos consubstanciados no celebre enciclica "Sylabus", de Pio IX, e pelos quaes se batiam os bispos de Olinda e Belém, ou sejam D. Vital Maria de Pernambuco e D. Antonio de Macêdo Costa, e do outro lado, o regalismo do Imperador Pedro II, a ordem maçonica e os liberaes do pensamento de então.

Atingidos pela interdição lançada pelo Diocesano Olindense, varios dos nossos sacerdotes, que pertenciam á instituição maçonica, entre estes se achava o Padre Bartolomeu da Rocha Fagundes, a quem estava ligado o vosso patrono, por laços indestrutiveis de veneração e de lealdade, ele se pôs em campo, para amparar a causa que lhe pareceu mais consentanea com os seus sentimentos e com as inspirações do seu carater.

Fundou e redigiu "A Luz", orgão exclusivamente dedicada á causa maçonica, que sustentou intemeratamente até o seu epílogo, quando o "mandado" da Santa Sé, recebido pelos Bispos anistiados, sob a proteção da espada do Grande Marechal Caxias, ainda Marquês desse nome e chefe do Gabinete conservador de 25 de junho de 1875, o qual continha a "ordem formal e urgente" do Papa Pio IX, constante do telegrama de 5 de outubro desse ano, levantou os "interditos" lançados sobre as confrarías e religiosos e "foi prontamente cumprido".

> "O regalismo, conclúe Basilio de Magalhães, ainda mais que a Maçonaria, entoou, por todos os meios possiveis, entusiasticos hinos de triunfos".

Joaquim Fagundes ainda viu raiar esse dia faustoso em que era restaurado o *statu quo ante,* pela qual combatêra, ardorosamente, tendo vindo a falecer, dois anos depois, apenas com 20 anos e meses de idade, justamente quando se lhe abriam de par em par, as portas da vida publica, tão almejada nos seus arroubos de mocidade e nos seus anseios de cultura e de vitorias sociaes e democraticas.

IV — Sr. Presidente:
Srs. Academicos:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:
E' do estilo academico traser á plenitude des-

sa tertulia os traços biograficos e os serviços que possúe o recipiendario desta noite radiosa.

Não é, porém, a desconfiança de que o não conheçais de perto, nem lhe desestimeis os prestimos sociaes e os trabalhos publicos, que constitúem a razão de ser da explanação. E' um canon ritual das festas academicas.

Mas, tão somente, para fixar melhor as linhas geraes da organização, é que me cumpre esboçar-lhe as linhas particulares da personalidade ou a enumeração dos seus percalços funcionaes.

Antonio Gomes da Rocha Fagundes Neto, filho de Pedro Regalado da Rocha Fagundes, nasceu na "Paul", engenho proximo á Vila Flôr, em Canguaretama, deste Estado, no dia 9 de dezembro de 1896.

Está ligado, por laços de familia, tanto consanguínea como afim, aos pro-homens daquele longinquo burgo que teve nome em homenagem ao fidalgo Conde Antonio de Souza Manuel de Menezes, então capitão general de Pernambuco, nas éras de 1762, quando foi do vilamento das antigos aldeias de indios, por força dos decretos pombalinos de 1759.

Creado no ambiente rural, ali aprendeu as primeiras noções, no regaço de sua genitora D. Leonor Miquelina da Rocha Fagundes, cuja velhice ele tem sabído amparar, daí veio em 1903, para esta cidade, onde ingressou, nos começos de 1904, no novo educandario "Colegio Santo Antonio", sito á rua hoje restaurada desse nome, sob a direção dos padres João Irineu Jofili, agora arcebispo resignatario de Alagôas, e João Batista Milanês, desaparecido, ha alguns anos, com a dignidade de Monsenhor, deixando uma grande saudade e um imenso vácuo entre os educadores do Nordeste.

Até 1907, ali seguiu as aulas colegiaes, passando-se para o Ateneu em 1908, afim de realizar o curso de madurêsa, então, em pleno eflorescencia.

Conviveu nesse periodo com os espiritos mais cintilantes da sua geração, atuou entre eles e chegou até o 4º. ano, em 1911, quando, em virtude da

Reforma Rivadavia Correia, transferiu-se para o Curso Geral do Ateneu, especie de "curso livre de preparatorios", a que ficou reduzido o belo movimento educacional, que a anterior reforma de Benjamin Constante havia creado em todo o país, desde 1892.

Decepcionado com a nova situação do Ateneu, ele se interessou (1912 a 1915) pelos cursos profissionaes, tendo ingressado na Escola Normal, que eu dirigia, e na Escola de Artifices, sob as vistas do saudoso companheiro, Sebastião Fernandes.

E de ambas obteve o "diploma profissional" de professor-primario e de alfaiate, por se haver distinguido sempre nos estudos pedagogicos e nos exercicios da arte da elegancia masculina. (1915).

Entre um e outro, seu coração balançou e, orientando-se mais pelos pendores intelectuaes, que pelas maravilhas da manualidade, tentou a carreira do magisterio, em que tem vivido ininterruptamente.

Sei bem que da sua turma de normalistas, iniciada em 1912, apenas ele e sua companheira, D. Maria da Penha Mendonça, receberam das minhas mãos, em novembro de 1915, o suspirado diploma pedagogico, que lhes outorguei, como premio á sua pertinácia e ao êxito dos seus esforços, nos quatro longos anos de tirocinio escolar.

Professor e diretor do Grupo Escolar da minha terra natal, no Assú, de 1916 a 1922, transferido, por concurso, em que fui examinador, em 1923, para o Grupo Escolar "Frei Miguelinho", desta capital, passou, em 1924, já sob a minha gestão no ensino publico, para o grupo escolar modelo "Augusto Severo", até 1926, aonde o foi buscar a minha confiança para entregar-lhe a direção da Escola Normal de Mossoró, em substituição a Aprigio Camara, que se exonerára, a pedido. Ali, foi notavel a sua atuação pacificadora, por isso que o meio escolar mossoroense fôra sempre agitado por paixões, que nem sempre visavam o proveito do ensino e da coletividade.

Conseguiu-o ele, em verdade, e a Escola Normal primaria voltou ao seu alevantado papel de coor-

denadora do magisterio, na zona ocidental do Estado, vês que eu ainda o investí no espinhoso mister de inspetor tecnico, para que melhor se estalonassem as normas fundamentaes do nosso aparelhamento pedagogico, naquela zona.

Dali, veio ele, para a da Capital, após a revolução de outubro de 1930, por conselho meu ao seu colega e meu irmão, Luiz Antonio, que assumíra as rédeas do ensino publico, com o advento da arrancada outubrista.

Mantendo-se nesse posto, com aplausos de todos nós, que o ajudámos e com ele colaborávamos de bôa mente, até 1933, deixou-o, por interesse proprio, passando, em seguida a reger a cadeira de português, para onde fôra provido lente efetivo, e tornando a dirigir o estabelecimento, de abril de 1936 a igual mês de 1938, quando o governo Rafael Fernandes houve por bem confiar-lhe a superintendencia da Educação, função que desempenhou satisfatoriamente, impulsionando todos os sectores do ensino, na medida das possibilidades do Erario Publico, até os primeiros dias do mês de julho p. passado. Hoje, ele rege uma cadeira no Colegio Estadual, ex-Ateneu.

Si na vida publica, Antonio Fagundes tem procurado a linha reta da conduta e do merito, na vida privada ele é um modelo de dedicação e de honestidade.

A' sua dileta Consorte, e sua prima, D. Maria de Almeida Fagundes, a vigilante companheira da bôa e da má fortuna, e a seus velhos paes, dispensa ele, a mancheias, os beneficios de uma assistencia desvelada e exemplar, assumindo, a seu grado, todos os encargos dessa subsistencia, bem como a de parentes que ele adotou, (eis que a Providencia não lhe deu prole) com o fruto exclusivo de seu trabalho.

Nas relações sociaes, ele desfruta de largo aprêço em razão da sua vida modesta, porém, altamente digna, em que se lhe não aponta uma eiva sequer.

V — Meus senhores: Este é o novo academico, hoje recebido festivamente nesta casa, para represen-

tar, com toda a galhardia do seu talento e das suas virtudes, a falange dos educadores conterraneos, especialisadamente, a nobre classe do professor primario, de que tem sido, antes de tudo e sobre tudo, um nobre e bem acabado padrão.

ARTES E LETRAS

AD LUCEM VERSUS

O Sentido dum lema

MONS. JOSÉ ADELINO

A Academia Norte Riograndense de Letras surgiu predestinada á vitoria, porque seu proprio lema lhe norteia uma ânsia de luz. Indica-o, de fato, o conjunto singelo de três nomes latinos, que a mente humanista do saudoso Côn. Monte riscou, para supremo estímulo dos idealistas do Belo e da Verdade, estupendo de nóvidade, de riqueza e de expressão: **AD LUCEM VERSUS**.

A Lingua Latina se reveste da mais alta força de síntese. Eterniza a indole pratica dum povo belicioso, que agia muito falando pouco e que julgava inutil o pensamento que não se incarnava na realidade. A civilização Romana, diz um erudito comentarista, moldou-se em nobreza e elevação ao sopro duma lingua e duma literatura, em que o ideal beletrista se conjugava á forma humanistica, num esforço unico de perfeição e beleza.

Esse consorcio nobre entre a Filosofia do Pensar e da Retorica legou-nos vastos repositorios de ciencia e sabedoria. No Latim, se fundiram, em sintese admiravel, através de muitos séculos, as esperanças idealisticas e as energias de um povo, que plantou, na sua cultura, a fecundidade de seu espirito, para a maturescencia dos mais sadios principios de fé e de ciencia.

As piramides do Egito, que assombram o curioso viajante, testemunham a historia de um povo que cimentou aquelas pedras e aquelas rochas com o suor de seu rosto e com as energias de sua alma. A lingua Latina, mais que esses monumentos egipcios, se alteia deante de nós, como testemunho historico dos povos do Lacio, que cimentaram na rocha granitica do Latinismo as leis eternas da ciencia do Humanismo.

Cada palavra latina, conclui o aludido comentarista,

é um documento cientifico, no qual se plasmou a alma romana, aos córtes do cinzel da Logica e ao sopro das melodicas eufonias da Poesia.

Assim sendo, não é de admirar que o inquieto Filinto Elisio bradasse aos mestres de seu tempo: — **Abre-se a antiga veneranda fonte dos genuinos classicos, e soltem-se as correntes da antiga sã linguagem, rompam-se as minas gregas e latinas.**

Nenhuma outra lingua se adapta tão bem a condensar o pensamento humano. Pode perder em extensão, mas ganha em profundidade, tornando-se assim a lingua ideal dos lemas, das maximas e das sentenças.

Num trecho classico latino, não é o acervo das palavras que impressiona, mas a saturidade das ideias que nele brincam.

O nosso sempre saudoso Côn. Monte, discipulo digno do mestre, que teve, o não menos saudoso Côn. Estevão Dantas, e que fez, como nenhum outro, entre nós, profundas incursões nos dominios do idioma virgiliano, revelou-se de uma intuição finissima, quando, a pedido de amigos, compôs o lema de nossa Academia de Letras. Quanta beleza flui na elasticidade destas tres palavrinhas latinas : **AD LUCEM VERSUS !**

Que significam estas palavras?

Ha um lustro, mais ou menos, um ilustrado sacerdote conterrâneo em artigo publicado em nossa imprensa, deu a esse nosso lema academico esta tradução: **Voltado para a luz.**

Jamais concordei com essa tradução e continúo a pedir licença para discordar.

Entendo que **Voltado para a luz**, não exprime, jamais, o sentido profundo, que lhe quís dar o Côn. Monte.

Tento fundamentar meu ponto de vista numa razão gamatical, numa exigencia de sentido e numa circunstancia casual.

Numa razão gramatical:

A palavra **versus**, que fecha o lema, não é a meu ver o participio passado do verbo **Vertere.** Parece tratar-se sim-

plêsmente da preposição **versus**, tão empregada nas frases que indicam direção, rumo. Rege o caso acusativo.

Numa exigencia de sentido:

A expressão **Voltado para a luz, judicio meo,** não traduziria, com fidelidade o sentido altissimo de uma oficina academica. Além disso, não a julgo digna do querido autor. Concorre comigo, mais ainda, a natureza da palavrinha latina. **Versus** é uma preposição caracteristica de movimento. E movimento é vida. **Vita in motu!** E foi justamente isso que o Côn Monte teve em mente, quando riscou esse lema. Quís dár á Academia Norte Riograndense de Letras uma norma, um principio orientador de vida, de beleza e de ideal. A divisa **Voltado para a luz** não alcançaria tanto. Pobre de luz, muito palida, indicaria apenas estabilidade e contemplação. Faltar-lhe-ia estímulo e ação. As pedras tambem se voltam para a luz...

A nós, que temos aspirações mais altas, urge subir além. Queremos ir á luz, buscá-la e possuí-la. Isso é que é esforço e idealismo, e é isso que **AD LUCEM VERBUS** exprime realmente.

Enfim, fundamento meu asserto num fato acidental :

Lembro-me bem dum artigo de fundo cientifico, que o Côn. Monte publicou, muito antes de sua morte, sob o título **AD UNUM VERSUS.** Notemos-lhes a semelhança com o nosso lema. Parece-me vê-lo ainda, com o jornal à mão, certa tarde, num dos corredores do Seminario, a perguntar-me que tradução daria áquele título. Respondí-lhe que me agradaria esta: **Buscando a unidade.** Não traio a virtude da modestia dizendo que essa tradução correspondia plenamente ao sentido, que êle tinha em mente.

O belissimo lema da Academia Norte Riograndense de Letras é estupendo de Humanismo, desse Humanismo que acorda os écos dos séculos e chega até nós, como diria Augé de Lassus; desse Humanismo, que mergulha nas fontes puras e imortais das linguas classicas e se perde nas camadas irradiantes de uma luz que nunca se extingue, que nunca se apaga, que é a luz do Espírito.

AD LUCEM VERSUUS! Buscando a luz!

Eis o lema que norteia o nosso trabalho academico.

Buscamos essa luz, porque cremos nela. Cremos nela, porque cremos numa outra, que sobrepaira soberana muito acima das contingencias terrenas. Cremos realmente numa Luz increada, que nos manda sua saudação das paragens eternas, enche o Universo e ilumina a todo homem que vem a este mundo.

TON NOM

Soneto de ANTONIO SOARES

Versão do Prof. HENRI DE LANTEUIL, ilustre membro correspondente de Academia Fluminense de Letras.

Sur des terres sans fin j'ai marché nuit et jour,
Cherchant à effacer ton nom de ma mémoire,
Et je crus t'oublier a chaque carrefour,
Redoublant mes efforts, visant une victoire.

Vouloir taire ton nom... tentative sans gloire,
Si tout, autour de moi, le dit á tout moment:
Dans le remure des flots, de l'onde transitoire,
Comme dans l'ouragan au rude ululement...

Son murmure passait sur la feuille dorée,
Dans la voix des oiseaux, dans la plainte du vent,
En de flévreux échos, en secret bien souvent.

Quinconque a traversé le chemin de l'amour,
Jamais n'effacera de l'esprit, un seul jour,
Le nom, doux entre tous, de la femme adorée.

A cidade do Senhor [*]

PAULO VIVEIROS

Há pouco mais de quarenta e oito horas, um cerimonial romano anunciará, ao mundo cristão, o advento de um ano de graças, resplandescente de vida espiritual e eterna.

O Pontifice da cristandade abrirá, na liturgia de sua Igreja, a Porta Santa por onde, em espirito, deverão passar os que possuam a alma limpa ou os que se façam, pelo arrependimento, merecedores das graças celestes.

E, naquela oportunidade, todas as capelinhas humildes do mundo cristão, como as basílicas maiores da terra, farão ressoar os seus campanarios, anunciando, com a alegria envolvente de um bimbalhar de sons, o reino da verdade e a data do Senhor.

E' a poesia dos sinos, na alegria da inocencia, reino dos sonhos para os que têm fé, ao sublimarem o pensamento na eternidade e para outros que, apenas, possuem coração, a lembrança da felicidade, vivida ou ansiosamente esperada.

E' a oferenda do Natal, ano a ano repetida, em todos os lugares da terra onde reine a liberdade ou impere a tirania, mas onde exista sempre um coração materno, a rezar pela felicidade dos filhos maiores ou a deitar, nas horas da missa da meia-noite, a lembrança meiga de Papai-Noel, como, si tudo aquilo, no refugio da humildade de um lar

---

(*) Na reunião em que a Academia Norte Riograndense de Letras solenizou, a 22 de dezembro de 1949, o transcurso do 350 aniversario da fundação da cidade do Natal, o seu presidente, Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros pronunciou a saudação que adeante vai transcrita.

cristão, reproduzisse, na inconsciencia magnifica dos séculos, o côro privilegiado dos Profetas:

"Mais flôres no chão de Belém!
Mais astros no céu em fulgar !
E nos côros da altura,
Estrelados, além,
Jubilosos, além,
Tôdo o mundo rezando,
Em unção,
Honorifica o Senhor!

O conjunto de toda essa poesia magica, desse misticismo de fé e de liturgia sagrada, não é mais do que um desfile em continencia ou uma parada no tempo em que nós homens nos exalçamos, de pensamento para o alto, segregando de nós proprios as miserias e paixões temporais e limpando o espirito, em busca da perfeição que é Deus.

E' o sursum magnifico da criatura, na visão panoramica da eternidade que é o Creador.

Há mil novecentos e quarenta e nove anos que a humanidade vive ás vesperas do dia de hoje, na exaltação do Natal do Senhor.

Não tem parado nunca; não tem cansado nunca, em acender, no presépio, a vela da fé e do reconhecimento

Os dias deste ano que precedem ao do advento, são os mesmos na intenção e no simbolismo cristão, dos de milhares de anos que a historia já registou.

Se foi possivel variar o simbolo, modificar a forma ou alterar a cerimonia, a intenção, esta porém, permanece igual, una e indestrutivel, porque emana da fé e tem raizes no amor.

Por ela, em 1599, no dia do nascimento do Senhor, em que a Igreja outro Ano Santo celebrava, o décimo terceiro, desde que o Papa Bonifacio proclamou o primeiro, em 1300, a fé brangantina de Jeronimo de Albuquerque, depois da escalada nas águas do Rio Grande, o Forte atrás, e num ponto alto do seio do angulo formado pelo rio e pelo mar,

lançou o sitio, delimitou os marcos e fundou a Cidade do Natal.

Somos, deste modo, na extenção territorial brasileira e na oferenda de nossa primeira geração, a Cidade do Senhor.

Desde então e já decorridos trezentos e cincoenta anos, sob o simbolo do poder divino que a capela de Nossa Senhora traduziu e debaixo da autoridade temporal, vive a Cidade magnifica cuja historia tem para nós um encanto especial e o dôce enternecimento de uma "berceuse".

Na extensão destes três e meio séculos de vida, existe, para nós natalenses, um patrimonio, um reflexo do poder da vontade creadora, uma lição, um exemplo e uma tradição.

Recolhemos tudo isto, na data de hoje, ao embalo das festas com que a nossa geração assinalará o auspicio do primitivo acontecimento e na saudação afetuosa aos pagos provincianos.

A terra deve ser a mesma, na visão dos seus caracteres indeléveis, entre o rio e o mar e as colinas que fecham, na abertura do angulo, a saliencia do conjunto de sua planicie.

Não assim o casario e os homens, lentamente, vagarosamente, substituidos na sequencia secular do tempo que nos separa do ato primitivo de nossa fundação.

E' o caldeamento da raça e o aprimoramento da cultura que Bastide definia "conservadora e criadora de valores, esforço de inteligencia e vontade para dominar e dirigir a vida material, a tecnica e economia e elevar-se aos deuses, isto é, até os valores impessoais e eternos que se encontram acima dos homens e podem vir a uni-los, um dia".

Este esfôrço continuado dos nossos antepassados vale a nós hoje como a representação viva do nosso valôr cultural que, nesta oportunidade, lembramos e veneramos, á sombra de um passado que não nos desmerece.

E' a historia da nossa resistencia épica ao invasor holandês, o sacrificio dos que se imolaram por um ideal nobre e superior, a tradição cristã da nossa familia, a moral enrigecida de homens venerados no lar e na sociedade, a atuação dos que nos governaram e, em particular, os frutos dos

que, nas mais variadas atividades, emprestaram á vida intelectual natalense, o melhor de suas energias.

Tudo isto representa o passado que hoje evocamos, sob comovida reverencia, neste presente em que tudo se apresenta por um esforço cada vez maior, a servir a cidade, nos seus dias febricitantes, ela que é a primeira no Brasil, de peito aberto, a resguardar todo o passado que a nação venera e a defender a liberdade e os crivos das nossas instituições democraticas.

No pensamento deste cerimonial com que hoje homenageamos a cidade, ás vesperas do transcurso do seu trezentos e cincoenta aniversario de fundação, Natal continúa a ser para nós os Invalidos de París sem que possua o túmulo de José, rei de Nápoles e irmão de Napoleão; e o de Vauban onde repousa o seu coração; o de Foch, marechal de França e o de Duroc, e o de Bertrand, marechal do Palacio de Santa Helena; sem o tumulo que contenha o coração da Latour, o primeiro granadeiro da República, o de Turrene e o de Napoleão.

Porém, que, no coração da terra, envolve os corpos de gerações que nos legaram, com sacrificio, este patrimonio, por nós hoje desfrutado, de uma vida promissora e feliz.

E na historia do nosso passado, um exemplo que não nos envergonha e nem nos humilha, ela que foi a oferta da fé portuguesa á Estrela nascida em Belém.

Cidade das dunas e de praias alvacentas, de barcos de longes mares, voando nas velas que a poesia de Itajubá imortalizou; cidade dos tresmalhos e de pescadores, das planicies e dos taboleiros, de gente bôa e accessivel; cidade presépe em cujo portico os seus filhos diletos deveriam gravar a frase famosa de Napoleão "desejo que as minhas cinzas repousem á margem do Sena, no meio deste povo francês que eu tanto amei".

Nós te saudamos, reverentes, e exalçamos a tua gloria, para que vivas eternamente, sonhadora e feliz.

O cantico daquela que espera...

(SOB TEMA)

PALMYRA WANDERLEY

Resisti tanto tempo ao teu chamado,
Sem saber de onde vinha a tua voz...

Olhei o céu azul, era tôdo estrelado !
Tudo em volta de mim parecia florir!
A terra era mais verde em seus encantos!
E eu deixei tudo para te seguir,
Sem escutar as vozes de outros cantos.

E me vesti da alvura da pureza
E a bôca virgem perfumei cantando,
Com o hálito da flôr da Primavera...
Os lirios me esprestaram a singeleza
E eu me puz, a sonhar, a tua espera,

Despedi os vassalos de rainha,
Tirei as joias, me despi de arminhos...
Desapertei nos braços as pulseiras,
Para joga-los livres nos caminhos.

Deixei cair os pentes dos cabelos,
Para enfeitar de aljofares os ninhos.
No bailado dos dias mais risonhos,
Dansei todos os ritmos das horas...
Enchi meu coração de dôces vinhos,
Do polem das promessas e dos sonhos,
No cristal côr de rosa das auroras.

Na fonte de agua branda não bulida,
Purifiquei, de aromas, os meus pés...
Trepei nos troncos altos como a héra,
Para dizer aos passáros quem és.
Cantava pelos ramos a minha alma
E eu fiquei, outra vez, a tua espera.

.. ..

Até que vens, na sombra vagarosa,
No perfume das plantas aprazíveis,
Na incensação dos vales aromáticos,
No mistério das coisas intangiveis.

De longe, ainda, em meu olhar te enlaço,
No som das moitas, que nas aguas sôa,
Na voz das aves, que eu reter quizera...
Até que vás na brisa, que se escoa
E eu me fico, outra vez, tateando no espaço
E eu me fico, outra vez, na prolongada espera.

RUI BARBOSA
e a necessidade do culto civico

FLORIANO CAVALCANTI

(Conferencia proferida a 5 de novembro de 1949, na Academia de Letras).

IMPORTANCIA SOCIO-POLITICA DO CULTO DOS HEROIS

O culto dos herois é um poderoso fator de evolução social e política. Ao seu influxo é que os grupos de população dispersos se reuniram e medraram, formando cidades e consolidando Estados. Foi, no princípio, processo inconsciente de agregação, que assegurou a coexistência dos povos, e é agora processo consciente de coesão, que mantém a unidade das nações. Atuou primeiro como seleção de ordem instintiva, impressionando apenas os sentidos, com a adoração da fôrça física, personificada no guerreiro. Ser forte ou valente constituia a virtude. Foi o ciclo bárbaro da divinização do heroi-conquistador ou epónimo, de que as mitologias e lendas são flagrantes atestados. Depois, modificado o caráter primitivo, o culto espiritualizou-se, transformando-se na mística patriótica que hipertrofiaria o estado, acelerando o ritmo da marcha humana. E' o ciclo civilizado da intelectualização do heroi-estadista.

Verdadeiro meio de adaptação sociologica, o culto heroico é a condição mesma da união e desenvolvimento dos povos. E também de sua continuidade histórica, porque sem êle grande parte do passado ter-se-ia perdido, pouco se sabendo das civilizações que antecederam ás atuais. Foi o culto que as salvou do esquecimento, perpetuando-as nos nomes dos seus guerreiros e conquistadores, profetas e fundadores de religiões, poetas e legisladores, reconstituindo um pretérito movimentado e brilhante. Bem haja, uma instituição, que se revela tão fecunda! Que conglomerando tribos grosseiras em derredor do chefe mais

audaz ou astucioso, fez dêle um semi-deus, instituindo a realeza divina; que reajustando *élites* em tôrno de valores morais, estabeleceu a democracia representativa. Aliás, dessa eficiência do culto heroico se persuadiram desde cêdo os povos que conseguiram vencer na luta pela existência. Para incender o sentimento nacional na alma das multidões, erguiam altares ou erigiam estátuas aos mais hábeis condutores do seu progresso. E se alguns vieram a decair, foi certamente por se ter extinguido o flúido maravilhoso que mantinha a sua juntura molecular. A apatia prostrou-os. E' que o entusiasmo cívico sendo a energia propulsôra dos superorganismos, ái da Nação que o deixe arrefecer, relegando-o a plano inferior! Privada da centelha galvanizadora de sua motricidade, entra logo em decadência. Os laços da concentração nodular se afrouxam, e a fôrça centrífuga, sem mais a resistência constritora da atração centrípeta, produz a fragmentação do Todo, acarretando, como consequencia, a anarquia e seu cortejo de misérias, até a servidão ou aniquilamento. E' a lei do retôrno, a volta ao grupo tribal.

Evidencia-se, dessa maneira, a influência do culto dos herois na organização e independência dos povos. Pondo-o em relêvo, visamos despertar as energias da raça no sentido do engrandecimento nacional. Além do mais, o conhecimento das vidas dos varões ilustres, pelos exemplos que elas ministram, servirá de educação e estímulo ás gerações novas, alimentando nos seus corações o fogo sagrado, que presservará da ruina e da morte.

NECESSIDADE DE REVIGORAMENTO DA FE' RELIGIOSA E DE ORGANIZAÇÃO OFICIAL DO CULTO CÍVICO

Nunca, para nós, o culto dos grandes homens se impôs mais necessário. E' que estamos vivendo uma fase crítica de nossa história, atravessando um dêsses momentos penumbrosos, em que o espírito,

abalado pelas doutrinas dissolventes, duvída e desespera, e a pobre criatura, sem mais o freio da crença que a continha, corre ás cegas para o abismo, que a fascina e arrasta. Nessa conjuntura terrível, que o materialismo espreita para dar vasão aos instintos adormecidos, é que se faz mistér o aparecimento do guia, que reconduza o povo ao caminho de seu destino, a presença do varão virtuoso, que restabeleça a pureza dos costumes, a vôz do doutrinador sincero, que ensine o exato sentido da evolução e incuta a consciência do dever. Porque não é impunemente que se contraría a natureza! O homem sendo um ente religioso, como destituí-lo dêsse atributo, que o distancía dos animais e o aproxima da divindade? O resultado é a derrocada dos sentimentos nobres adquiridos através da mais penosa sublimação, o recúo do altruismo para o egoismo, a crise psicológica, com a ambição sem limites de uns, e indiferentismo de outros, a desordem, e, finalmente, o cáos. Como evitar o despenhadeiro? Extirpando o mal pela remoção das causas, ou modificando o ambiente pela reeducação moral! Por outros termos, a solução consiste no incremento da fé religiosa e na oficialização do culto cívico. Adorar a Deus e honrar os grandes homens: eis a fórmula !

Efetivamenete, já é tempo do Estado cuidar de um culto, no qual assenta o complexo da idéia de pátria, montando a sua aparatosa mística. Não basta nacionalizar. Há também que organizar, porque imprescindiveis o ritual e o calendário civico. Neste inscrever-se-iam os nomes dos excelsos obreiros de nossa grandeza, distinguindo-se, com homenágens especiais, devidamente estatuidas naquele, os mais beneméritos, que teriam um septenário de festas públicas. Assim: José Bonifácio, Caxias e Rui Barbosa formariam a tríade principal. O patriarca da independência, como heroi do primeiro Império, representaria o estadista-patriota, simbolo da liberdade; o pacificador da Nação, como heroi do segundo Império, encarnaria o estadista-soldado, emblema de sua

classe; e o organizador da República, como herói do novo regime, simbolizaria o estadista-civil, padrão da justiça.

O GENIO BRASILEIRO

O dia 5 de novembro de 1849 é data nacional Assinala o nascimento do sumo estadista brasileiro, do homem que foi um dos mais pujantes engenhos do mundo e a maior reserva moral da sua raça. Justas são as homenágens que ora se lhe tributam extraordináriamente, por motivo do centenário do seu advento, e as que se venham depois a prestar ordináriamente, em virtude do culto cívico oficializado, porque ninguem melhor do que êle encarna êste País maravilhoso, com o qual se assemelha, e ninguem mais do que êle se esforçou por enobrecê-lo. De feito, Rui Barbosa era uma fôrça da natureza, enorme como as montanhas e portentoso como os elementos, espécie de personágem cíclica do passado, daquelas que se afiguram representativas de épocas ou etapas da civilização. Tão imenso era! Foi o nosso genio, a cabeça prodigiosa que retinha todos os conhecimentos acumulados pelos séculos, e numa altura em que isso pareceria impossivel, dada a complexidade cultural atingida.

Que vem a ser o gênio? Enviado da Providência, dizem uns; produto do tempo, replicam outros; resultado de uma neurose, afirmam terceiros. Não se procure, porém, a explicação etiológica do fenômeno. A verdade é que tivemos um, e não era psicopata ou epilético. Aliás, nada mais extravagante do que identificar a genialidade com a loucura. Qual a insanidade de um Aristóteles e quem dotado de mais bom senso do que Kant? Por existirem gênios alienados, não se pode generalizar que todos o sejam, o que seria levar longe a dedução, abusando da lógica e da realidade, nem tão pouco inferir que a superioridade mental deles provenha da neurose que os desvaira, vez que a encefalopatia acometendo indistintamente

adeantados e retardados ou seja perspicazes e lerdos, nunca aumentou a constante intelectual dos mesmos. Ademais, durante a doença tanto o gênio como a mediocridade perdem o contrôle racional e nivelam-se na incapacidade de associar idéias e elaborar juizos, salvo nos intervalos lúcidos ou intermitências da obnubilação; mas, recuperada a saúde, voltam ao seu estado anterior — de gênio, se tal, como Augusto Comte, ou de mediocridade, se como na quasi totalidade dos casos. A psicose, portanto, não faz o gênio; apenas degenera o infeliz de quem ela se apodera. São coisas heterogêneas sem relação de dependência. E a anormalidade que se atribui ao gênio não é patológica, e sim porque êle se distancía do tipo comum. Nêsse sentido é que deve ser entendida. Que absurdo considerar desequilibrados Platão e Aristóteles, os grandes astros da antiguidade; Tomás de Aquino e Dante, as mais fortes mentalidades da idade-média; Kant e Goethe, os maiores gênios da época moderna; e Rui Barbosa, a assombrosa cerebração da fase contemporânea! Mais lisongeiro fôra tê-los na conta de predestinados, como pretendia Carlyle, no exercicio de providencial mandato. A' luz dêsse conceito suporse-ia que o nosso prohomem recebera a delegação geral de combater a tirania e a injustiça, e o encargo especial de reestruturar a pátria e zelar pelo decôro de suas instituições.

ASSOCIAÇÃO HARMONICA DA INTELIGENCIA E DO CARATER

Magníficamente prendado e admirávelmente apercebido, Rui Barbosa tinha, por certo, grandiosa missão a cumprir. Aliando ao vasto saber o dom da palavra falada e escrita, não poderia ficar á margem dos acontecimentos, que fatalmente o envolveriam, conduzindo-o a um posto de comando. E foi o que aconteceu, ingressando na politica pela porta principal do jornalismo partidário. Orador grandíloco e escritor fluente, a tribuna e a imprensa seriam os

instrumentos de sua glória. E armado dessas duas alavancas, o egrégio brasileiro empreendeu a marcha triunfal que o levaria á imortalidade. Vidente, a sua inteligência luminosa penetrava o espaço numa visão intuitiva do futuro, cujas imagens convertidas em idéias, e adequadas ao presente, introduzia na corrente circulatória da evolução. Cultura enciclopédica e especializada no direito e na politica, qual o estadista capaz de competir com êle no trato das questões que interessam á vida de u'a nação ou sociedade? Era o gênio aprimorado pelo estudo. Que jornalista mais plástico, vigoroso e cintilante? E com quem compará-lo na tribuna? Nem a Demóstenes, nem a Cícero, os clássicos da oratória, porque se tocados da genialidade, careciam, todavia, dos recursos de que êle dispunha; mesmo a um faltava a corágem e ao outro a integridade, quando, no entanto, êsses predicados constituiam o seu brazão de honra. Ser gênio é muito, mas não oblitera manchas, pois que a moral está na base de tudo. Nela, na fôrça do seu princípio, é que reside o mistério da catalização que impele a humanidade para o seu destino. E Rui era, sobretudo, um digno. Como associação perfeita da inteligência e do caráter, êle estava só. Tinha não apenas a autoridade do talento e da sabedoria, como a que decorre da virtude. Não contemporizava com o êrro. Para proclamar a verdade e defender os oprimidos, não se temia de incorrer no desagrado dos potentados. Jamais emudecia ou ficava indiferente face ao "espetáculo ímpio do mal tripudiante ante os revezes do bem". Intervinha, então, movimentando as baterias da sua formidavel facundia ou acionando o arsenal de sua poderosa arte de escrever. E por vezes tornava-se veemente. O verbo exaltado dardejava raios e a pena irada pulverizava as resistências. Era nêsses instantes que a palavra "se eletrizava, bramia, lampejava, atroava a fulminava", "rechinando, esbraseando, chispando, como o metal candente dos seioss da fornalha".

Foi sempre um enamorado da liberdade e um

apaixonado da justiça. Essas, as extremidades do eixo em redor do qual girou a sua existência, que êle definiu "uma longa reta da justiça á liberdade". E durante a sua peregrinação terrena nunca se desviou dessa órbita, "estremecendo a pátria, vivendo no trabalho e não perdendo o "ideal", como ainda se expressou ao sintetizar o seu *curriculum vitae*. "Viveu do trabalho", disse êle. E, realmente, era incansável, raro se tendo visto tamanha capacidade de resistência. Advogado, jornalista, parlamentar e escritor, o tempo chegava-lhe para tudo. E o que fazia era com esmero. O advogado esgotava a matéria em suas razões. O parlamentar tratava com proficiencia os problemas politicos e sociais. O jornalista orientava com segurança a opinião pública, denunciando o êrro e estigmatizando o vício. O escritor produzia com apuro artístico as mais formosas páginas da nossa literatura, os trechos maravilhosos que nenhuma antologia estrangeira apresenta iguais. Era o mais profundo sabedor da lingua vernácula, conhecendo-lhe todos os segredos. Poliglota exímio, manejava com singular mestria o inglês, o francês, o castelhano, o italiano e o latim, falando ainda vários outros idiomas. Era humanista, matemático, poeta e músico, tendo até mesmo, na infância, participado de concertos de piano. Mentalidade complexa, fórma alguma por que se exerce a atividade intelectual escapava ao seu domínio.

ALMA HERÓICA DE PELEJADOR

Rui Barbosa! Que homem extraordinário êsse, que era o maior orador e escritor de sua raça o maior advogado, jurista e jurisconsulto de sua pátria, o maior poliglota e filólogo de sua terra, sobrepujando a todos e a tudo. Dir-se-ia o semideus das mitologias, o filósofo de Platão, o varão ilustre de Plutarco, o superhomem de Nietzsche, o homem representativo de Emerson, o heroi de Carlyle, o genio, em suma êsse que encheu mais de cinco décadas dos nossos

fastos! Não houve questão que interessasse á humanidade e à pátria que êle não estivesse à frente. Numerosas as campanhas rehabilitadoras em que se empenhou. No plano internacional: a igualdade das soberanias jurídicas dos estados; e no plano nacional: a abolição da escravidão, a reforma do ensino, a liberdade religiosa, a reforma eleitoral, a federação dos estados, a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e á propriedade, a pureza da língua, a educação das massas, o respeito do voto, a moralidade administrativa, etc. As mais memoráveis no Império foram as da abolição, do ensino e da federação, e dessas apenas logrou vêr vitoriosa, naquela época, a primeira. Proclamada a República, pôde atuar mais eficientemente, sendo mesmo o organizador do regime, o Atlante que por algum tempo a susteve nos ombros.

Com a República abriu-se novo ciclo na vida do gigante. O destino proporcionou ao teorista a oportunidade de pôr em prática as idéias de sua concepção sociológica. Foi o contacto com a realidade. Passára a fase ideológica, analítica e subjetiva. Soára a hora da prova, o momento pragmático, sintético e objetivo da ação, o instante decisivo, porque o trabalho de construção não se compara com o de critica, constituindo mesmo a pedra de toque do gênio, dês que só merece êsse titulo quem reune ás faculdades de análise e de síntese o poder de criação ou realização; do contrário será mero talento — uma inteligência notavel, mas sem originalidade, adstrita ainda ao ciclo da imitação. O génio, por conseguinte, é algo mais. E se Deus dirige teleologicamente os povos, por que não vêr nele um predestinado. Nenhuma dúvida de que é espécime superior, universal, totalitario, que se impõe por suas excepcionais qualidades, tomando sempre a deanteira ou reivindicando a preeminência, onde quer que apareça! Qual, pois, a atitude de Rui Barbosa nessa fase experimental de sua vida? Chamado ao governo na qualidade de membro da Junta Provisória, como se portou o político, que des-

fraldára como bandeira do seu programa a federação, e o escritor que traduzira "O Papa e o Concilio", escrevendo-lhe a famosa "Introdução"?

O ARQUITETO D AREPUBLICA E A SUA OBRA PRIMA

Comprovando o homem superior, que não sómente planeja, mas executa também, Rui corporizou imediatamente, no decreto institucional na Republica, o seu sonho de federalização, declarando autónomos os novos estados, as antigas províncias do Império; e, cincoenta e dois dias depois, efetivou a sua velha aspiração de liberdade religiosa, no decreto de 7 de janeiro de 1890, separando a Igreja do Estado. Detentor das duas pastas mais importantes da administração, era a figura central da nova República, o fóco irradiante dos decretos estruturais do regime. O seu plano financeiro, tão difamado pela maldade, incompreensão ou ignorância, teria certamente operado a conversibilidade, levando o País ao estalão metálico, ao câmbio ao par, se não fôra inconcientemente destruido pela incompetência dos seus sucessores. Aliás, a sua copiosa legislação sôbre economia, finanças e organização bancária, compreendendo as respectivas exposições de motivos e relatórios, fórma um admiravel sistema de ciência aplicada, em que tudo se acha disposto com precisão técnica, e concatenado com rigôr lógico. Mas a obra máxima, característica de sua aptidão criadora e habilidade construtiva foi a Constituição da República. Nela é que o jurista, o pensador e o político se fundiram no estadista, para atestar o gênio. Depôr um govêrno não é façanha prodigiosa, bastando ás vezes a surpreza. Transformar, porém, um país de imensa extensão territorial, monárquico e unitário, numa república democrática e federativa, evitando a separação e os demais perigos inerentes à mudança; assentar a fórma política mais adequada a um povo, conjurando os excessos fanáticos, as influencias jacobinas e os prurídos rea-

cionários; reformar, enfim, a estrutura econômica e social do Estado, assegurando a sua vitalidade e equilíbrio: eis uma emprêsa quasi sobrehumana, porquanto o natural das revoluções é a confusão e a desordem.

Pois bem! Tudo isso Rui Barbosa conseguiu e realizou com a sua "Constituição", êsse grandioso monumento da ciência jurídica, que provia a tôdas as necessidades e prevenia todos os contratempos. Adotando, sob o critério representativo, a república federativa, estabelecia como orgãos da soberania o poder legislativo, o executivo e o judiciário. Mas dando ao Supremo Tribunal a atribuição de seu intérprete derradeiro, firmava, *ipso facto,* a hegemonia do judiciário, que se tornou a fortaleza do regime, protegendo-o contra os despotismos do executivo e as aberrações do legislativo, numa luta vitoriosa do direito contra o arbítrio, de que resultou o clima de confiança à sombra do qual as novas instituições medraram os seus frutos salutares. Foi um trabalho magistral de sistematização de idéias e de adaptação ao meio, no qual se consubstanciaram princípios de direito e preceitos de moral, se integraram conquistas de liberdade e aquisições de igualdade, se ajustaram providências de defesa externa e medidas de segurança interna, a par da delimitação dos poderes, da organização da justiça e proteção dos direitos e garantias do indivíduo, da família e da propriedade. E' tão adeantado era êsse diploma político, que o Brasil foi considerado pioneiro do direito público. Construção verdadeiramente ciclopica, de quem tinha consciência do que fazia, não só por estar preparado para ela, mas, sobretudo, porque era portador do gênio. E dentro do binômio liberdade e justiça, condicionante de sua própria vida, o prohomem instituíu a República e ordenou-a em função do Estado, da sociedade, da família e do homem, concretizando, dêsse modo, o seu idéial filosófico de uma república governada pela lei.

AS TRÊS ETAPAS ESPLEDOROSAS DA VIDA DO GÊNIO

Bastariam essas realizações — a federação, a separação da igreja do estado e a constituição—, levadas a cabo nos quatorze mêses e cinco dias de sua participação, como ministro, no govêrno provisório, para sagrar Rui Barbosa o mais benemérito dos brasileiros. Mas não estava ainda finda a sua missão. Criada e organizada a república,encerrava-se simplesmente uma etapa, para logo começar outra, a terceira na sua gloriosa vida pública. A primeira em que dominou o jornalista, fôra de agitação das idéias, a da luta, que principiou nos bancos acadêmicos e terminou com a quéda da monarquia; a segunda, reveladora do estadista, foi de objetivação das idéias, a da doutrinação do direito e da democracia, que começou com o "Manifesto à Nação", de 1.º de fevereiro de 1892, quando o marechal Floriano Peixoto depôs os governadores dos estados, e se prolongou por tôda sua vida, nela notabilizando-se o advogado e o orador. E se êle foi brilhante na primeira e deslumbrante, na segunda, será, porventura, mais fulgoroso ainda na terceira! Na primeira, a sua campanha no "Diário de Natícias" derrubou o trono; na segunda, com os decretos do govêrno provisório e a constituição, construiu a república; e na terceira consolidou o regime democrático, interpretando a constituição e impondo a moralidade e a justiça.

Essa última fase da vida de Rui Barbosa, tão longa como a primeira, é a da maturidade eficiente. O gênio entrando na plena posse de si mesmo, iria, dar, então, tudo quanto em potencialidade existia no seu espírito. E toda sua energia expandir-se-ia na mais impressionante e fecunda das oposições. E' que a inteligência, iluminada pela ciência e admirada pela meditação, toma proporções inauditas, transcende os limites do espaço e do tempo, supera as dimensões e assombra pela sua imensidade. A palavra, como se provinda do céu, adquire inflexões até antes

desconhecidas, e o predestinado, transfigurado num semideus, passa a exercer o seu ministério. Foi o período magnificenete da grande águia, lutando, numa persistência de trinta anos, sempre com o mesmo denodo e fé, contra todas as fórmas de tirania, até que aos 74 anos de sua idade, naquela noite triste de 1º. de março de 1923, retornou ao Infinito, donde viera.

A MELHOR FÓRMA DE HONRAR O GÊNIO

Não é nosso escopo escrever a biografia de Rui Barbosa, o que exigiria livro volumoso. Cumprimos tão sómente, e do modo que nos é possível, a obrigação que nos foi cometida pela "Academia de Letras", da qual somos o mais obscuro membro, de ser o intérprete nesta homenágem, que, conjuntamente com o "Instituto Histórico", presta á memoria do maior dos brasileiros. Apenas, como nos pareceu que a melhor fórma de honrar o gênio, e demonstrar a nossa gratidão, seria render-lhe, permanentemente, um culto cívico, desenvolvemos esta arenga nêsse propósito, ressaltando a necessidade de uma instituição, que além de exaltar o homem, incentivaria o amor da pátria. Mas, se na verdade, não podemos fazer num simples discurso a biografia do insígne estadista, devemos, todavia, salientar os momentos culminantes que o imortalizaram. Assim, da terceira etapa de sua luminosa trajetoria, que é a republicana, destacaremos, embóra ligeiramente, as cruzadas jurídica e filosófica, civilista e internacionalista.

A CRUZADA JURIDICA

Não fôra debalde que o autor da Constituição se esmerara em dotar a sua pátria de um diploma modelar, inscrevendo nela o capítulo da "Declaração de Direitos". Vendo-os violados pela prepotencia do executivo, a sua conciencia de homem publico não podia assistir, impassivelmente, ao desrespeito da-

quelas garantias que faziam a excelência do regime, e que eram o resultado das conquistas liberais da humanidade. Por isso, quando o absolutismo do chefe do governo reformou, demitiu, prendeu e deportou militares e paisanos, entre os quais generais, senadores, deputados, jornalistas, etc., o intrépido paladino, opondo ao arbítrio da autoridade a majestade da lei, recorreu ao judiciário, assumindo a defesa da Constituição e dos oprimidos. E assim, arvorado em sentinela da lei e patrono de quantos a tirania ditatorial atingia, Rui Barbosa iniciou a série de habeas-corpus restauradores da liberdade e ações reparadoras do patrimônio, que tão profundamente influiram na exegese e conpreensão dêsses institutos, imprimindo novas diretivas á evolução jurídica. Com risco da própria vida comparecia ás sessões do Supremo Tribunal, para sustentar os seus pedidos de hábeas-corpus, verberando no plenário judiciário os desmandos do poder. Não temia a cólera do Cesar, nem o assustava o estado de sítio. E não só pleiteava perante a justiça, como profligava pela imprensa os êrros e abusos do Marechal, oferecendo, dessa fórma, um exemplo edificante de coragem cívica e profissional, digno da imitação dos que se destinam á carreira pública.

Essa peleja a pról da Constituição e dos direitos da liberdade, segurança individual e propriedade, constitucionais do Congresso e do Executivo ante a Justiça Federal", que fixaram a doutrina e firmaram a jurisprudência em tôrno da matéria. Foi a cruzada santa do direito, em que o mestre emérito explicou a índole e a finalidade do instituto do hábeas-corpus, ampliando a sua extensão até compreender, tutelar e garantir todas as liberdades, fazendo dêle o *remedium juris* eficaz contra a violência ou ameaça, seja de que espécie fôr; foi a evangelização juridica, em que o sábio incomparavel colocou nos seus justos termos a medida excepcional do estado de sítio, ensinando que o mes-

mo suspende certas garantias, mas não interrompe a Constituição, e que, portanto, a personalidade individual, compreendendo a conciência, a propriedade e a vida, permanece inviolável; foi o apostolado da justiça, em que o mágno jurisconsulto assentou, definitivamente, a doutrina da competência dos tribunais para examinar a constitucionalidade dos atos legislativos e administrativos e negar-lhes a execução, mantendo contra êles o direito violado.

Tudo isso que naquele tempo era ignorado ou mal conhecido, e que, exposto pela primeira vez, encontrava resistencia no Supremo Tribunal, constitui hoje, graças ás reiteradas lições de Rui, jurisprudência mansa e pacifica, estando até encorporado na sistemática processual.

A CRUZADA FILOLÓGICA

Depois da Constituição, a lei mais importante de um povo é o Código Civil, que, de natureza duradoura, requer, a par do conteúdo jurídico, o aprimoramento artístico. Não é apenas mera estratifcação do direito, mas, também, verdadeira obra prima da língua, com equipolência de fundo e fórma. Ademais, lei vasada em escritura defeituosa, sôbre carecer de imponência, está fadada a uma vida efémera, dado que únicamente sobrevivem as produções em que ao rigor da técnica corresponda a pureza da expressão. Ora, o nosso Código Civil teria sido, sem dúvida, regular na substância, porém desarmônico no estilo e mascavado na linguágem, se não fôra o trabalho ciclópico de Rui Barbosa, que fez dêle a construção granítica que é, capaz de resistir á ação envelhecedora de tempo. Sim, porque não obstante revisto pelo douto professor Carneiro Ribeiro, um dos renomados sabedores do idioma, e já aprovado na Câmara dos Deputados, ainda assim o Projeto do Código sofreu no Senado a mais minuciosa joeira da parte de Rui, que, como presidente e relator da comissão encarregada de estudá-lo, emendou, corrigiu e refundiu

quasi todos os seus artigos, chegando até a substituir vários dêles, num labor exaustivo e conciencioso, de jurista e filólogo, que provocou a mais gigantesca polêmica entre os profissionais de uma e de outra ciência.

Como em defesa da redação do projeto saisse a campo o professor Carneiro Ribeiro com as "Ligeiras Observações", Rui levantou a luva, publicando a célebre "Réplica", que é a catedral da linguística portuguesa, no consenso unânime dos entendidos. E nunca, na verdade, se escreveu livro mais valioso. Jamais filólogo fez profusão de tanto cabedal. Com ser o mais completo repositório da língua, tornou-se a gramática das gramáticas, o tratado seguro, no qual todos vamos aprender. Foi a cruzada filologica, tão profícua e fecunda como a judiciária, em que o inigualável mestre assentou o critério da aferição vernácula nos fatos da linguágem. Em logar do rígido teorismo dos compêndios, a prática constante das bôas leituras, pois que não são as prescrições abstratas que fazem escrever bem, e sim o trato diuturno dos grandes escritores. O gramático deve ser antes de tudo homem de letras, mais versado nos documentos do idioma do que simples manipulador de regras. O ensino, dessarte, virá diretamente das fontes criadoras e não do artificialismo gramatical. Deslocada a supremacia do gramático para o escritor, Rui firmou de uma vez o prestígio da autoridade clássica, como instância final em matéria de linguagem. E que riqueza de conhecimentos, agudeza de argumentação e elevação de estilo! A Réplica é, realmente, "livro-evangelho na filologia; livro-padrão na linguágem; livro de oiro no estilo; e monumento dos monumentos nas letras brasileiras!"

A CRUZADA INTERNACIONAL A PROL DO NIVELAMENTO DAS SOBERANIAS DOS ESTADOS

O advogado que se devotára ao culto sagrado do direito, pelejando heroicameente por tomar triun-

fante, na sua terra, o princípio da liberdade humana, ia ser o denodado cavaleiro andante, que em Haia, como enviado do seu País á Segunda Conferência da Paz, avocaria o patrocínio dos fracos contra os fortes, terçando armas com os poderosos delegados das grandes potências militares, até induzi-los, pela irresistibilidade de sua dialética, ao reconhecimento, na ordem internacional, do princípio de igualdade jurídica das soberanias dos estados. Com efeito, Rui Barbosa foi a voz destemerosa, que se ergueu naquela assembléia de colossos, em defesa do primado do direito sôbre a fôrça, confundindo o orgulho e a vaidade dos que, estribados no poder material, pretendiam o privilégio de decidir os conflitos internacionais. Mas não foi somente nessa questão que êle se distinguiu. Com admirável proficiência jurídica, e raro tino diplomático, tomou parte em todos os trabalhos, debatendo vitoriosamente os variados problemas propostos ao conspícuo plenário, onde quarenta e oito nações se achavam representadas por seus maiores jurisconsultos. Falando numa língua estrangeira, pasmava aos nacionais da mesma, pela facilidade de expressão, opulência vocabular e construção clássica da frase Senhor do assunto fosse qual fosse a tese de direito, discutia tanto sôbre bloqueio, propriedade particular no mar ou contrabando de guerra, como sôbre tribunal de presas e organização e composição da côrte permanente de arbitramento. Ninguém o igualava naquele conclave de sumidades, em que se afirmou pela cultura e triunfou pela inteligencia. E conduziu-se com tanto brilho, que não tardou a ser a mais prestigiosa fôrça do congresso, muito embóra embaixador de uma nação modesta e quasi desconhecida.

E tudo isso redundou em proveito da humanidade e particularmente do Brasil, que além de melhor conhecido lá fóra, obteve a classificação de nona potência internacional. Um homem assim, que sobreexcede os mais preclaros do seu tempo, é um presente divino. Merece amado, e deve ser reverenciado como relíquia da pátria.

CRUZADA CIVILISTA

Rui, o organizador constitucional da República e principal responsável pela conservação de sua inteireza, ante o perigo de uma candidatura presidencial militarista, a cujo titular faltavam as qualidades indispensáveis ao desempenho de tão alta investidura, viu-se na contingência moral de aceitar a sua própria, imposta pela reação civilista, como único modo de evitar o abastardamento do regime. E empreendeu a mais formidavel campanha politica que já houve memória, na disputa do quatriênio de 1910 a 1914. Alma sincera, cria na fôrça dos princípios. E transbordante de fé, êle que já era o protetor da justiça, tornou-se, igualmente, o campeão da democracia, o predicador inspirado, que descendo ao seio das massas, instruia o povo na sua verdadeira função social, por via de discursos e conferências, onde ora discorria sôbre as liberdades politicas e a majestade da justiça, ora pontificava sôbre finanças ou tratava de comércio e navegação, bem como dos demais problemas da ciência administrativa. Fez de São Paulo e de Minas, os dois centros mais populosos do País, o teatro da doutrinação, dedicando á Bahia, a gloriosa terra-berço, a leitura da sua magnífica plataforma.

Êsse contacto direto do pretendente com o eleitorado despertou a conciência cívica brasileira, até antes completamente apática ou alheia na escolha dos chefes do executivo e dos representantes do legislativo. Uma onda de civismo galvanizou o País de norte a sul e de leste a oeste, e viu-se pela primeira vez um espetáculo inédito, o de um candidato de oposição, não apenas desajudado, mas embaraçado por todos os meios de compressão, ganhar as eleições contra o competidor oficial, o homem do govêrno, o tremendo senhor da miraculosa máquina eleitoral. Mas, vergonha das vergonhas! O eleito do povo, o escolhido da nação foi vilmente esbulhado pela insensatez de um Congresso, que antepunha ao bem estar da pátria os interesses mesquinhos de uma politicagem de

clan. O esforço, porém, do superhomem da nacionalidade não se perdeu. Não só operou a renovção dos métodos politicos, como mostrou de quanto é capaz a conciência esclarecida do povo. E por cima de tudo o exemplo de sua bravura!

A HOMENAGEM DA ACADEMIA DE LETRAS A RUI BARBOSA

Comemorando o centenário do nascimento de Rui Barbosa, a Academia Norte-Riograndense de Letras não presta apenas a sua homenágem ao intelectual, mas cumpre também o dever de tributar ao consolidador das nossas liberdades públicas, o seu culto sincero e profunda veneração. Eis o sentido desta festa, que se não é mais esplendente, a culpa cabe aos que designaram tão mínimo mandatario para tamanha emprêsa. Nada obstante, pensamos ter dito o suficiente para justificar a necessidade do culto cívico em derredor do seu nome, como centro da coesão nacional e poderoso meio de dinamização de nossa grandeza e progresso. E com ser assim, estamos convencido de que prestamos ao estadista sem par a melhor homenágem que podíamos, consagrando-o padroeiro da nacionalidade. Essa honra excepcional ninguém mais do que êle a merece, não só por ter sido o maior homem de sua terra como inteligência, cultura, moralidade e caráter, mas mui especialmente porque foi, na verdade, o constrtutor da Republica, o evangelizador da Democracia, o paladino da Justiça, o apóstolo do Direito e o guardião da Lei. Por tudo isso, e pelo mais que êle era ou fez, a pátria, em grande dívida para com êle, está obrigada a testemunhar-lhe, também, a sua gratidão, perpetuando por todos os modos — estátua, culto cívico, festas comemorativas — a sua memória, o que ainda reverterá em seu benefício.

E o gênio, que foi o criador do regime, passará a ser o nume tutelar da Republica, a grande alma da raça, a luz sideral que conduzirá a nação ao seu glorioso destino.

DESTINO

BEZERRA JÚNIOR

Todos têm um motivo de saudade,
Na longa estrada que trilhamos rindo;
Quando a inocencia, na primeira idade,
Nos mostra um Céo primaveril mais lindo.

E' precíso, entretanto,
Que o coração cativo sofra tanto
E mais do que eu sofrí,
Para compreender quanto é preciso
Transformar este inferno em paraíso
E libar o veneno que sorvi.

Na doce quadra dos primeiros dias,
O Destino fechou-me as portas de ouro
Da infância que sedús.
O Céu privou-me do materno seio!
Senti-me então abondonado e triste,
Numa enxerga sem luz !

Entanto, olhando o Céu que me cobría,
Uma esperança ao longe me acenava
E eu ria a soluçar...
— O'! Minha Mãe! — nas vascas do martirio,
Gemia sem cessar — neste abandono,
Eu quero te beijar !...

Não tive uma palavra de confôrto !
Não tive um seio que me désse abrigo,
Nessas horas de dôr !
Apesar de saber que o Céu profundo
Acolhia os meus áis, minha alma errante
Era orfan de amor.

Naquela idade, eu já sentia o travo
Do abissínto cruel que a sorte ingrata
Aos meus labios lançou!
Tomei aos ombros o pesado lenho,
Mas, ao sentir-me subjugado e aflito,
A minha alma chorou!

Chorou muito. Criança, olhando o mundo,
Via nas almas juvenís o germen
De um futuro melhor...
E, fitando a amplidão dos céus, gemia;
— O' doce mãe, ó meu divino sonho,
Onde está teu amôr?...

Aos doze anos, compreendi meu fado!
Silencioso, então, calcando ao peito
O jovem coração;
Fitando o espaço azul, sentí saudades!
O' ! Si eu pudesse ultrapassar sorrindo
O seio da amplidão !...

Ocultando-me ao riso das crianças,
Buscava a solidão, em cujo seio
Tanto amor encontrei....
Crescí, como um junquilho á sombra exposto!
Mas, auscultando o meu destino triste,
Minha alma consolei.

No lar, entre os irmãos que me cercavam,
Nada via, a não ser o entono grave
Das vóses do meu pai !
Entre tantos irmãos, nenhum sabía
Que a minha escura estrela me apontava
As táboas do Sinhái.

Um dia, minha alma, de regresso ao mundo,
Depois de um sonho imenso e harmonioso,
Dos vastos céus, ouví:
— Pega da lira e canta o teu destino!
— Serás, de hoje em diante, sobre a terra,
— Um pequeno Daví !—

E transformei-me em menestrel sagrado !...
Humedecí o labio ressequido
    Na linfa do Jordão !
Traduzindo a Iliada, no Espáço,
Ouví Homero cantar, tropego e cégo,
    Na Grecia da amplidão !

Nas minhas cismas, quando a noite é funda,
O sublime pastor fala ás estrelas
    Na abobada a brilhar!
E eu entro a ouvir os céus, e ao meu sorriso,
Os passaros do azul vôam comigo
    Uma hosana a cantar.

Bem compreendo, ó Deus, vossa justiça!
A' flôr, que brota sobre um charco imundo,
  Dáis belesa e matís!
Si o sol ardente cresta-lhe a coróla
Dáis-lhe o orvalho do Céu — amor e vida —
    Tornando-a assim feliz.

E eu era a flôr dos pântanos da terra!...
— Débil junquilho mendigando á noite
    Uma gota de luz...
Pelas frestas do azul o olhar lançástes
Ao pobre ser que emurchecía aos ventos,
    A' borda dos paús!

José Leão Ferreira Souto

NESTOR LIMA

Palestra lida na Academia de Letras, a 7 Novembro de 1946.

I — Ha, nos dominios das letras em nosso Estado, uma grande cópia de nomes ilustres que não podem passar a nós, academicos, despercebidamente, em face do indiscutivel brilho da obra literaria, ou social, desses nobres espiritos que passaram pela vida, sem a consagração dos contemporaneos.

Porque, si ha tarefa social ou humana que sobreléve em tudo e por tudo aos afans comuns da existencia, é, decerto, a faina literaria, o cultivo das boas letras, a constante preocupação da poesía, do conto, do romance, da história, da ficção, do folklore, aquela que mais nos empolga, domina, agrada e enaltece, porque ela não visa outro objetivo senão a méra cultura espiritual.

Não vivem das letras os estomagos; e "nem só de pão vive o homem", já o disséra o Mestre dos Mestres, Jesus.

De modo que a Academia, vês por outra, tem exumado (é a expressão) do esquecimento e das sombras alguns altos nomes, ou nobres personalidades do nosso passado, para exibi-los em todo o fulgor de sua mentalidade prodigiosa, exalta-los em toda a pujança de sua obra primorosa, redimi-loh do isolamento em que teem sido guardados por varias decádas e gerações, enaltecendo-os, para projeta-los e situa-los na galería dos nossos mais destacados pro-homens.

Portanto, seja-me permitido trazer hoje á ribalta da nossa Companhia mais um nome destacado, que nasceu, viveu, sofreu e morreu sempre aureolado por idéiaes sublimes nas letras, nas ciências e nas crenças contemporâneas.

II — Venho falar-vos, meus caros confrades da Academia, de um cidadão ilustre por todos os títulos, de um conterrâneo, que merece da posteridade as mais elevadas

demonstrações de apreço e de veneração, pelo seu alto e culto espírito: José Leão Ferreira Souto.

Não é um nome desconhecido, não caiu na vala comum do esquecimento, nem desceu ao limbo para purificar-se dos pecados, ou culpas. Não, ele esteve, para nós que o amamos e cultuâmos a sua memoria, sempre presente, em todos os momentos em que a inteligencia conterrânea fulgúra e lampêja nos vastos desvãos das letras e das ciências.

Nascido a 11 de abril de 1850, na fazenda "Polonia", municipio de Santana do Matos, desta então Provincia do Rio Grande do Norte, era êle o sexto filho varão do casal do coronel Luiz Antonio Ferreira Souto e sua mulher, D. Ana Jacinta da Rocha Bezerra, primos, sendo neto paterno do capitão Antonio Ferreira Souto e sua mulher D. Maria Jacinta da Rocha Bezerra Souto e materno do tenente coronel Antonio Barbalho Bezerra e sua mulher, D. Inácia Francisca Bezerra.

Pelo lado paterno, êle se entroncava no ramo dos Souza Machado, de "Grossos" e "Pau infincado", nas varzeas do oeste do Estado, e pelo materno, na grande familia "Pedra Branca", no muncipio de Angicos e Assú, fundada, nos primordios do século XVIII, pelo coronel de milicias, Baltasar da Rocha Bezerra.

Era creança forte, sanguínea, expansiva e atilada, tendo realizado o seu curriculo escolar com grandes facilidades, não só no seio da família com seu avô materno, como com os professores do Assú, onde esta fazia sua habitual residencia.

Mas, um acontecimento lamentavel veio perturbar-lhe o desenvolvimento normal e dificultar-llhe, em época oportuna, a complementação do seu bélo espírito. E' que êle, ainda aos nove anos, assistiu, num Circo de cavalinhos, no Assú, as prestidigitações de certo artista, que conseguia iludir o auditorio com a passagem de uma moéda de cobre, (20 réis, antigo), da bôca para o ouvido.

Chegando á casa, no dia seguinte, entendeu com os irmãos e amigos, repetir a façanha do prestigitador.

Introduziu na bôca a moéda fatidica e esta em vês de sair pelo ouvido, como êle acreditava, resvalvou pela gar-

ganta abaixo e penetrou no esôfago e êle ficou engasgado repentinamente, caindo em grande aflição e em plena asfixia.

Dado o alarma em casa, foram tentados todos os recursos de ocasião e, não tendo dado resultado as tentativas de extração da moéda de cobre, cujo diametro era de 4 centimetros, resolveram, para poupar-lhe a morte, que se avisinhava, empurra-la esôfago abaixo, até que chegasse ao estomago, na esperança de que fôsse, em dia seguinte, expulsa pelas vias naturais da eliminação.

Puro e fatal engano! A moéda localizou-se no estomago, e, daí, durante cerca de dez anos, desfês-se nas substancias metalicas que a compunham, até reduzir-se a um semicirculo, que o raio X, quarenta anos depois, demonstrou.

Mas, a infiltração malefica dos elementos decompostos em todo o jovem organismo determinára-lhe uma intoxicação progressiva e avassalante, a ponto de prear-lhe a evolução organica, no termo próprio, por mais de dois lustros.

Pálido, esverdeado, em contínuas perdas hemáticas e de substancias impregnadas de metaes, que se desligavam, o menino definhava e sucumbia em plena adolecencia e na éra da puberdade, como se estivesse condenado á morte.

Assim, viveu êle vida atribulada entre o leito da doença e as fraquêsas da convalescença, até que, a convite de seu tio, padre Antonio Germano Barbalho Bezerra, (padre Tote), quando vigário de Santa Luzia do Sabugi, na Paraíba, para lá se transportou, a fim de mudar de ares, e, como por milagre, dentro de seis meses, restabeleceu-se e engordou, cresceu e formou, a tal ponto, que, voltando á casa no sitio do "Cuó", não foi reconhecido, á primeira vista, pelos pais e parentes que o esperavam. Foi uma surprêsa e uma grande alegria aquele restabelecimento, tão completo quanto inesperado.

Daí, por deante, reiniciou os estudos, veio para esta capital, estudou preparatorios, no Ateneu, completou o curso e seguiu para o Rio, em 1870, afim de fazer o curso da antiga Escola Central do Exercito.

Esse foi o grande ano da propaganda inicial da República, quando os republicanos, instigados porLafaiete R.

Pereira, Saldanha Marinho e outros, publicaram o celebre Manifesto Republicano, que ele tambem assinou, como estudante da Escola Central, logo a seguir, abandonando-a. Matriculou-se, então, na Escola de Medicina, onde fês o curso até o 3.º ano, também abandonando-o, logo depois, por dificuldades financeiras.

Bastaria lembrar que a sua sustentação nos estudos estava condicionada ao trabalho de um esperto escravo da sua família, Francisco, que o acompanhára á Côrte, a mandado do pai, para servi-lo e trabalhar a salario, ou avulso, e para o fim de mantê-lo nos estudos, no Rio.

Não lhe contentavam as necessidades os resultados do trabalho escravo. Fês voltar á casa o escravo e serviçal.

Tentou a burocracía; fês concursos para a 1.ª e 2.ª entrancia, simultaneamente, Fazenda Nacional, e foi nomeado, em 1879, 3.º escriturario da Tesouraría de Fazenda de São Paulo. Alí, encontrou-se com Campos Sales e Rangel Pestana, com quem trabalhou na "Provincia de São Paulo", órgão de imprensa de grande projeção, na propaganda da República. Promovido, depois, a 2.º escriturario da mesma Tesouraria, teve um atrito com o respectivo Inspetor, que o suspendeu por quinze dias, do que resultou um vigoroso pamflêto de sua autoría, sob o título "Suspensão injusta".

Chamado á Côrte, em objeto de serviço, veio em 1886, para o Tesouro Imperial, destacado para ter exercicio na Diretoria de Estatistica.

Após a ascenção do gabinete Ouro Preto, a 7 de junho de 1889, José Leão foi removido para Fortaleza, com decésso, em virtude de seus "idéais republicanos", de que não fazia reservas, e, porque entendia a Princesa Isabel, regente do Imperio, que êle deveria servir "em terra livre", como já era o Ceará, desde 1883. Era isso sarcamo e do verdadeiro...

Mas, foram-lhe negados os meios de transporte e mandaram-no ficar, ainda adido ao Tesouro.

Veio a República, porém, a 15 de novembro 1889. Reacendeu-se-lhe a esperança de melhorar a vida funcional ; nada conseguiu, tendo-lhe sido ordenado que seguisse para o Ceará, mas, ocorrendo vaga no Tesouro, requereu-a e

foi-lhe tambem denegada, o que lhe suscitou uma réplica tremenda contra o ministro Rui Barbosa, que lhe respondeu com a demissão da Fazenda Nacional, sem que nunca jamais tivesse sido publicado o decreto de demissão, até os dias de hoje.

A' vista disso, José Leão, republicano historico, desiludido dos seus correligionarios e da nova ordem de coisas na Pátria, entregou-se exclusivamente ao magisterio, no Colégio Normal de Santa Terêsa, que êle fundára, com outros, em 1887 e de cujo corpo docente faziam parte, entre outros, Silva Jardim e Alfredo Duarte Ribeiro.

Com a ascenção do dr. João Tomaz da Porciúncula, ao Govêrno do Estado do Rio, foi por este convidado para o logar de 1.° oficial do Tribunal de Contas, cuja secretaria sempre exerceu, aí se conservando, ora em Petropolis, ora em Niteroi, até a extinção do aludido Tribunal, em 1903.

Por influencia de seu intimo amigo, o juiz Raimundo Correia, grande poéta que o Brasil inteiro aprecía e consagra, volveu êle á Fazenda Nacional, para cargo de segunda entrancia, em reconhecimento de seus anteriores serviços, no exercicio de 3.° escriturario do Tesouro Nacional, sendo, logo após, promovido a 2.°, com promessas de 1.°, para breve, quando o surpreendeu a morte a 27 de agosto de 1904, no Rio, onde tinha residencia com a sua familia.

Acabava-se desta maneira melancólica um alto espirito de lutador, que as vicissitudes da vida publica haviam desiludido e confinado na pobrêsa extrema, em que vivêra e morrêra.

Deixava viuva, D. Leonor Argüeles Souto, de ascendencia hespanhola, e filhos, que muito amou: Ovidia, Cádma, Padrélias, Maria de Lourdes e José Leão, que lhe sobreviveram. Eles teem hoje vasta descendencia no Rio, entrelaçada nas melhores familias do Distrito Federal.

III — Mas, não é propriamente o cidadão, o funcionario público, o homem, que nos cumpre exaltar.

E', antes de tudo, o homem de letras, o poéta, o jornalista, o crítico literario, o cronista, o folklorista,, o filosofo, o geografo, o épico, de tão largos recursos intelectuais,, que devemos visar neste instante de encantamento.

José Leão era poéta de raça, espontaneo, emotivo, erudito, parnasiano, como quem melhor o fôsse.

E larga a sua produção literaria: "Microscopicos", versos, 1871. "Gritos da Carne", 1877. "Alves de arribação", 1888, cujo produto dedicou ás vitimas da sêca daquele ano, "Niteroi", "Culto da Patria", 1892, e "Comemorações", 1894. Tudo em versos. Eis um deles:

"Voái ao puro céo da patria minha,
Aves de Arribação,
Entrai pelo meu lar, pobre casinha,
Perdida no sertão.
e ás aves, que eu amei, na dôce calma,
Das tardes de verão,
Dizei-lhe adeus, por mim, do fundo dalma,
Adeus do coração ..."

Bem diverso no estilo e na clarêsa das ideias, é o poema "Niteroi". que ele dedicou ao dr. Porciuncula, como se vae dizer:

"AO destemido patriota honrado,
Que manteve o seu posto invictamente,
Como velho soldado,
Propagandista ardente,
.....
Consagro estes meus versos,
Como lembrança dos heroicos feitos,
Em tempos bem diversos,
Nesta cidade a que tributo preitos."

Sob o titulo "Silva Jardim" (apontamentos para a biografia do ilustre propagandista), publicou um trabalho de cerca de 300 paginas, muito bem recebido pela imprensa e pela critica indigena. (1895).

Tendo surgido a questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, a proposito da área de Grossos, á margem esquerda do Rio Apodi, ou Mossoró, no oeste do Estado, ele promoveu (1888) uma serie de conferencias, no Gremio Norte-Riograndense, de que era vice-presidente, depois enfeixadas em volume, e que muito servíram e elucidaram o nosso patrono Rui Barbosa, quando este teve de

sustentar as "Razões" do nosso Estado, perante a Suprema Instancia Judiciaria, com ganho de causa para nós.

Organizou uma carta geografica do Rio Grande do Norte, onde delineou a projetada Estrada de Ferro de Macau ao Rio São Francisco, (1890), a qual, por influencia do dr. Crockatt de Sá, foi incluida no plano geral da viação férrea do Brasil.

Ainda estudante, fundou com Antonio Pereira Simões, notavel engenheiro, que, como chefe do Porto de Natal, (1902-1908), deixou grandes serviços e imorredoiras lembranças entre nós, José Eduardo Texeira de Souza e Marcos Bezerra Cavalcanti, mais tarde, eminentes luminares da medicina nacional, o periodico "A Ideia", e, com outros patricios, a "Potiguarania", orgão do Gremio norterio-grandense.

Organizou tambem a "arvore de costado" da familia "Pedra Branca", uma obra primorosa de minúcia e exatidão, que infelizmente se perdeu, após a morte do seu irmão, o coronel Elias Souto, de quem já me ocupei, desta tribuna, na "semanal" de 16 de maio deste ano.

Nunca se cansava de trabalhar e de produzir em prosa e em verso, e ao tombar morto, deixou prontos para a imprensa, varios trabalhos inéditos, que eu guardo avaramente na esperança de, ainda um dia, fazer publicar, si a tanto me autorizarem os direitos autoraes de seus sucessores e herdeiros.

"Musa Positivista" (1883-1899). "Rio Grande do Norte" (lendas), "Ilusão Astronomica", e "Equação da vida", foram os ultimos produtos de seu elevado pendor mental, na poesia, na ciencia e na filosofia.

Mas, tambem foi politico, com seus irmãos, militantes no Partido Liberal, ao tempo da Monarquia, até 1870, quando se converteu ao crédo republicano, e, daí, por deante, republicano **enragé**, democrata e federalista, até o extremo, apezar das decepções que sofreu.

Nas eleições geraes de 31 de agosto de 1889, após a dissolução das Camaras, provocadas pelo celebre discurso do deputado potiguar Padre João Manoel de Carvalho, José Leão foi, juntamente com Pedro Velho, candidato a deputado, este pelo 1.º e aquele pelo 2.º distrito da Provin-

cia, na chapa do Partido Republicano, então, recentemente fundado a 27 de janeiro daquele ano pelo segundo com Hermogenes, Anto. Minervino, José Avelino, Augusto Severo e João de Albuquerque Maranhão, e outros.

Não foi eleito, e, porque as eleições ficasse nulificadas com a proclamação da Republica, a 15 de Novembro seguinte, ele não se desinteressou pela sorte da politica do Estado, de que, afinal, foi afastado pelos asares que lhe sobrevieram nos começos do novo regimem.

Entretanto, em 1903, voltou á tona o seu nome de republicano historico, por ocasião do pleito para renovação integral da Camara dos Deputados Federaes, á qual foi indicado pelas oposições do Estado. Isto valeu-lhe uma verrina no orgão oficial, que dizia "desconhecido esse sr. Leão Ferreira, que ninguem sabe donde veio", do que resultou réplica vigorosa, que deu logar, a um ruidoso processo de imprensa, ainda hoje relembrado e que terminou no Supremo Tribunal Federal, pela "retorsão das injurias" prevista na lei penal então vigente.

Daí, por diante, apagou-se-lhe a estrela politica e, no ano seguinte, desaparecia para sempre dentre os vivos.

IV — Já seria tempo de terminar, mas, permiti-me, ainda alguns minutos de recordação.

Vamos apreciar alguma coisa do que ele deixou organizado na "Musa Positivista", onde ele canta, na nostalgia, na distancia do sólo querido, as suas lembranças da terra e da gente que ele tanto amou.

Por exemplo, nos "Poemas do Lar", ele descanta as alegrias supremas da familia, e á primeira filha OVIDIA, hoje já desaparecida, assim falava:

"Vão se encurtando os dias de pobrêsa,
Que a esperança embalava hora por hora,
Eu represento as tardes de tristesa
Do declinar da Vida, em que se chora.

Tua mãe simbolísa a singelêsa
De um claro dia, que o vergel namóra,
E tu, perante nós, tens a belêsa
Dessas primeiras rubrações da aurora.

Vão se evoluindo as noites mal dormidas,
Em què o teu sono interrompido era
Por leve som, ou movimento agudo,

O teu viver é para as nossas vidas
O que é para Terra a dôce primavera.
A vós e a fala para quem é mudo."

Nos "Madrigaes", ele descanta um afeto imenso que lhe dominava o ser, nestes versos mimosos:

Por amor entendo as horas,
Que passo junto de ti,
Si acaso eu ólho e tú córas,
ao pensar no que não vi.

Todo o poder da vontade
Se concentra nesse olhar,
Como á terra a gravidade
Impele os corpos noar.

E góso tanto, a teu lado,
Pensando no teu rubor.
Como si houvéra gosado
Das fontes do proprio amor,

Na outra parte do livro em apreço e que está inedito, ele vibrava ás recordações das cinco cidades — "Pentapolis", onde tinha vivido a sua existencia: Assú, Natal, São Paulo, Petropolis e Rio.

Da primeira delas, a sua querida Assú, ele dizia:

"Sobre a ridente campina,
A' esquerda do Rio-Assú
Onde o massiço se inclina
Do Piató para o Icú,
Assentou a **taba-grande**
O indio senhor de outróra.
No logar onde se expande
A bela cidade agora."

Da segunda, a nossa linda capital, dizia ardoroso e entusiastico:

"Na extremidade sul do heroico Estado,
Olhando o mar que ruge pela frente,
Desbruça-se gentil sobre a corrente
Do Potengí famoso ! Aveludado,
Aos purissimos beijos de um sol quente,
Lambe-lhe as plantas verdejante prado,
Não cobre o céo logar mais adorado.
— Berço de amor da potiguára gente".

Da terceira, a velha Paulicéa, onde viveu os dias primeiros de sua vida burocratica, ele informava:

"Tudo se agita e conspira,
Roda, medita e se externa,
Alegra, e gosa, e delíra,
Na Paulicéa moderna,
Tudo se agíta e conspira"

Sobre planicies extensas,
Assim se espraia a cidade,
Envolta em névoas imensas,
Cheia de orgulho e vaidade,
Sobre planicies imensas".

Petropolis, então capital do Estado do Rio, onde ele

formou a sua familia e viveu mais de uma decada, mereceu-lhe particular carinho, quando versejava:

Lá, onde o Piabanha as terras banha
E a noite das montanhas desce cêdo,
E o dia surge tarde da montanha,
Num sólo de rochedo,
Jaz a cidade de belêsa extranha.

. . . . . .

De um lado a outro da cidade nobre,
Veem-se nêsgas de azulados céos
Longìnquos vales que o penhasco encobre,
Ou da neblina os veos.
Que o sol de maio no pendor descobre.

E, afinal do Rio, onde viveu os ultimos anos de sua atribulada existencia, ele descantava:

Aqui, a mocidade do poeta
Em sonhos se escoou,
Viu, após anos, de lutar incerto,
Surgir, como num cérebro deserto,
A ideia que ele amou,
E assim tocar dos corações a méta.

. . . . . .

Fôra depois da vinda
Do navegante luso,
A's plagas daquem mar,
Que a Guanabara linda
De olhar sempre confuso
Se decidiu a amar.

E, como presente final de sua "musa positivista", eis um belo sonêto inspirado na doutrina genial de Augusto Comte, de quem era discipulo e intitulado:

"O SER FINITO

. . . . . .

De salpícos de fogo, a luz do dia
Vem pespontando a barra do horisonte;
Azula-se a amplidão, de cada monte,
Ruboriza-se ao longe a penedía

Hinos de paz de amor e de poesia,
Desfere cada passaro defronte:
O' Natureza! da Existencia fonte
Que tudo mata e ao mesmo tempo cria.

O sol fulgura em plena majestade,
Como a pupila acêsa do Infinito,
Que limita no Espaço a Imensidade.

Quadro celestial! Como um proscrito,
Comtempla a Criatura a Eternidade,
— Unico Sêr Universal finito!

Era assim a lira do nosso heroe de hoje: clara, positiva, eterna, sensivel, forte, revolta, emocional, cientifica, filosofica e humana, como a que mais o fosse. Ele era tambem um coração bonissimo, ainda que concentrado, mas, amavel e cavalheiresco no trato intimo.

Ele era um organismo fórte, gordo, baixo, claro, de olhos brandos, cabelos pretos, larga fronte da sua gente ancestral, traduzia na mansidão de seus gestos a grandesa de sua alma de poeta e de sonhador, que viu na realidade de sua atribulada existencia, cairem todos os seus belos sonhos, sem que, porém, se lhe apagasse nunca a chama rubra de seus nobres ideiaes.

A questão Social

OTTO GUERRA

Conferencia sobre a enciclica de Leão XIII. "Rerum Novarum".

Em fevereiro de 1848, lançava-se, da Europa, aos quatro ventos, um brado terrivel de revolta, que ainda hoje ressôa, como um eco barbaro:

"Tremam as classes dominantes, ante a revolução comunista que se prepara. Nessa revolução, os proletarios nada têm a perder, sinão as suas algemas, e têm a ganhar todo um mundo!"

Era assim que findava o celebre "manifesto comunista", redigido por Marx e Engels, e que logo se tornaria o Novo Testamento do materialismo historico e revolucionario.

As condições do mundo do trabalho, então, eram das mais tragicas e deshumanas, com relação ao proletariado. Na Inglaterra, a jornada do trabalho chegava, por vezes, a 18 e mais horas. Na Alemanha, crianças até de 4 anos eram vistas trabalhando, noite e dia, nas fabricas. E das casas operarias de Viena afirmava um economista: "Quem houver caído ou nascido nelas tem que atrofiar-se corporal e espiritualmenete e logo ficará extenuado, ou convertido em selvagem".

Daí, sem dúvida, as repercussões profundas daquele grito de revolta, que tambem acenava promessas de um mundo futuro, de dominio do operariado.

Grito que, entretanto, não teria sido ouvido, se não se tivesse dado, por uma série de circunstancias, aquilo que Pio XI chamou de "maior escandalo do século XIX", qual foi a apostasia das massas trabalhadoras, de que a grande culpada foi a própria sociedade burguêsa. Esta, com efeito, é que "ensinou o ateismo ao proletariado sofredor", com suas doutrinas e seus exemplos, apregoando a falencia da Igreja, sua incompatibilidade com a século das luzes, endeusando a ciencia e separando a religião da moral e da economia. Pa-

radoxalmente, essa mesma sociedade, queria que os humildes não se afastassem da Igreja.

Escutemos, a proposito, o depoimento insuspeito de Leroy Beaulieu:

— "Após haver despojado a Igreja de seus bens, de seus direitos e privilegios, após lhe haver fechado as escolas, os mosteiros e noviciados, após haver tomado todas as precauções para conservá-la á margem dos negocios públicos, não duvidámos em invocar, de bom grado, o seu auxílio para refrear as paixões e encadear os apetites da plebe. De nossa parte, era isto calculo sagaz, á altura da política de homens avisados. O engano, a ingenua ilusão foi acreditarmos que a Igreja se prestasse indefinidamente a esse manejo."

Confissão preciosa, que explica muito da desconfiança surgida no seio das massas sofredoras contra a Igreja, dada como aliada do capitalismo. Mas, tambem, que testemunha não ter a Igreja se sujeitado á manobra.

Se houve católicos, leigos e clerigos, que compactuaram, por criminosa inação, ou mesmo por atitudes mais positivas e lamentaveis, com a situação tristissima, nunca faltaram os intrepidos e autenticos defensores dos pobres, procurando, com empenho, corrigir a organização social defeituosa, cuja nodoa maior estava na inteira falta de espírito cristão.

Na França, antes mesmo do manifesto comunista, ou seja, desde os principios do século XIX, já o movimento avultava, sendo conseguidas leis de proteção aos operarios, salientando-se de Mun, La Tour, du Pin, Montalembert.

Na Alemanha, um bispo, von Ketteler, pronuncia, no próprio ano do manifesto comunista, notaveis e impressionantes discursos em favor do aumento dos salarios, contra a conversão do trabalho em mercadoria, pela diminuição das horas de trabalho, pelo descanso dominical. E sua atividade não era isolada.

Cada país, em suma, tem seu grupo de católicos sociais. O trabalho é escolher os nomes para apontá-los: Vogeslang, na Austria, o cardial Maning, na Inglaterra, Descurtins, na Suiça, onde tambem se organiza a celebre União de Friburgo, o cardial Gibons, nos Estados Unidos...

Mas toda esta atividade admiravel carecia de cordenação tanto mais quanto não faltava quem lhe fizesse oposição cerrada, apontando como socialistas e agitadores tão nobres pioneiros.

A Divina Providencia, que tudo dispõe com sabedoria, fizera elevar á Catedra de Pedro um homem á altura do momento gravissimo, defensor ardoroso das classes trabalhadoras, cuja triste situação conhecia.

Viu Leão XIII, o grande Papa, que já não bastava em cartas, discursos ou audiencias, dar a sua clara aprovação ás atividades sociais dos catolicos. Lançou, então, no dia 15 de maio de 1891, um documento ainda mais solene e completo, a enciclica "Rerum Novarum", que se tornou a Magna Carta dos trabalhadores de todas as nações e de todas as crenças, a inspiradora insubstituivel de todas as legislações sociais modernas, inclusive a do nosso caro Brasil, sobretudo depois de 1930, em que tanto marchamos neste particular.

Desde o primeiro instante sua repercussão foi profunda. Uma contemporanea á enciclica, De Mun nos descreve com mão de mestre, o que se passou então:

"— Que surpreza, que comoção geral, que intima ação de graças despertou a enciclica em todos os corações.

Idéias que ainda ontem eram estigmatizadas como subversivas e corrutoras, são hoje sancionadas pela mais alta autoridade da terra. Que intensa emoção nos ambientes doutrinarios, que agitação ainda mais profunda entre os trabalhadores, aos quais se profetizou sem cessar, que nada tinham a esperar de Roma, exceto que o chefe da Igreja erguesse o braço, num gesto de excomunhão. E eis que o vêem estender paternalmente a mão, para os abençoar".

A "RERUM NOVARUM"

O plano da "Rerum Novarum" é dos mais perfeitos. De inicio, Leão XIII reconhece a existencia de uma grave questão social, consequencia da "sêde de inovações que ha muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril", passando "das regiões da política para a esfera

vizinha da economia social". E enumera esses fatos novos, que desencadearam o terrivel conflito:

— os progressos incessantes da industria;

— a modificação das relações entre patrões e operarios;

—a afluencia da riqueza nas mãos de poucos, ao lado da indigencia da multidão;

— o melhor conceito que os operarios passaram a formar de si mesmos e sua união mais estreita.

Tudo isto, agravado pela corrução dos costumes, pelo desaparecimento de todo o principio e sentimento religioso nas leis e nas instituições públicas.

Para resolver a questão apontam-se duas soluções: a socialista e a catolica.

A enciclica vai ocupar-se primeiramente da solução socialista, nome generico usado, ao tempo de Leão XIII, para se nomearem aqueles principios que, negando o sobrenatural, situam os problemas basicos da vida num plano meramente economico e apontam como remedio para os males sociais a supressão da propriedade privada, com a igual repartição das riquezas, sob a direção do Estado.

Com o tempo, o socialismo cindiu-se em duas correntes principais, uma violenta, o comunismo, preconizando a luta de classe sem quartel, a supressão absoluta de toda propriedade privada, o odio incessante á religião, outra mais moderada, o socialismo, propriamente dito, cujas reivindicações, no dizer textual de Pio XI, "coincidem ás vezes muitissimo com as reclamações dos catolicos que trabalham na reforma social". Nem por isto caducaram as condenações de Leão XIII ao socialismo em geral, pois mesmo o chamado socialismo mitigado, como deixou demonstrado Pio XI, na enciclica comemorativa do quadragesimo aniversario da "Rerum Novarum", contrasta com a doutrina catolica, em pontos essenciais.

E' que essa corrente, violenta ou mitigada, nega o sobrenatural, concede primasia á sociedade sobre o homem, dá como finalidade principal do consorcio humano a comodidade natural, o goso dos bens terrenos, dentro de um sistema coletivo de produção intensiva e tudo o mais, religião, moral, filosofia, direito, a propria arte, não passa de meras

coação legal, mas claramente prescrito pelos preceitos divinos.

Leão XIII recorda, a proposito, a lição de S. Gregorio Magno: "Si tem alguem o talento da palavra, tome cuidado em não se calar; quem possuir uma abundancia de bens, não deixe a misericordia entumecer-se no fundo do seu coração; quem tiver a arte de governar, zelosamente se aplique a dividir com seu irmão o exercicio e os frutos dela".

Entretanto, srs., não para aqui, em alturas tão sublimes, cheias de fecundos ensinamentos, o papel da Igreja na solução do problema social. Por suas instituições, ela vivifica as profundezas do coração humano, predispondo-o a praticar as lições recebidas, ela renova a sociedade, pela purificação dos costumes e moralidade das familias, enfim, ela funda e sustenta um sem numero de obras de assistencia.

MISSÃO DO ESTADO

Sem visões unilaterais do problema, Leão XIII, ao mesmo tempo que proclama a legitimidade da intervenção da Igreja, reconhece e reclama a necessaria colaboração de outros agentes, como sejam o Estado, os patrões e os proprios operarios.

Tendo por fim assegurar o bem comum, deve o Estado proteger a comunidade social inteira e portanto, logicamente, cada uma das suas partes, sobretudo aquelas que forem mais fracas e indigentes, como sejam os pobres, os operarios.

E Leão XIII desce a minucias, que hoje achamos naturais, pois se acham incorporadas á legislação social dos povos cultos, mas que, ditas por um Papa, naquela epoca, escandalizaram a muita gente. Ele trata da questão das greves, do repouso dominical, da limitação das horas de trabalho, duma legislação especial para o trabalho das mulheres e crianças, das industrias insalubres, na garantia contra acidentes do trabalho, da fixação do justo salario, do amparo á doença, á velhice, na possibilidade da solução pacifica dos conflitos entre empregados e empregadores, através de orgãos paritarios. Não está contida aí toda a moderna legislação social?

AÇÃO DOS INTERESSADOS

Não podia esquecer a enciclica, finalmente, a ação dos proprios interessados, patrões e operarios, na solução do conflito, e que muito conseguirão "com as instituições destinadas a levar auxilio oportuno aos indigentes e a aproximar mais uma classe da outra".

Sindicatos operarios, associações patronais, são preconizadas, estabelecendo-se as normas que devem orienta-los, sua natureza, direitos e deveres, enfim, apontando-se o muito que poderão fazer para a solução do conflito, a aproximação das classes, a harmonia social, o aparelhamento moral dos seus membros.

CONCLUSÃO

Nas ultimas considerações da sua notavel enciclica, tem Leão XIII uma frase que nos reclama, no dia de hoje, detido exame de conciencia, profunda meditação:

— "Vêde, veneraveis irmãos, como e por quais meios esta dificil questão precisa ser tratada e resolvida. Tome cada um a tarefa que lhe pertence, e isto sem demora, para que não suceda que, diferindo o remedio, se torne insanavel o mal, já de si tão grave". E ha muito o que fazer, ainda, muitos males a corrigir.

Perguntemos a nós mesmos, membros da Ação Católica, das associações auxiliares, sacerdotes, governantes, patrões, operarios, o que temos feito no terreno social, e o que podemos fazer na formação moral do semelhante, enfim, no cumprimento dos nossos deveres de justiça e de caridade, realizando, assim, plenamente, a grande aspiração de Vicente de Paulo: "Quero amar a Deus com o suor do meu rosto, com a força do meu braço."

Recepção honrosa

NESTOR LIMA

Sr. Presidente da Federação das Academais de Letras
Senhores Académicos delegados.
Meus senhores:

I — Mais uma vês, a Federação das Academias de Letras abre as suas portas e me recebe carinhosamente, pela vós do seu brilhante intérprete, sr. Adauto da Câmara, conterrâneo, amigo, ex-aluno, colega e confrade, que muito préso e a quem agradeço de coração, as expressões de nímia generosidade e gentilêsa, ora, proferidas. Obrigado, muito obrigado !

Não me julgo, porém, com direito a essa fidalguia da Egregia Corporação, porque não sou, nem nunca pretendi ser, um literato, qualquer que seja o sentido deste amavel termo.

Si faço parte da humilde Academia de Letras, no meu Estado, devo-o a méro capricho, ou insistencia, de conterrâneos e amigos, que me cativam com a sua companhia; Si alguma coisa anda por aí escrita e divulgada sobre corografía, história, tradições, lendas e memorias do passado da minha gente, não o fiz por espírito de exibição, mas, para deixar gravado o que, talvês, si assim não fôra, ficaría perdido na memoria dos homens, e sobretudo, porque, em todos os gremios de cultura, ha os elementos de ação, que, embora não possam cultivar as bôas letras, ou não tenham assás cultura, ajudam, todavia, a fazê-las, estimúlam os outros, que sabem ou podem faze-las e não deixam que as instituições se desfaçam, ou morram. Tal é o meu caso, com sinceridade.

Entretanto, sei que de consocios taes depende, muita vês, a sorte dos centros de letras, e não seria tão estulto que não reconhecesse algo de meritorio no auxílio material, no estímulo, na ajuda desses consocios de letras, menos que de fato. Mas, daí, a considerar-me digno do aplauso e

do apreço desse brilhante Cenaculo de Letras, vae uma grande, uma imensa distancia.

Corre-me o dever de ajudar a todas as manifestações da inteligencia dos meus conterrâneos e isso não me impede de, com eles, compôr uma Academia, prestigia-la, impelila aos seus elevados designios, que os outros bem fadados da Fortuna e da Gloria tenham de realizar, colocando a terra e as letras potiguares, no seu devido logar, entre as congeneres nacionais.

II — Cheguei de Natal, ha poucos dias, e lá deixei em plena atividade a nossa Academia. Ainda, na vespera do meu embarque, elá realizava sessão solene e pública, para a leitura de um trabalho da autoría do sr. Clementino Câmara sobre "O romance do Ateneu", o nosso secular educandario de ciências e letras.

Preside-a o sr. Juvenal Lamartine e eu faço as vêses de secretário geral.

Formam-na vinte e oito academicos titulares, eis que ha duas vagas ainda não preenchidas nas trinta cadeiras que a constitúem, nos termos do regulamento geral desta Federação.

Os academicos vão, aos poucos, realizando a apologia de seus patronos, com o que se investem definitivamente na posse de seus títulos academicos.

Funcionâmos, de presente, no prédio séde do Instituto Histórico e Geografico, sob minha presidencia, desde 1927, e que o possúe, como proprietário, por virtude da liberalidade de dois eminentes confrades, os srs. Augusto Tavares de Lira, governador do Estado, em 1904-1906, e Rafael Fernandes Gurjão, governador e interventor federal em 1935-1943.

As dificuldades decorrentes da Guerra Mundial, no ponto mais accessivel e vulneravel do continente americano, e,q ue, por isso mesmo, obteve, mais tarde, o galardão de "Encruzilhada do Mundo", ou "Trampolim da Vitoria", não atingiram, felizmente, a vida e as atividades da nossa Academia, que atravessou serenamente a dura contingencia, cumprindo com fidelidade os seus nobres destinos. Nesse interim, lá estiveram V. Excia., Sr. Presidente, e outras

superestruturas, ou seja, decorrencias das transformações economicas, das condições materiais da produção. Em resumo, primazia da produção, primado da materia sobre o espírito.

Fechando o parentesis, voltemos á "Rerum Novarum", para acentuar a segurança admiravel da sua critica ao coletivismo socialista. Parte Leão XIII do principio evidente de que, quem trabalha visa alcançar uma recompensa, adquirir, pela economia, um bem, que possuirá como proprio.

Ora, o socialismo, extinguindo a propriedade privada, tira-nos a esperança de algum dia nos tornarmos proprietarios, o que vale dizer, arranca-nos o natural estimulo ao trabalho, á formação de um patrimonio, pela previdente economia, capaz de garantir, para nós e nossas familias, as incertezas dos dias futuros.

E assim, conclue, em vez da sonhada igualdade na abundancia, chegar-se-ia á igualdade da nudez, na indigencia e na miseria, pelo estancamento das riquezas na sua propria fonte.

O bolchevismo russo foi bem a prova real das previsões do imortal pontifice.

A SOLUÇÃO CATOLICA

Exposta a doutrina socialista, refutados seus erros economicos e psicologicos, traz Leão XIII a lume a solução catolica do problema social. E o faz não timidamente, a mêdo, mas, ao contrário, invocando toda a plenitude de direitos, pois fóra da Igreja, proclama com enfase, impossivel encontrar-se outro caminho seguro.

Ele parte do pressuposto evidente da existencia de naturais desigualdades entre os homens, em talento, força, saúde, etc., acarretando, necessariamente, outras tantas desigualdades de condições. E essa mesma variedade reverte em proveito de todos pois, tal como se dá no corpo humano, onde ha cabeça, braços, olhos, cada qual com sua função especifica, da mesma forma, na vida social faz-se mister, para a harmonia do conjunto, a diversidade de atribuições. Que ninguem, pois, se revolte com a sua condição. Aliás, o erro capital, neste particular, é supor que as duas classes

— patrões e operarios, são inimigas uma da outra, quando se completam a tal ponto que "não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital".

Para o estreitamento desta união, lembra a enciclica, faz-se mister, primeiramente, o cumprimento dos deveres reciprocos de justiça, entre patrões e operarios. E depois, subindo mais, o cumprimento dos deveres reciprocos de caridade.

Deveres de justiça do operario para com o patrão, tais como fornecer, integral e fielmente, todo o trabalho a que se comprometeu, por contrato livre e conforme á equidade; não lesar o patrão; não exagerar-se, até a violencia, nas suas reclamações, etc. E deveres de justiça do patrão para com o operario, como sejam, não tratar o empregado como escravo ou maquina, mas lhe respeitar a dignidade de homem e de cristão; levar na devida conta os interesses espirituais do trabalhador; não lhe impor tarefa acima das suas forças, idade ou sexo; não praticar fraudes e usuras e, acima de tudo, pagar um justo salario.

Mas a Igreja sabe que a "justiça, ainda quando praticada com todo o rigor, se póde extirpar as raizes das lutas sociais, não poderá nunca, sozinha, congraçar os animos e unir os corações. (Pio XI). Faz-se mister uma outra virtude, muito mais alta, a caridade, que entretanto, acentue-se bem, nunca, dispensará o cumprimento dos deveres de estrita justiça.

E Leão XIII anima o estreitamento das relações entre operarios e patrões, recordando-lhes que nós todos, ricos ou pobres, temos a Deus como Pai, a Cristo como irmão e Salvador.

Dentro desse profundo espirito de fraternidade sobrenatural de igualdade de todos perante Deus, muito diversa do principio liberal da igualdade de todos perante a lei, ou seja a igualdade do lobo e do cordeiro, pode a "Rerum Novarum" insistir sobre a doutrina catolica do uso das riquezas, do dever, não de estrita justiça, a não ser em caso de extrema necessidade, mas de caridade cristã, de se lançar do seio dos necessitados o superfluo, quer de bens materiais, quer de bens espirituais.

E' um dever, portanto, cujo cumprimento escapa á

eminentes personalidades e não perceberam, da parte do povo, a mais leve sombra do pavor da Guerra.

Poderão, pois, atestar, de ciencia própria, que a gente potiguar não desmereceu do alto conceito de bravura e resistencia, tão do molde brasileiro.

III — Aquela longinqua cidade nordestina, que certo Bispo de Olinda, nas éras afastadas de 1746, si me não falha a memoria, considerava, por facecia, inexistente, dicitur Natal, id est, **non talis**, (não ha tal") em razão da sua pequenês, **propter tenuitate**, como ele procurava justificar, é, hoje em dia, em vês de **Non talis**, mas, A TAL, a que é conhecida em todo o órbe, a mais notavel de todas as ribas do Atlantico, porque, em importancia estrategica, posição privilegiada e valor militar, superou todas as mais cidades brasileiras e contribuiu, mais preponderantemente, para o êxito das vitorias militares dos Exercitos Aliados, do que todas as linhas Maginot, Siegfried, Mannerheim e quejandas, levantadas, ou cavadas, no imensuravel teatro das operações.

Para ela, "a tal", a cidade de Natal, se teem voltado as vistas curiosas e interessadas de todos os povos, neste instante crepuscular do horrendo conflíto mundial, por cuja vitória, dentro dos postulados da Carta do Atlantico, a nossa Pátria querida está colaborando com o melhor do seu sangue e da sua riquesa.

Pois bem, srs. Academicos, a tal cidade lá está, com o seu Rio bem amado o-Potengí-Jundiaí, o seu maravilhoso "Parnamirim", o maior aéro-porto nacional, as suas tardes tranquilas, os seus dias de sól, a sua constante "Viração", sempre amena e dulcificante, o seu casarío modesto e acolhedor, a sua gente intemerata e bôa, todos dispostos a receber e cativar quantos os procurarem e retribuir-lhes, em afetos e gentilêsa, sem restrições, os préstimos e benefícios que lhes fôrem prodigalizados, guardando sempre, no recesso da memoria, aqueles vultos que a visitarem, como indice fiel, que é, e sempre foi, através dos tempos, dos sentimentos de bondade e hospitalidade peculiares ás populações do Bravo Nordeste brasileiro.

E, na moldura da nossa cidade, um oasis tranquilo — a nossa Academia de Letras — onde se teem abrigado e

ocupado a tribuna viandantes eméritos e humildes, vindos dos vários quadrantes da Terra e que o hórrido dissídio mundial tem arrojado aos quatro cantos do Universo.

Nós, academicos de todo o Brasil, fazemos votos por que esses oasis culturais se multipliquem por todo o territorio nacional e se sintetizem, nesta Federação, que é a cristalização de todos eles, para se nos depararem, sempre solidarios nos mesmos ideiais, em encontros magnificos e emocionados, como neste momento, para bem e fortuna das bôas letras e para a glorificação do espirito da nacionalidade.

12 — 8 — 1944.

RECORDAÇÕES

NESTOR LIMA

A' recordação da grande data de Mossoró, não é possível deixar de associar a figura de Almino Alvares Afonso, o tribuno popular da abolição.

Naqueles dias tormentosos que precederam a jornada de 30 de Setembro de 1883, a atuação do valoroso sertanejo, quer na provincia do Ceará, quer entre os seus amigos e admiradores do Rio G. do Norte, foi devéras proveitosa e admiravel, porque ele já estava saturado do espírito libertário que fizera a campanha vitoriosa em Redenção e em Fortaleza, e trazia para a luta em Mossoró a experiencia fecunda que apressaria o dia desejado.

Já tive ensejo, em duas ocasiões solenes, de rememorar-lhe os inolvidaveis serviços á abolição: na conferencia de Mossoró, em 1936, e na recepção da Academia de Letras, quando fazia a apologia do meu patrono.

Desnecessário repetir tudo quanto dêle sabía e o consagrava um dos mais benemeritos abolicionistas no Norte do Brasil.

Acabo de lêr, por gentil oferta do eminente patricio Desembargador José Bernardo Junior, do Rio Grande do Sul, os "Rodrigões do Império", panflêto, que, sob o pseudônimo de Junius Brutus, publicou Almino, em 1883, em repulsa ao ato presidencial que o destituiu de Procurador fiscal do Tesouro Cearense, porque falára, duas vezes, a propósito do embarque do 15.º Batalhão de Infantaria, alí, estacionado, para Belém do Pará.

E' uma peça de largo folego, uma coletanea das mais fortes réplicas e objurgatórias aos responsáveis dirétos e indirétos pelo ato que o feriu; néla se vê transvassada a alma do sertanejo indómito e a resistência inamolgável do lutador e do abolicionista, que não poupava sequer a própria magestade imperial.

Nesse panflêto político, Almino denominava "Rodrigões" aos dois conselheiros Antônio Joaquim Rodrigues Ju-

nior, político cearense, que ocupou, logo depois, a pasta da Guerra no Gabinete Lafaiete, e Lourenço de Albuquerque, pernambucano, que foi o Ministro dos Estrangeiros, do mesmo Gabinete.

Ele os desancava estrepitosamente, na sua linguagem candente, pomposa, tersa, desde quando evocava um episódio sinistro dos "Ripardos", nos "dias da Fome", até as manobras políticas que fizeram afastar da pasta da Guerra o primeiro Rodrigão e á manifestação pro-libertária do dr. Paula Pessôa, depois negada publicamente pelo "O Cearense", órgão esclavagista ou oficial da Provincia.

Quando apareceu a carta do Presidente do Consêlho de Ministros, ou o "bilhete azul", como se diria hoje, de que resultou a retirada do Ministro Rodrigão, sob o fundamento de "notável tibiêza e falta de conveniênte direção dos negócios da Guerra", Almino publicou-a no "Libertador", de 20 de Maio de 1884, para o fim de gozar o que êle chamou de" pergaminho da infamia", ou a queda do Rodrigão.

"Fuit Rodrigão homo brutus, segundum carmem !" dizia êle no seu habitual vêso latinistico.

Logo no versinho chulo, êle castigava o decaído Ministro, pela fórma abaixo:

"Passou, qual passa um duende,
Que as trévas da noite fende...
Passou, qual passa um vilão!..." (pag 44).

No segundo Rodrigão, Lourenço de Albuquerque, êle dizia, nos arroubos do seu sentimento libertário, em pról da lei Dantas, ou dos setuagenários, que possuia "a vaidade tacanha; a mediocridade insolente e agastadiça; a inveja impaciente lhe formam o temperamento moral"!

Refere a resposta do Ministro Cândido de Oliveira, a quem falára de **moral**, na Câmara, o segundo Rodrigão. "Não cance à Câmara com tanta moralidade: não fale de moralidade! Posso dar-lhe nos corredores uma resposta que não lhe sêja agradavel!" (Pag. 82).

E, nesse diapasão, cada vez mais intenso e rumoroso, vai Almino triturando o velho Lourenço "Sujo", como lhe chamava, "bilhardão sem honra" e queijandas amabilida-

des", que só um homem de ferro ou de aço é capaz de escrever ou proferir.

Mas, peor que dos Rodrigões do Império, diz êle abertamente do "Rodrigão dos Rodrigões", que é o próprio Imperador Pedro II, a quem já, certa vez, por intérmedio do inclito Rio Branco, mandára ter juizo!

Faz êle um retrospécto histórico da familia Bragança, desde João I, o da "bôa memória", até o último bragantino, que nos governou até 1889.

Relatou as imperiais loucuras do seu ascendente Pedro I e a "causa real", segundo Armitage, da morte da desditosa Imperatriz Leopoldina.

Rebuscou as causas da maioridade, os levantes de Minas e São Paulo, e, em 1884, "dias de maldição e de opróbio".

Lembrava Apulcro de Castro, que êle diz assassinado "a plena luz do sol", em frente ao Forum Policial "no Rio, e cujos matadores ficaram impunes, nem siquer descobertos".

Castigava o Cesar Americano tambem com remóques poéticos, como este "Omnisciente!":

"Já sei! Já sei! Sábe tudo,
O sábio por excelencia!
Sábe mais do que a Ciencia...
Sábe muito mais que a Lei!
Do passado e do presente
Fêz alto estudo profundo:
Sabe o futuro do mundo...
"Já sei! Já sei!... (Pag. 178).

E para saudá-lo, em dia natalicio, põe na bôca de Lourenço Rodrigão, em honra do seu Senhor, esses versos latinos:

Adventavit ásinus'
Asper et caradurissimus,
Ornejans et tibiíssimus!... (Pag 190).

Era assim Almino, o nosso grande Almino, que o dia

30 de Setembro transportou para Mossoró, afim de associar-se ao grande regosijo popular da libertação dos escravos no Municipio e na Cidade.

Fez muitos discursos, uns dizem 30, outros 15; afinal, um cronista mais criterioso, contou dez. Mas, falou, arrebatou as multidões, até que extenuado, mas, ainda cheio de ardor civico, chegou ao Paço da Câmara Municipal, para a grande cerimonia, cuja recordação hoje reune os norte-riograndenses, que lhe cultuam a memoria e bemdizem os apóstolos da cruzada sacrossanta, a Igualdade Nacional.

"A Republica", de 30 — 9 — 1943.

IMORTAL

A' memoria de Sebastião Fernandes

CAROLINA WANDERLEY

Não morreu. Inda a lirica ardentia
de sua rima vibra — alta e sonora.
Não teve a alma deserta, pois a enchia
lindo sonho de amor que é pranto agora.

Morrer é o esquecimento. E' o fim de um dia
sem que de um outro surja uma outra aurora.
E o fulgor do seu astro inda irradia
centelhas de emoções no mundo em fora.

Subiu da Vida a ingreme montanha
onde encontrou, em profusão estranha,
rosas e espinhos, sombras e esplendor...

Não. Não morreu. A' rubra claridade
do sol glorioso da Imortalidade,
revive o Poeta, canta o sonhador !

Simbolismo na nossa bandeira

Cena-civico teatral para jovens ou crianças, especialmente escrita para a festa de ferias, em Lages.

(O ambiente representa o campo, onde ha ararvores e flores. Ao fundo, o céu com o Cruzeiro do Sul e a Estrela Polar. Si possível, luzes coloridas serão projetadas sobre as figuras).

Personagens

A Patria ..... Uma moça
O Campo verde ..... Um rapazinho
O Losango amarelo ..... Um rapazinho
A Estrela Azul ..... Uma mocinha
A Faixa Branca ..... Uma mocinha
Vinte (20) meninas representam os Estados.
Uma mocinha representa o Distrito Federal.
Sete (7) meninos representam os Territorios.

Cena Unica.

(Ao levantar o pano, acham-se formadas em semicirculo todas as figuras. A Pátria, ao centro, ladeada pelas quatro figuras. Si possivel, cada uma destas terá na mão a guiza de escudo a figura que representa: a 1.ª um retangulo verde, a 2.ª um losango amarelo, a 3.ª uma esfera celeste estrelada e a 4.ª a faixa branca com a divisa "Ordem e Progresso". As demais formam o fundo da cena).

A PATRIA (Vestida de longa tunica branca, em estilo grego, barêto frigio, cóta azul, tendo a tiracola, a Bandeira Nacional):

— Celebramos hoje a Festa da Bandeira. E' um grande dia para os nossos corações patrioticos. Ela recorda, na

Bandeira, todas as nossas glorias militares, todas as conquistas da Civilização, todos os progressos e anceios da Democracia.

Para maior brilho da nossa comemoração e para melhor destacar a grande FESTA CIVICA, ideializada pelo nosso imortal coestadano Manoel Miranda, eu desejava saber de vós, presados simbolos que me acompanhaes, o que cada um de vós significa e representa na formação do nosso pendão adorado.

O CAMPO VERDE: (Vestido de tunica verde, no mesmo estilo, de mangas longas). Sou a riquesa vegetal do país. Sou a base da prosperidade nacional. De mim, das culturas que encerro e dos recursos agricolas que sei produzir, de dentro da área de mais de oito milhões de quilometros quadrados, vivem e prosperam três quatros da Nação, isto é, mais de trinta milhões de brasileiros.

Lembro tambem, no verde da minha côr, aqueles celebrados da Revolução Francesa, que, em 1789, conduziam ramos das arvores do Palais Roial, em Paris, quando se debatiam pelas conquistas da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que é a sintese da Democracia.

A PATRIA: — Realmente, ó Campo amigo, tú és precioso e eu te bemdigo pela tua prodigalidade, pela tua abundancia e pela tua generosidade. Em ti, tudo quando se planta dá, como dizia Pero Vás Caminha, na minha certidão de batismo, em 1500.

O LOSANGO AMARELO: — (Vestido de tunica amareia, do mesmo estilo dos outros) Por minha vês, represento a riquesa mineral: Sou ouro, prata, nikel, cobre, chumbo, sou tudo. Minerios preciosos e minerais belicos eu os possúo em abundancia, nunca vista nem esgotavel.

A chelita, o berilo, a tantalita, a colombita e tantos outros ricos de teor metalico, tal como não ha nesse universo, existem em mim como um lençol infindo.

Em busca desses tesouros, mobilizam-se milhares de patricios, como outrora, Fernão Dias Paes e seus bandeirantes corriam em procura da Serra das Esmeraldas.

A PATRIA: — (agradecida) Imenso e grande é o teu valor, Losango amigo, e sei quanto tens contribuido para a

opulencia das nossas finanças, o brilho das nossas joalherias e a riquesa geral da Nação.

E que dizes tú, ó Linda Esfera Azul?

A FESTA AZUL: (Vestida de tunica azul estrelada). Não é da terra a minha majestade, vem do Céu. Sou um retrato sideral. Lembro o aspecto celeste na noite de 15 de Novembro de 1889, quando foi proclamada a República, no Rio de Janeiro.

A PATRIA: — Mas, tuas constelações, querida Esfera, não são arbitrarias?

Que significação teem tuas estrelas? Quais são a sua posição e as suas relações?

A ESFERA: — Como não? Dir-te-ei, Patria adorada, que tudo em mim tem um significado profundo, uma clara razão de ser. (Aproxima-se da Bandeira).

Vês, por exemplo, a estrela viva que monta sobre a faixa branca?

E' a estrela "Espiga", da Constelação da Virgem recordando o Estado do Pará, que está situado além do Equador.

Essas três outras que veem descendo, á esquerda, são "Procion" da constelação do Pequeno Cão, "Sirius", da do Grande Cão e "Canôpus", da do Navio, todas austraes que representam, respectivamente, Amazonas, Mato Grosso e Goiás, do oeste brasileiro.

Ao centro, contemplamos a constelação do Cruzeiro do Sul, que se compõe de cinco estrelas: Alfa, que é Minas Gerais, Beta, o Rio Grande do Sul, Gama, São Paulo, Deta, Rio de Janeiro e Epsilon, Sergipe.

A PATRIA: — Estou contente com a explanação. Deves conclui-la.

A ESFERA: — De muito bom grato, continuarei. A' Direita da esfera, que vemos?

A Constelação do Escorpião, que se forma de oito estrelas, a saber: (do alto a baixo)
a 1.ª é **Antáres**, por oposição a **Áres**, que é a Baía, **Beta**, a seguir, é o Maranhão, a 3.ª **Lambda**, é o Piauí, a 4.ª é **Têta**, Ceará, **Epsilon**, Pernambuco, **Kapa**, Santa Catarina, **Mu**, Espirito Santo, e **Jota**, Alagoas.

Entre o Cruzeiro e o Escorpião, figura o Triangulo Austral, que se constitue de **Alfa**, Paraná, **Beta**, Paraíba e **Gama**, o nosso querido Rio Grande do Norte.

A PATRIA: — E a última, a mais pequena, aquela que está esquecida?

A ESFERA: — E' a estrela polar, a Sigma, da constelação do Oitante, que representa o Distrito Federal, a cabeça visivel do Brasil.

Todos: — Muito bem! Muito bem!

A PATRIA: — E's de fato um verdadeiro mapa sideral, onde tudo tem um sentido astronomico e a razão de ser politica e nacional.

E tú, Faixa branca, que dizes desse silencio?

A FAIXA BRANCA: — (Tunica branca e a faixa a tiracolo: "Ordem e Progresso"):

Sou um lema e um signo magnifico das verdadeiras crenças e aspirações nacionais. Venho de altos cerebros. Foram Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que me idealizaram, quando organizaram o plano da Bandeira Republicana. Fazemos da trilogia fundamental do positivismo: O Amor por principio e a Ordem por base; O Progresso por fim".

Não obstante lembrar um determinado sistema filosofico e um credo religioso, o meu lema está, hoje em dia, integralmente identificado na consciencia nacional e todos o aceitam, veneram, respeitam e aprovam, sem preferencias doutrinarias. Sou um sinal de união.

A PATRIA: — Aplaudo de coração o teu entusiasmo ó Linda Faixa Branca, por que tù sempre foste a puresa, a estabilidade e o Futuro de nossa Gente.

Todos: — Muito bem! Bravo!

A PATRIA: — Mas, nada sei ainda da significação das cores que exibís, de onde veem e que querem dizer?

O CAMPO VERDE: — Eu sou a Côr da Casa de Bragança, que fundou o nosso Imperio e a Nação.

O LOSANGO AMARELO: — E eu da Casa de Loréna, de onde provinha a primeira Imperatriz Leopoldina, e juntos, em laços indestrutiveis, fomos distribuidos pelo Principe Proclamador, no dia da Independencia, em 1822.

A ESFERA AZUL: — Eu venho de mais longe. Apareci, pela primeira vês, na Bandeira do Brasil Reino. Era uma esfera armilar, que representa o ciclo da Ciencia, da Sabedoria. Era de ouro. Figurei no Escudo do Brasil. Depois, ornava o centro da Bandeira Imperial. Por fim, transformei-me na Celeste Esfera, que ainda mais que a armilar significa a imensidade do Universo e o Sumo Creador, que é Deus.

A FAIXA BRANCA: — Eu, porém, sou a novidade da nossa Bandeira. Aí me colocaram, em representação dos NOVOS IDEIAIS. Não vinha de outra qualquer bandeira, nem nenhuma outra no mundo contem uma inscrição. Sou a Unica que tem lema próprio e altos designios.

Todos: — Otimo! Esplendido!

A PATRIA: — Ainda insisto em saber que significam as vossas côres. Déstes-me a vossa origem. Falta o sentido artistico. Qual é, então?

A FAIXA: — Eu sou Diamante, a inocencia, a candura e a virgindade. Quem me usava outrora era obrigado a defender as donzelas e a amparar os orfãos.

A ESFERA: — Quero representar a majestade, a confiança e a serenidade da nossa Pátria, no concerto das Nações. Sou a Safira.

O LOSANGO: — Sou o ouro, a riquesa, a fé, a constancia, e a purêsa. E sou o Topasio.

O CAMPO: — E eu, finalmente, traduzo a liberdade,

a esperança, a abundancia e a prosperidade.Sou a esmeralda.

(Todos aplaudem com palmas. Ouvem-se os sons iniciais do Hino da Bandeira.)

A PATRIA: — Agora que tudo está explicado e que a nossa Augusta Bandeira tem um verdadeiro sentido, cumpre-nos desfralda-la aos quatro ventos, faze-la pairar sobranceira sobre todos os espiritos e corações, levar-lhe o canto das nossas almas, na mais linda saudação que jamais foi dirigida ao emblema heraldico de uma Nação : (Castro Alves).

"Auriverde Pendão de minha Terra!
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que em verde e ouro encerra
As promessas divinas da Esperança !"

Cantam o hino da Bandeira de Olavo Bilac e Francisco Braga. O pano vai caindo lentamente.

Tableau

Natal, 25 de Novembro de 1943.

Expediente

Novos Estatutos da Academia Norte Riograndense de Letras (A. N. R. G. L.)

Art. 1.º — A Academia Norte-Riograndense de Letras, fundada a 14 de Novembro de 1936 e filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, (F. A. L. B.) é uma sociedade civil, de fins culturais, tem fôro e séde nesta Cidade do Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, destina-se ao cultivo da lingua e da literatura nacional, especialmente a deste Estado e não tem duração determinada.

A Academia tem por lema ou divisa: "AD LUCEM VERSUS", da autoria do academico Luiz Monte (Conego).

Art. 2.º — A Academia é constituida de trinta (30) cadeiras, denominadas e patrocinadas por nomes notáveis na cultura, na inteligencia e no alto conceito moral, filhos do Estado, numeradas segundo a ordem cronológica do nascimento de cada patrono e preenchidas nos têrmos destes Estatutos.

Art. 3.º — A Academia compõe-se dos sócios assim classificados:

1.º — Trinta (30) SOCIOS EFETIVOS e perpétuos, com o título de ACADEMICOS, para tal eleitos e empossados solenemente em suas cadeiras;

2.º — Correspondente, sem número limitado, desde que residentes fóra do Estado, sem prejuizo dos que já pertencem a este quadro;

3.º — Ausentes, segundo os preceitos adiante estabelecidos; e

4.º — Honorários os que forem proclamados ou forem eleitos por dois terços (2/3) dos votos da Academia.

Art. 4.º — São condições para a admissão de :

a) sócio efetivo e perpetuo:

I) — ser brasileiro nato;

II) — ser norte-rio-grandense ou ter mais de dez (10) anos de residencia neste Estado;

III) — ter publicado trabalho de reconhecido mérito, em qualquer ramo da literatura, ou possuí-lo inédito, submetendo um ou outro á apreciação da Academia;

IV) — ter requerido sua inscrição, na fórma destes Estatutos e do Regimento Interno da Academia.

Parágrafo Único — O candidato apresentará, com o seu pedido de inscrição, uma ficha bio-bibliografica, em duas vias, e, ao menos, dois exemplares de cada trabalho seu, ou o original do inédito.

b) — Para sócio correspondente é necessário preencher os requisitos das letras A, ns. I a III deste artigo, menos quanto á apresentação dos trabalhos, e ser eleito pelo voto livre da Academia.

c) — Consideram-se Sócios Ausentes os que não tiverem tomado posse solene de sua cadeira, no prazo de um ano, a contar da data destes Estatutos, ou, em caso de vaga futura, da sua eleição.

d) — A Academia poderá proclamar Sócio Honorário, pelo voto de 2/3 de seus membros o filho do Estado notavel pelo seu saber e virtudes ou por serviços ás letras e á Pátria.

Art. 5.º — Quatro quintos (4/5), pelo menos, dos sócios efetivos da Academia deverão ter residencia nesta capital.

Art. 6.º — A Academia será administrada por uma diretoria composta de um Presidente, Secretário Geral, 1.º e 2.º secretários, tesoureiro, bibliotecário e diretor da "Revista".

§ 1.º — A Academia manterá junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, na Capital Federal, uma delegações de três (3) membros, com as atribuições, direitos e deveres constantes do Código das Academias, arts. 39 a 44.

§ 2.º — A Academia terá tambem comissões permanentes de Contas, Sindicancia, Revista e Regimento Interno, sempre constituídas de três membros.

Art. 7.º — A eleição da Diretoria e das Comissões

permanentes será procedida anualmente, no mês de Dezembro, por voto secreto, não sendo permitidas as reeleições para o mesmo cargo, antes de decorridos dois anos do termo do mandato anterior.

Parágrafo Único — A eleição dos delegados junto á F. A. L. B. obedecerá aos preceitos do Código das Academias.

Art. 8.º — O Regimento Interno, aprovado pela Academia, em sessão plena e pelo voto, pelo menos, de sua maioría absoluta, conterá normas indispensáveis para:

a) o funcionamento normal ou solene da Academia;

b) as atribuições dos membros da diretoria e das comissões permanentes ou especiais;

c) a especificação dos direitos e obrigações dos academicos e outros associados; e

d) a regulamentação do processo das eleições academicas.

Art. 9.º — O Presidente da Academia dirige os trabalhos da associação e a representa ativa e passivamente, em juizo ou fóra dêle e em suas relações com o Poder Público e para com terceiros.

Art. 10.º — A Academia funcionará com (5) academicos, salvo em matéria eleitoral, e deliberará com seis (6) dêles.

Parágrafo Único — Para a eleição da diretoria e das comissões permanentes, bem assim para a escolha de novos sócios efetivos ou correspondentes, são exigidos os votos de metade e mais um dos sócios efetivos, quer presentes, quer representados, quer em carta autentica e dirigida fechada ao Presidente. ....

Art. 11.º — Somente com prévia venia da Academia poderá o academico declarar essa qualidade nas obras que publicar.

Art. 12.º — A Academia poderá pleitear e aceitar auxilios, dadivas ou doações do poder público ou de particulares, bem como desempenhar encargos que visem o progresso das letras e da cultura nacional.

Art. 13.º — Os sócios da Academia não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais contraídas em nome dela, por seus dirigentes.

Art. 14.º — A reforma parcial, ou integral, destes Estatutos, especialmente no que toca á administração social, á extinção da sociedade e ao destino do seu patrimonio, exigem, sob pena de nulidade, o voto expresso de dois terços (2|3) dos sócios efetivos.

Art. 15.º — Em caso de extinção da Academia, salvo deliberação em contrário, tomada no mesmo ato da extinção, será pelo tesoureiro liquidado o passivo e o saldo, si houver, do patrimonio reverterá em favor do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ou, na falta deste, de outra instituição cultural em funcionamento nesta capital.

Art. 16.º — Estes Estatutos entrarão em vigor na data da sua publicação no Orgão Oficial do Estado, ficando revogadas as disposições em contrário.

Natal, 12 de Junho de 1948.

A Comissão de Reforma,

aa) **Januário Cico**
Nestor Lima, Relator
Paulo Pinheiro de Viveiros, 1.º Secret.

Aprovados e promulgados em Assembléia Geral desta data.

Natal, 10 de Março de 1949.

aa) **Nestor Lima**, P. Intº.
Paulo Pinheiro de Viveiros.
Antonio Fagundes, 2.º secret.

Publicados, na integra, no Orgão Oficial do Estado, "A Republica", edição n.º 69|49, de 27 de Março de 1949.

Averbados no Oficio de Pessôas Juridicas, desta Capital, (Cartorio 4.º de Antidio de Azevedo) sob n. de ordem, 47, de 17 de Maio de 1949 (fls. 83, do livro n. 3).

Novo Regimento Interno

Das sessões da Academia

Art. 1.º—A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (A. N. R. G. L.), reunir-se-á, ordinariamente, duas vêses por mês, em dias e horas previamente designados, e, extraordinariamente, em sessões solenes, públicas, de recepção e de homenagem a socio falecido, quantas vêses o Presidente convocar, ou cinco socios efetivos o requererem.

Art. 2.º — As sessões serão dirigidas pelo Presidente, que terá á sua direita o Secretario Geral e o 2.º Secretario e, á esquerda, o 1.º secretario e o tesoureiro.

§ 1.º — A Academia funcionará com cinco membros efetivos e somente deliberará com seis deles.

§ 2.º — Para a eleição da Diretoria, comissões permanentes, novos socios efetivos, ou correspondentes, faz-se necessária a maioria absoluta dos votos academicos (art. 10, § único, dos Novos Estatutos).

Art. 3.º — A sessão ordinária tem por fim cumprir a disposições do art. 1.º dos Novos Estatutos, devendo sempre figurar na "Ordem do Dia" assunto pertinente á literatura e á lingua nacional, e, em especial, ás letras norte-rio-grandenses.

§ 1.º — Compôr-se-á a sessão ordinária de expediente e ordem do dia.

§ 3.º — O expediente, que terá o prazo de uma hora, prorrogavel pelo assentimento da Casa, contará de:

a) leitura, pelo 2.º secretário, da ata da sessão anterior, ou outras, sua discussão e aprovação, para a devida assinatura;

b) leitura do expediente pelo 1.º secretário;

c) apresentação, por escrito, ou verbalmente, de propostas, indicação, requerimentos e outros, sendo permitido o uso da palavra para explicações, reclamações, ou leitura de trabalho inédito;

d) apresentação de trabalhos oferecidos á Academia

feita pelo 1.º secretário, que fará rapida análise da obra e do autor;

e) leitura do Relatório e parecer da comissão de Sindicancia sôbre inscrição de novos academicos e propostas para sócios correspondentes, salvo si fôr pedida a sessão secreta.

§ 4.º — Contará a ordem do dia:

I) do assunto especialmente designado para a sessão;

II) da discussão de proposta, requerimento ou indicação apresentada no expediente, ou vinda de sessão anterior ;

III) do assunto referente á lingua ou literatura e

IV) do encerramento da sessão, devendo o presidente designar a ordem do dia da sessão seguinte.

§ 5.º — A votação dos assuntos constantes da ordem do dia só se fará na mesma sessão, em que êles forem apresentados, si não fôr pedida e concedida a prorrogação para a imediata.

§ 6.º — Póde o academico, em qualquer momento da sessão, pedir a palavra, pela ordem, afim de esclarecer ou encaminhar pedidos de preferencia, adiamento, encerramento de discussão e votações nominais, ou não.

§ 7.º — A votação será sempre simbólica, ou nominal, devendo esta ser requerida e concedida pelo voto da maioria e, si houver empate, pelo voto de qualidade do Presidente.

Art. 4.º — A Academia reunir-se-á, solenemente, para receber novos academicos, celebração de feitos notaveis e homenagear sócios falecidos ou figuras ilustres nas letras, ciências ou artes.

§ 1.º — Para a sessão solene, haverá convites especiais por escrito, sendo o do Chefe do Estado feito pessoalmente, pela diretoria, ou quem ela designar.

§ 2.º — Quando se tratar de recepção do novo Academico, êste será introduzido á sala da sessão por uma comissão de três (3) sócios, designada pelo Presidente.

§ 3.º — O sócio encarregado de receber o novo Academico tomará assento á Mesa da Diretoria, de onde fará a saudação protocolar.

§ 4.º — O novo Academico subirá á tribuna e proferirá o seu discurso de elogio ao Patrono, si fôr primeiro ocupante, e, a êste e ao seu antecessor, nos demais casos.

§ 5.º — Após a saudação da Academia, o Presidente, de pé, e assim, toda a assistência, proclamará o novo sócio investido de todas as prerrogativas de Academico e sócio efetivo e perpétuo da Academia.

Art. 5.º — A requerimento de cinco (5) academicos, no mínimo, ou por deliberação da Diretoria, ou do Presidente, reunir-se-á extraordinariamente a Academia, para tratar de assunto relevante e urgente.

Art. 6.º — A sessão pública da Academia é destinada a comemorações, conferencias de academicos ou extranhos, devidamente convidados e nela será permitida a entrada de extranhos, independente de convite.

§ 1.º — Será pública a última sessão ordinária do ano, para a apresentação do relatório do Presidente e do retrospecto literário do Secretário Geral, um e outro referentes ao ano a findar.

§ 2.º — Tambem será pública a sessão anual de posse da nova Diretoria, devendo o Presidente lêr o seu programa de atividades.

§ 3.º — Dentro de trinta dias do falecimento de um academico, ou sócio de outra categoria, haverá a sessão de homenagem ao desaparecido, cujo panegírico será feito por outro academico designado pelo Presidente. Poderá tambem usar da palavra um representante da familia do homenageado. A sessão será pública.

Art. 7.º — Destina-se a sessão secreta ao conhecimento, estudo, discussão e votação de assunto intimo, ou de carater privado, bem assim, ao conhecimento e apreciação do Relatório e parecer da Comissão de Sindicancia sôbre novos sócios, e ás eleições academicas.

§ 1.º — Da sessão secreta, não haverá ata, salvo as eleitorais, devendo-se guardar todo o sigilo acêrca do que ocorrer.

§ 2.º — E' permitido a qualquer sócio requerer que se transforme em sessão secreta a ordinária, segundo a natureza da matéria, ou, se faça uma reunião extraordinária, de carater secreto, da Academia.

Art. 8.º — E' facultado ao academico falar sentado nas sessões ordinárias, extraordinárias e secretas. Nas sessões solenes, pública ou de recepção, falará da tribuna. O Presidente falará de sua cadeira e o secretário geral fará tambem de sua cadeira o retrospeto literário anual.

Da Administração

Art. 9.º — A Administração da Amademia cabe á diretoria composta de Presidente, secretário geral, 1.º secretário, 2.º secretário, tesoureiro, bibliotecário e diretor da "Revista", auxiliada por funcionários que a casa julgar necessários ao seu serviço.

§ 1.º — A diretoria se reunirá, sempre que fôr necessario, em ssões especiais, por convocação do Presidente, ou a pedido de qualquer dos seus membros. A matéria debatida e adotada pela diretoria será levada ao conhecimento da Academia.

§ 2.º — Além das atribuições e deveres prescritos nos Estatutos e noutros artigos dêste Regimento, compete á Diretoria:

a) propôr e declarar ausente o sócio efetivo que, no prazo de um ano, não tiver sido empossado solenemente e considerar vaga a cadeira, cujo preenchimento obedecerá aos preceitos dos Novos Estatutos e dêste Regimento;

b) propôr á Academia a revisão do quadro dos patronos, pela fórma adeante prescrita;

c) propôr a nomeação e demissão dos empregados aplicando-lhes as penas de advertenecia, repreensão e suspensão ;

d) exercer censura sôbre discursos que tenham de ser proferidos nas sessões solenes, públicas ou de recepção, dêles eliminando, de acôrdo com o seu autor, tudo que importe desrespeito á ordem, aos bons costumes, aos deveres de urbanidade e ao decôro da Academia;

e) propôr, quando e como lhe parecer conveniente, a criação e supressão de empregos, diminuição ou aumento de seus salários, supressão de despêsas, concessão de prêmios ou auxilio em beneficio das letras e, finalmente, o que julgar util á Academia.

§ 3.º — As deliberações da diretoria serão tomadas por maioria de votos, tendo o presidente direito de desempate.

§ 4.º — Na falta ou impedimento de qualquer membro da diretoria, até o máximo de sessenta dias, a substituição se processará automaticamente, na seguinte ordem: o presidente pelo secretário geral, o secretário geral pelo 1.º secretário, êste pelo 2.º secretário, e assim pelos demais membros da diretoria, na ordem do art. 9.º.

§ 5.º — Ultrapassado o prazo de sessenta dias, a não ser que a Academia reconheça justa causa, proceder-se-á á eleição do substituto, na sessão ordinária seguinte, salvo si apenas faltarem sessenta dias para a terminação do mandato da diretoria, quando continuará a substituição automática, na forma do parágrafo antecedente. Identica regra se observará em caso de vaga ou renúncia de qualquer dos membros da diretoria.

§ 6.º—Si ocorrer a renúncia coletiva da diretoria, assumirá a presidencia o mais idoso dos academicos presentes, que comporá a mêsa provisoria, afim de que, na sessão ordinária seguinte, se proceda á eleição da diretoria definitiva, até o têrmo do periodo social, salvo a hipotese do § 5.º dêste artigo, na qual a diretoria provisória preencherá o mandato até seu têrmo.

Art. 10.º — O Presidente representa a Academia, em juizo ou fóra dêle, ativa e passivamente, perante o Poder Público e em suas relações com terceiros.

§ 1.º — Além de outras atribuições e deveres constantes dos Estatutos e dêste Regimento, compete-lhe:

a) presidir as sessões, dirigindo os trabalhos e fazendo observar os Estatutos e Regimento Interno, para o que lhe é expressamente facultado dar a palavra aos academicos, retirá-la, quando julgar inconveniente ou desrespeitosa a sua atitude, chamar a atenção dos oradores, suspender, e, em último caso, encerrar a sessão, antes do prazo regimental;

b) rubricar os livros, assinar as atas, despachar o expediente e a correspondenecia e designar, com o secretário geral, a materia da "ordem do dia", para a sessão seguinte;

c) nomear as comissões especiais, para determinados

fins, designar quem deva representar a Academia nas solenidades e em outros atos para que ela tenha sido convidada ;

d) autorizar as despesas extraordinárias, submetendo-as á posterior aprovação da diretoria, e, si exceder de Cr$ um mil cruzeiros (1.000,00), da própria Academia;

e) ordenar as despêsas ordinárias e requisições votadas no Orçamento anual e assinar, ou visar, as ordens de pagamento;

f) designar o academico incumbido de receber e saudar o novo Academico, na sessão de sua posse;

g) comunicar á Federação das Academias de Letras do Brasil as ocorrências da Academia que interessarem áquela e o falecimento de qualquer dos seus membros, para efeito de vaga e abertura da inscrição;

§ 2.° — O presidente usará sempre do voto de desempate, além do voto comum nos escrutinios secretos.

Art. 11.° — Ao Secretário Geral, ao par das outras atribuições e deveres, compete mais:

a) comparecer, assiduamente, á séde da Academia, tomar conhecimento de expediente e da correspondência, superintender todos os serviços, informar ao Presidente do andamento dos trabalhos e requisitar as medidas e providências que se tornarem necessárias;

b) receber os relatórios e pareceres, facilitando ás comissões e relatores os meios para o bom desempenho de sua missão;

c) apresentar, na última sessão do ano, o retrospéto literário, com o resumo das atividades academicas.

Art. 12.° — Compete ao 1.° secretário, juntamente com o que se acha estabelecido noutros artigos dêste Regimento:

a) encaminhar ao Secretário Geral todo o expediente, depois de lido em sessão e convenientemente despachado;

b) emitir parecer, sob solicitação do Presidente, acerca de propostas, requerimentos e indicações;

c) ter sob seu cuidado e responsabilidade os arquivos da Academia;

d) apurar as eleições, juntamente com o 2.° secretário.

Art. 13.° — Ao 2.° secretário compete:

a) lavrar a ata das sessões da Academia, ou da diretoria, lê-las, e assiná-las com o presidente;

b) ter sob sua responsabilidade os livros da Secretaria e trazer em dia e em bôa ordem a sua escrita;

c) relatar os trabalhos da diretoria e emitir os pareceres, de que ela seja incumbida.

Art. 14.º — Incumbe ao tesoureiro:

a) a guarda e administração do patrimônio social, de acôrdo com a diretoria;

b) arrecadar a receita e satisfazer as despêsas autorizadas;

c) propôr a redução de despesas, ou a ampliação de verbas orçamentárias;

d) apresentar á diretoria o balanço geral da receita e despesa de cada ano financeiro, acompanhado do quadro demonstrativo dos valores e bens que constituirem o patrimônio; e

e) requisitar do Presidente o que fôr necessário para o bom desempenho de suas funções.

Art. 15.º — Compete ao Bibliotecário:

a) ter sob sua direção a Bibliotéca, promovendo-lhe a organização e desenvolvimento, especialmente no que diz respeito á literatura nacional e, mais particularmente, á do Estado;

b) solicitar dos sócios um exemplar de cada uma de suas obras;

c) fazer registrar, em livro especial, as doações e compras, apresentando, na última sessão ordinária do ano, o relatório do movimento da Bibliotéca;

d) promover a permuta de publicações da Academia com as suas congeneres, outras associações, revistas e jornais; e

e) elaborar e propôr alterações no Regimento da Biblioteca.

Art. 16.º — Ao diretor da "Revista", que será tambem membro da comissão de revista, incumbe;

I) redigir, com os outros membros da comissão e os academicos, uma publicação periodica semestral, ou anual, que será o orgão das relações espirituais da Academia.

II) estabelecer o plano da "Revista", distribuindo-a

em secções, tornando-a atraente e expressiva da cultura norte-rio-grandense; e

III) sugerir á Academia tudo quanto possa melhorar as condições da "Revista", inclusive sua regularidade e maior desenvolvimento.

Das eleições

Art. 17.º — Na penúltima sessão ordinária de cada ano, será eleita a diretoria, não se considerando eleito quem não reunir, pelo menos, metade e mais um dos votos da totalidade dos sócios efetivos, procedendo-se, imediatamente, nova eleição parcial, para preenchimento do cargo, ou cargos não preenchidos pela fórma acima indicada.

Art. 18.º — Serão eleitos membros efetivos da Academia os que, preenchendo as condições exigidas pelo art. 4.º dos Novos Estatutos, se apresentarem candidatos, mediante carta dirigida ao Presidente, no prazo das inscrições. O candidato apresentará a sua ficha bio-bibliografica, em duas vias, a relação de suas obras, trabalhos, ou produções que tenham valor cultural, ou o original de trabalho seu inédito, e dois exemplares de cada trabalho publicado.

§ 1.º — Ocorrendo o falecimento de um Academico, o presidente comunicará o fato á Federação das Academias do Brasil, e, em seguida, convocará a Academia, que conhecerá do fato, declarará aberta a vaga, e, após a sessão funebre de homenagem ao sócio falecido, mandará publicar edital com o prazo de sessenta (60) dias para a inscrição dos candidatos.

§ 2.º — Findo esse prazo, o Presidente submeterá as cartas de inscrição e os trabalhos apresentados á Comissão de Sindicancia, e, uma vez apresentado por esta o relatório e parecer acerca dos candidatos e das inscrições, bem como das obras oferecidas, no prazo de quinze (15) dias, tomará conhecimento deste, em sessão ordinária, ou secreta, para marcar o dia da eleição, que se realizará dentro de duas semanas, mediante aviso pela imprensa.

§ 3.º — No dia designado, realizar-se-á a eleição do Novo Sócio efetivo, por escrutinio secreto, e só será considerado eleito o candidato que obtiver a metade mais um

dos votos dos academicos empossados, ao tempo da eleição, quer presentes á sessão, quer representados, por meio idoneo, quer enviados os votos ao Presidente, em cartas fechadas e autenticadas.

§ 4.º — Sempre que o número de sócios efetivos fôr ímpar, a maioria absoluta será representada pela metade do número imediatamente superior áquele.

§ 5.º — Si se não verificar, no primeiro escrutinio a maioria exigida, proceder-se-á segundo, ou, ainda, terceiro, e, si, em nenhum deles, qualquer candidato não obtiver a maioria absoluta, considerar-se-á cancelada a inscrição e aberto o prazo de sessenta dias para novos candidatos.

§ 6.º — Ao academico residente fóra de Natal, ou impedido de comparecer á eleição, é permitido outorgar poderes a outro, que o represente, ou remeter seu voto em carta fechada e autenticada ao Presidente, sempre secreta, sendo um voto para cada escrutinio.

§ 7.º — E' proibido ao academico comprometer seu voto ou qualquer manifestação, pró ou contra candidato inscrito, ficando, nessa hipótese, inibido de participar da votação respectiva.

Art. 19.º — As eleições para sócio correspondente serão procedidas, mediante proposta de três (3) academicos e, após a informação da Comissão de Sindicancia, acerca do mérito de cada proposta, considerar-se-á eleito quem obtiver a maioria absoluta dos votos da casa.

§ 1.º — Na sua classificação, dará preferência a Comissão de Sindicancia.

a) a brasileiros notaveis, que se hajam ocupado da cultura norte-rio-grandense, ou dêem relevo á literatura nacional;

b) a sábios ou escritores extrangeiros que tenham estudos relativos ao Brasil.

§ 2.º — A Comissão terá o prazo de trinta (20) dias para emitir a informação. que será votada na primeira sessão ordinária.

§ 3.º — Ao novo membro correspondente será comunicada a sua eleição e enviado o diploma respectivo.

Dos Academicos

Art. 20.º — Em dia previamente designado e anunciado por aviso da Secretaria, na imprensa local, reunir-se-á a Academia para receber o candidato eleito para a classe de sócio efetivo, que terá o título de academico e será perpétuo, logo após pronunciar o discurso acêrca da obra literaria, ou expressão cultural, do patrono da cadeira, si fôr o primeiro ocupante, e dêste e do seu antecessor, nos demais casos.

§ 1.º—Ao discurso do recipiendário responderá o academico designado nos têrmos dêste Regimento.

§ 2.º — O prazo para a posse do eleito não deverá exceder de um ano, sem prorrogação, sob pena de ausencia.

§ 3.º — Somente o ato da posse confere ao sócio o gôso das prerrogativas academicas.

Art. 21.º — O título academico somente se suspenderá por tempo certo, pelo voto da maioria de seus pares e as prerrogativas do seu detentor serão perpétuas e indeclináveis.

Art. 22.º — Aos academicos é facultado declarar, nas obras que publicarem e precedendo venia da Academia, a sua qualidade.

Das comissões permanentes

Art. 23.º — Três serão as comissões permanentes: a de Revista e publicações, a de Contas, a de Sindicancia.

§ 1.º — Incumbe á comissão da Revista e publicações:

a) publicar obras inéditas, ou que tenham suas edições exgotadas, de escritores norte-rio-grandenses;

b) organizar e publicar a Historia da Academia, desde a sua criação e fundação;

c) publicar um dicionário de regionalismos, e sempre que possível, o "Anuário Academico";

d) redigir, com o diretor da Revista, o orgão oficial da Academia;

e) oferecer sugestões ao diretor da Revista, para o fim de torná-la um documento digno da cultura do Estado.

§ 2.º — A' Comissão de Contas compete:

a) ter sob sua imediata fiscalização todo o patrimonio

da Academia, respeitadas as atribuições da Diretoria e do tesoureiro, em particular;

b) fiscalizar a aplicação das verbas orçamentárias e resolver, com a diretoria, acerca de qualquer proposta que importe em despêsa;

c) dar parecer sôbre o balanço e contas apresentados pelo tesoureiro, orçamentos elaborados pela diretoria e quaisquer propostas, que acarretem despêsa;

d) atender ás solicitações que lhe forem dirigidas pela diretoria e pelo tesoureiro.

§ 3.º — E' atribuição da Comissão de Sindicancia:

a) relatar e dar parecer sôbre as inscrições e trabalhos dos candidatos á Academia, manifestando-se sobre o mérito, ou demérito, dos trabalhos que lhe forem presentes;

b) dar parecer sobre as propostas para socios correspondentes;

c) investigar e propôr acêrca das denúncias apresentadas contra sócios de qualquer categoria, e

d) apreciar qualquer trabalho de sócios ou extranhos, oferecido à Academia, para ser lido em sessão, ou publicado na Revista.

Art. 24.º — Cada uma dessas comissões compôr-se-á de três (3) membros, eleitos na mesma sessão eleitoral da diretoria e terá como presidente o mais idoso.

Disposições gerais

Art. 25.º — A Academia poderá, pelo voto de quatro quintos (4|5) de seus sócios efetivos, mediante pedido ou sob consulta ao ocupante respectivo, proceder á revisão do QUADRO DOS PATRONOS, substituindo-os por outros nas condições dos Estatutos, caso ainda não estejam constituidas as cadeiras, com a posse dos titulares perpétuos.

Parágrafo único — Poderá tambem, mediante as condições acima expressas, no praso de um ano, qualquer sócio efetivo, que se empossar nesse prazo, substituir por outro o patrono de sua cadeira, bem assim, o sócio que suceder, na cadeira, outro declarado ausente, nos têrmos da letra D do art. 4.º dos Novos Estatutos.

Art. 26.º — A Academia, para melhor desempenho de

suas finalidades, poderá empreender a realização de obras culturais, que julgar convenientes, cursos, congressos, concursos e organizar as instruções, que se fizerem necessárias.

Art. 27.º—Quando a Academia tiver de deliberar sobre qualquer dos assuntos previstos no art. 14 dos Estatutos, o presidente determinará que se enviem a todos os academicos cópia integral da proposta, que só poderá ser votada, trinta (30) dias depois de feita essa comunicação.

Parágrafo único — Ao academico ausente, ou impossibilitado de assistir a discussão e votação do assunto proposto, é licito constituir procurador um colega, ou enviar, por escrito assinado, o seu parecer e voto.

Art. 28.º — Salvo convite de autoridade pública para solenidade ou festa oficial, a Academia só se fará representar nas de carater literário, cientifico ou artistico.

Art. 29.º—E' licito á Diretoria, com anuência da Academia, convidar escritores, ou personalidades ilustres, para realizarem conferências ou cursos, na séde social, com acesso ao público.

Disposições transitórias

Art. 1.º — O presidente designará uma comissão de três membros para projetar a Bandeira, **ex-libris**, escudo, sêlo e carimbo da Academia, mediante aprovação desta em sessão especial.

Art. 2.º — O presente regimento interno entrará em vigor na data da sua publicação, no órgão oficial do Estado, ficando revogadas as disposições em contrário.

Natal, 7 de julho de 1948.

A Comissão:

aa) **Januario Cico**, presidente.
Nestor Lima, relator.
Paulo de Viveiros.

Aprovado em sessão desta data.

Natal, 31 de março de 1949.

aa) **Paulo de Viveiros**, presidente.
Américo de Oliveira Costa, secretário geral.
Hélio Galvão, 1.º secretário.
Bezerra Júnior, 2.º secretário.

Publicados no Orgão Oficial do Estado, "A Republica", edição n. 85|49, de 17 de Abril de 1949.

Notas da Academia

O QUADRO DA ACADEMIA

Não é ainda possivel publicar o quadro de socios efetivos da Academia de Letras, porque, de acordo com a reforma dos estatutos sociais, de 10 de março de 1949, e Regimento Interno, de 31 de março do mesmo ano, ainda é fativel uma revisão integral ou parcial do quadro dos Patronos e dos Academicos, para adapta-lo ás conveniencias e á letra daqueles diplomas academicos.

Ha tambem que reorganizar o quadro social, em face do disposto na letra C do art. 4.º dos Estatutos, com relação aos que não se empossaram no praso concedido para o elogío dos seus patronos.

SOCIOS HONORARIOS

A Academia incluiu entre os socios, que a formam, uma classe de Honorarios destinada a galardoar patricios eméritos nas letras e nas ciências, que teem tido notavel atuação na vida nacional.

Os drs. Augusto Tavares de Lira, Tobias Monteiro, Alberto Maranhão, (já falecido), Rodolfo Garcia, (já falecido) e João Manoel de Carvalho Santos, todos nascidos neste Estado, bem mereceram esse galardão e constitúem a galeria dos Honorarios da Academia.

SOCIOS COORESPONDENTES

Na classe dos socios correspondentes tem sido incluidos os nossos distintos patricios do interior e de fóra do Estado, que foram julgados dignos da investidurla.

Vivaldo Pereira, Raimundo Nonato, Padre Eimar L'Eraistre Monteiro, Palmerio Filho, no interior, e Drs.

Cristovam Dantas, Uldarico Cavalcanti, Dr. João José Maria Francisco Rodrigues de Oliveira, da Ilha da Madeira, (já falecido), foram eleitos para a classe dos correspondentes da Academia.

PREDIO DA ACADEMIA

Em virtude de vários entendimentos entre a Academia e a Prefeitura de Natal, já está escolhido e transferido à Academia de Letras, para servir-lhe de séde, o terreno situado ao norte da Praça Tomás de Araújo, (ex-Quartel Federal), no qual será construido, de futuro, o predio para as reuniões do nosso sodalicio.

Foi uma feliz iniciativa do nosso consocio presidente, academico Paulo de Viveiros, que deixa assim marcada a sua passagem pela direção da Casa, com um traço de grande relêvo e importancia.

Fasemos votos por que essa iniciativa encontre seguidores e, dentro do praso da concessão, estejam lançados os alicerces da nossa Academia.

ESCUDO DA ACADEMIA

Está em vias de ser submetido á apreciação da Academia o esboço do "Escudo" da Academia, projéto de uma distinta religiosa do Colegio da Imaculada Conceição, a instancias do academico monsenhor José Adelino. A comissão encarregada de organisar o esboço já o examinou e vem trasê-lo, dentro em breve, ao exame da Casa, mas, não poude alcançar a publicação do presente número da "Revista", como era do desejo expresso dos academicos.

Tudo faz crer que, no segundo número da "Revista", esse desejo ficará satisfeito plenamente.

PRESIDENCIA :

Desde a sua fundação, a Academia tem sido dirigida pelos academicos Henrique Castriciano (fundador), Antonio

Soares, Juvenal Lamartine, Paulo de Viveiros, Edgar Barbosa e, novamente, Paulo Viveiros, cujo mandato expira a 31 de dezembro em curso.

Pela primeira vês, sai á publicidade a "Revista" da Academia, que, desde logo, presta as suas homenagens aos presidentes do sodalicio e que tudo fizeram para que ele alcançasse o êxito desejado no campo das letras.

Uma desses **desiderata**, era a apologia e o estudo dos patronos, escolhidos pelos academicos para lhes servirem de guia e fanal e isso já está quase completo, porque, em suas fases anteriores, foram proferidos os discursos justificativos da eleição de cada um, seis (6) dos quais vão insertos na primeira parte desta publicação.

Outros virão a seguir, si possivel, na ordem da data em que cada um foi perfilado e defendido.

ACADEMICO PAULO VIVEIROS

Viajou ao sul do País, para faser estação daguas em Minas, o nosso presado confrade, academico Paulo Viveiros, presidente da Academia e que muito se tem dedicado ao progresso da instituição e trabalhado pelo seu renome e êxito.

Acompanhou-o sua exma. Esposa, com seus filhos. Sua demora será de pouco tempo e breve retornará ao nosso convivio.

GOVERNADOR SILVIO PIZA PEDROZA

Em virtude de dispositivo constitucional expresso, assumiu as rédeas do Governo Estadual, o nosso ilustre conterraneo dr. Silvio Piza Pedrosa, que fôra eleito e empossado, na chapa da Aliança Democratica, para as eleições de 3 de outubro de 1950.

Levamos ao nobre Governador a expressão do nosso aplauso e os votos por uma administração pacifica, honrada e feliz.

ACADEMICO AMERICO DE OLIVEIRA COSTA

Constituiu um acontecimento de íntimo regosijo a nomeação do nosso caro companheiro de Redação e membro da Academia para o alto cargo de Secretario Geral do Estado, em dias de abril do corrente ano, cargo a que vem dando todo o prestigio de sua inteligencia e cultura, não só na administração Dix-sept Rosado, como na do seu sucessor, dr. Silvio Pedrosa.

Congratulamo-nos efusivamente com o querido colega.

EMBAIXADOR JOSE' AUGUSTO

O nosso presado confrade deputado José Augusto foi escolhido muito acertadamente para faser parte da embaixada especial do Brasil à assembléia geral da Organisação das Nações Unidas, em Paris, neste fim de ano. Nossas cordeais congratulações.

VIAJANTES

Varios tem sido os viajantes ilustres que a Academia tem recebido em suas sessões, prestando-lhes um tributo de apreço por seus distintos predicados morais e intelectuais: Uldarico Cavalcanti, Cristovam Dantas, Alberto Maranhão, José Augusto, Adauto da Câmara, aliás, sócios efetivos os dois últimos, honorario o terceiro, correspondente os dois primeiros.

Foram minutos de intenso jubilo na Academia os dessas visitas e recepções.

GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO E AUXILIARES

A "Revista" presta igualmente uma homenagem sincera á memoria do inclito cidadão Jeronimo Dix-sept Rosado Maia, governador eleito e empossado para o quinquenio de 1951-1956, tragicamente vitimado no desastre de avia-

ção do Rio do Sal, em Sergipe, no dia 12 de julho deste ano.

Foram vitimas tambem do doloroso evento os srs. dr. José Gonçalves de Medeiros, agronomo Felipe Pegado Cortês e dr. José Borges de Oliveira, auxiliares da administração do Estado, em exercicio.

Além desses tristes passamentos, registraremos o sinistro de 30 de março em Tacima, Estado da Paraíba, no qual pereceram os drs. Mario Negocio de Almeida e Silva, secretario geral do Estado, e Omar Romero de Medeiros, comerciante, ambos figuras de relêvo entre nós.

Aos saudosos conterraneos uma comovida saudade.

MORTOS DA ACADEMIA :

Temos infelizmente que registrar, nas páginas da nossa "Revista", o desaparecimento de tres dos nossos confrades fundadores: Sebastião Fernandes, Conego Luís Monte e Henrique Castriciano.

Não ha necessidade de alongarmos comentários ou impressões acerca dos academicos desaparecidos tal é a alta soma de serviços e méritos dos ilustres confrades, que abriram vagas e deixaram grande saudade, no seio da instituição.

Para eles, o tributo de veneração da "Revista".

INDICE DA "Revista" da Academia N. R. G. de Letras

Ano I — N°. 1 — 1951

AUTOR — TITULO	Pags.
Diretoria da Academia	3
Redação — Cumprimento de um voto (editorial)	5
CADEIRAS & PATRONOS :—	
Edgar Barbosa — Moreira Brandão em confronto com a nossa época (discurso de recepção)	9
Juvenal Lamartine — Amaro Cavalcanti (discurso de recepção)	16
Januario Cicco — Padre João Maria (discurso de recepção)	30
Luís da Câmara Cascudo — Saudação a Januario Cico	46
Nestor Lima — Almino Alvares Afonso (discurso de recepção)	53
Clementino Câmara — Ferreira Itajubá (discurso de recepção)	80
Virgilio Trindade — Saudação a Clementino Câmara	104
Antonio Fagundes — Joaquim Fagundes (discurso de recepção)	107
Nestor Lima — Saudação pela Academia	122
ARTES & LETRAS :—	
Mons. José Adelino — **Ad lucem versus**	131
Antonio Soares — TON NON (soneto)	135
Paulo Viveiros — A Cidade do Senhor	136
Palmira Wanderley — O Cantico daquela que espéra	140

Floriano Cavalcanti — Rui Barbosa e a necessidade do culto civico 142
Bezerra Junior — Destino 160
Nestor Lima — José Leão Ferreira Souto 163
Otto Guerra — A Questão Social 175
Nestor Lima — Recepção honrosa 183
Nestor Lima — Recordações 187
Carolina Wanderley — Imortal 191
Nestor Lima — Simbolismo da nossa Bandeira .. 192
EXPEDIENTE: — Novos Estatutos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (A. N. R. G. L.) 198
Novo Regimento Interno 202
Redação — Notas da Academia:
.. ..